

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ FABRÍCIO DE SOUZA

A RELIGIÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA DO PNLD 2018

CURITIBA

2020

ANDRÉ FABRÍCIO DE SOUZA

A RELIGIÃO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA DO PNLD 2018

Dissertação apresentada como requisito final à obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia, em Rede Nacional, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Eva Lenita Scheliga

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Souza, André Fabrício de

A religião nos livros didáticos de sociologia do PNLD 2018. / André Fabrício de Souza. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Eva Lenita Scheliga

1. Sociologia – Estudo e ensino. 2. Livros didáticos. 3. Religião. 4. Plano Nacional do Livro Didático (Brasil). I. Scheliga, Eva Lenita, 1975-. II. Título.

CDD – 307



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE
NACIONAL - 25016016039P8

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de ANDRÉ FABRÍCIO DE SOUZA intitulada: *A religião nos livros didáticos de Sociologia do PNLD 2018*, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 03 de Novembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

03/11/2020 16:25:55.0

MARISETE TERESINHA HOFFMANN HOROCHOVSKI

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

04/11/2020 12:46:09.0

ZULEIKA DE PAULA BUENO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

Assinatura Eletrônica

03/11/2020 16:31:44.0

SIMONE MEUCCI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

À minha mãe,
e a todas as minhas professoras e professores.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Mestrado Profissional em Sociologia, associado à Universidade Federal do Paraná, por possibilitar espaço de acolhimento e desenvolvimento intelectual.

Aos/às colegas da primeira turma do PROFSOCIO da UFPR, pelo espaço de partilha.

Aos/às professores da primeira turma do PROFSOCIO da UFPR, pela dedicação e cuidado. Especialmente, à Profa. Dra. Simone Meucci, que, também como coordenadora do curso, esteve sempre disposta a ouvir e a contribuir.

Aos/às colegas do grupo de pesquisa da Profa. Dra. Eva Scheliga, por contribuições valiosas, incentivo constante e acolhimento da angústia deste processo.

À Profa. Dra. Eva Scheliga, orientadora deste trabalho, por ser uma inspiração para mim. O respeito pelo seu trabalho de professora e pesquisadora, a atenção e cuidado dedicados à produção de seus/suas orientandos(as) e os seus ensinamentos e sugestões estarão marcados na minha trajetória, norteando toda a minha prática profissional.

Ao Isaac Jorge pela disposição em contribuir com o manejo técnico das imagens e das tabelas.

Às/ao minhas/meu amigas/amigo, Renata pelo colo de sempre, Laís pela escuta atenta, Chari pelos movimentos e Eduardo pela partilha.

À minha família, mãe, irmão, irmã e sobrinha, por me ensinar o sentido e a segurança da palavra lar.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é compreender de que maneira a religião se constitui como objeto das Ciências Sociais nos livros didáticos de Sociologia presente no Plano Nacional do Livro Didático de 2018. Para tanto, os objetos de estudo são compostos por dois livros de Sociologia, aprovados no PNLD 2018, o *Sociologia*, da Editora Scipione, e o *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, da Editora do Brasil. Esse trabalho se debruçou em investigar as formas de transposição do conhecimento científico para o conhecimento escolar, tendo por objetivos específicos a análise dos conceitos, autores, teorias e imagens presentes na obra didática. Para tanto, a metodologia utilizada foi a tabulação dos dados, construindo assim, um itinerário dos conceitos, autores, teorias e imagens mobilizadas na literatura didática, possibilitando como resultado a compreensão da religião enquanto conhecimento escolar.

Palavras-chave: Religião; Livro Didático; Sociologia; Tempos Modernos, Tempos de Sociologia.

ABSTRACT

This research's general aim is to comprehend in what way religion is constituted as an object of Social Sciences in the Sociology textbooks which are present in the 2018 National Textbook Plan (Plano Nacional do Livro Didático de 2018 – PNLD 2018). Hence, the object of study is composed of two “Sociologia” textbooks, approved by the PNLD 2018, Sociologia, from Editora Scipione, and “Tempos Modernos, Tempos de Sociologia”, from Editora do Brasil. This work focused on investigating ways of transposing scientific knowledge into school knowledge, having as specific objectives the analysis of concepts, authors, theories and images present in the didactic work. Therefore, the methodology applied was the tabulation of the data, thus building an itinerary of the concepts, authors, theories and images mobilized in the didactic literature, enabling as a result the comprehension of religion as a school knowledge.

Keywords: Religion; Textbook; Sociology; Tempos Modernos, Tempos de Sociologia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – De Olho no ENEM em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	29
FIGURA 2 – Monitorando a Aprendizagem em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	29
FIGURA 3 – Assimilando Conceitos em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	30
FIGURA 4 – Olhares Sobre a Sociedade no Livro Didático	31
FIGURA 5 – Exercitando a Imaginação Sociológica em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	32
FIGURA 6 – Fique Atento! em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	32
FIGURA 7 – Leitura Complementar em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	33
FIGURA 8 – A Primeira Missa no Brasil de Victor Meirelles	43
FIGURA 9 – Fiéis Acendendo Velas de Levi Bianco, em 2015	44
FIGURA 10 – Religiões com Mais Adeptos ao Redor do Mundo	45
FIGURA 11 – Oferenda ao Orixá Xangô de Luiz Tito, de 2016.....	46
FIGURA 12 – Marcha para Jesus de Fábio Nasi, de 2015	48
FIGURA 13 – Celebração do Ramadã de Reinaldo Canato, de 2015.....	49
FIGURA 14 – Ritual da Umbanda de Moacyr Lopes, de 2015	50
FIGURA 15 – Lavagem das Escadarias da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, de Raul Spinassé, de 2016	51
FIGURA 16 – Principais Religiões e Crenças no Brasil e Seus Seguidores	54
FIGURA 17 – Religiões no Brasil de 1940 a 2010 (%).....	55
FIGURA 18 – <i>Box</i>	56
FIGURA 19 – Estudaremos Neste Capítulo em <i>Sociologia</i>	58
FIGURA 20 – Pesquisa em <i>Sociologia</i>	59
FIGURA 21 – Debate em <i>Sociologia</i>	60
FIGURA 22 – Pausa Para Refletir em <i>Sociologia</i>	61
FIGURA 23 – Encontro com Cientistas Sociais em <i>Sociologia</i>	61
FIGURA 24 – Intelectuais Leem o Mundo Social em <i>Sociologia</i>	62
FIGURA 25 – Frases em Destaque em <i>Sociologia</i>	63
FIGURA 26 – <i>Box</i> em <i>Sociologia</i>	63
FIGURA 27 – Revisar e Sistematizar em <i>Sociologia</i>	64
FIGURA 28 – Teste Seus Conhecimentos e Habilidades em <i>Sociologia</i>	65
FIGURA 29 – Diálogos Interdisciplinares em <i>Sociologia</i>	66
FIGURA 30 – Descubra Mais em <i>Sociologia</i>	67
FIGURA 31 – Maomé, Jesus Cristo, Xangô e Buda.....	91
FIGURA 32 – Religiões Praticadas no Mundo	92
FIGURA 33 – Ritual para Iemanjá.....	93
FIGURA 34 – Lavagem das Escadarias na Igreja do Senhor do Bonfim	95
FIGURA 35 – Ritual na Aldeia Meruri.....	95
FIGURA 36 – Chico Xavier Psicografando.....	96
FIGURA 37 – População Evangélica no Brasil por Estado	97
FIGURA 38 – População Católica no Brasil por Estado	98
FIGURA 39 – Conflitos Religiosos	99
FIGURA 40 – Conflitos Religiosos no Mundo Contemporâneo I.....	101
FIGURA 41 – Conflitos Religiosos no Mundo Contemporâneo II.....	103
FIGURA 42 – <i>Box</i> Atividade: Pesquisa	104
FIGURA 43 – Manifestantes Indonésios	105
FIGURA 44 – Islâmicas em Ato Contra o Terrorismo.....	105
FIGURA 45 – Míssil em Desfile do Dia da República em Nova Délhi	106

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Livros Aprovados no PNLD de 2018	18
QUADRO 2 – Filtros para Categorias/Conceitos	25
QUADRO 3 – Filtros para Autores(as).....	25
QUADRO 4 – Filtros para Imagens	26
QUADRO 5 – Crença em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	34
QUADRO 6 – Fé em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	35
QUADRO 7 – Religiosidade em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	36
QUADRO 8 – Pluralismo Religioso em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	37
QUADRO 9 – Estado em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	37
QUADRO 10 – Objeto Sagrado, Ritual, Doutrina, Culto, Espaço Sagrado, Cura, Mediunidade e Divindade em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	38
QUADRO 11 – Max Weber em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	39
QUADRO 12 – Regina Novaes e Alexandre Fonseca em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	39
QUADRO 13 – Rober Bastidade, Antônio Pierucci e João do Rio em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	40
QUADRO 14 – Imagens em <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	41
QUADRO 15 – Intolerância Religiosa em <i>Sociologia</i>	68
QUADRO 16 – Diversidade Religiosa e Liberdade Religiosa em <i>Sociologia</i>	69
QUADRO 17 – Instituição Religiosa em <i>Sociologia</i>	70
QUADRO 18 – Estado em <i>Sociologia</i>	71
QUADRO 19 – Sagrado, Profano, Divindade e Transcendente em <i>Sociologia</i>	72
QUADRO 20 – Fenômeno Religioso em <i>Sociologia</i>	73
QUADRO 21 – Fé e Dogma em <i>Sociologia</i>	73
QUADRO 22 – Crença em <i>Sociologia</i>	74
QUADRO 23 – Mito, Politeísmo, Monoteísmo e Ritual em <i>Sociologia</i>	76
QUADRO 24 – Globalização em <i>Sociologia</i>	77
QUADRO 25 – Fundamentalismo Religioso em <i>Sociologia</i>	78
QUADRO 26 – Religiosidade em <i>Sociologia</i>	78
QUADRO 27 – Sincretismo Religioso em <i>Sociologia</i>	79
QUADRO 28 – Campo Religioso em <i>Sociologia</i>	79
QUADRO 29 – Conflito Social em <i>Sociologia</i>	80
QUADRO 30 – Émile Durkheim em <i>Sociologia</i>	81
QUADRO 31 – Karl Marx em <i>Sociologia</i>	81
QUADRO 32 – Max Weber em <i>Sociologia</i>	82
QUADRO 33 – Clifford Geertz em <i>Sociologia</i>	82
QUADRO 34 – Pierre Bourdieu em <i>Sociologia</i>	83
QUADRO 35 – Alain de Botton, Jean Baechler, Renato Ortiz e Antônio Flávio Pierucci em <i>Sociologia</i>	83
QUADRO 36 – Pierre Sanchis e Roberto DaMatta em <i>Sociologia</i>	84
QUADRO 37 – Roger Bastide, Maria Queiroz, Alba Guimarães e Regina Novaes em <i>Sociologia</i>	85
QUADRO 38 – Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Eric Hobsbawm e Carl Clausewitz em <i>Sociologia</i>	86
QUADRO 39 – Imagens em <i>Sociologia</i>	87

LISTA DE SIGLAS

CF	Constituição Federal do Brasil
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
DCEB	Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná
ENESEB	Encontro Nacional de Ensino de Sociologia
MEC	Ministério da Educação
OCN	Orientações Curriculares Nacional para o Ensino Médio
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
PSS	Processo de Seleção Simplificada

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 COMO COMECEI.....	13
1.2 COMO OLHEI.....	22
1.3 O QUE FIZ NESTA INVESTIGAÇÃO	26
2 PLURALIZANDO A RELIGIÃO: A DIVERSIDADE COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM “TEMPO MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA”	28
2.1 A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO.....	28
2.2 ENTRE CONCEITOS, AUTORES E TEORIAS	34
2.3 O QUE CONTAM AS IMAGENS?	40
2.4 CONSTRUINDO A DIFERENÇA, EMERGINDO RITOS	42
2.5 VÍNCULOS INSTITUCIONAIS: PRODUZINDO MARCOS HISTÓRICOS, DESENHANDO A NARRATIVA	52
3 DISPUTANDO A RELIGIÃO: OS CONFLITOS COMO BALIZADORES DO CAMPO RELIGIOSO EM “SOCIOLOGIA”	58
3.1 A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO.....	58
3.2 ENTRE CONCEITOS, AUTORES E TEORIAS	67
3.3 O QUE CONTAM AS IMAGENS?	86
3.4 A RELIGIÃO “AQUI”: A PLURALIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA....	90
3.5 ENTRE ARMAS, BALAS E TANQUES: O CONFLITO COMO CATALISADOR DA RELIGIÃO	99
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	111

1 INTRODUÇÃO

1.1 COMO COMECEI

Este trabalho é resultado do esforço para compreender como o livro didático de Sociologia se apropria do tema religião, ou seja, de que maneira o conhecimento científico é transposto para o conhecimento didático. O processo de construção desta dissertação focou em investigar de que maneira as partes – modalidades editoriais (*boxes*, indicações, destaques) e as modalidades pedagógicas (conceitos, temas, imagens, atividades, autores, teorias) – articulam-se para formar o todo: o conjunto-livro.

Este exercício se originou devido ao desejo de contribuir com os/as colegas professores(as) de Sociologia para que haja uma expansão das possibilidades de manuseio do material didático, bem como de fortalecer a noção de que o livro didático é um objeto passível de investigação científica, resultando uma apropriação pedagógica mais profunda. A reflexão proposta foi orientada pela minha prática pedagógica e pelos desafios enfrentados durante a minha trajetória docente.

Era um tempo de novos olhares. No ano de 2017, mudei-me para Curitiba, vindo de Maringá. Naquele momento, era recém graduado em Ciências Sociais – Licenciatura, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e o interesse por ministrar aulas era latente. Inscrevi-me no Processo Seletivo Simplificado, o famoso PSS: um programa de contratação de professores substitutos para a Educação Básica do Estado do Paraná. Convocado, assumi aulas em três escolas diferentes na periferia Sul da cidade e ministrei diversas disciplinas. Dentre elas, Sociologia para as três séries do Ensino Médio, Fundamentos do Trabalho para os cursos técnicos em Administração e Recursos Humanos, Sociologia das Organizações para o curso técnico em Administração, bem como Ensino Religioso para o Fundamental II. Tudo era novidade e demandava muito trabalho, embora me deslumbrasse.

Neste contexto, algo me chamou muita atenção: a religião e a educação mantinham uma relação deveras estreita. Uma das escolas, na qual fui lotado com 10h/a, o Colégio Padre Morelli, era administrada por uma das igrejas católicas do bairro – a Paróquia São Pedro - e seu prédio, inclusive, ficava nas dependências da paróquia, tendo a igreja grande interferência na gestão escolar e no currículo escolar. Exemplos disso eram as indicações diretas da direção escolar pelo padre em

exercício, as atividades curriculares interligadas às demandas da igreja – eventuais missas, visitas de ministros da igreja para conversas com os alunos, eventos de espiritualidade cristã, e a religiosidade da equipe pedagógica que, nos espaços de convivência, faziam procedimentos cristãos: orações, rezas etc.

Envolvido com o colégio, fui convidado pela diretora a dar aulas de Ensino Religioso para duas turmas de 7º. ano. Ao passo que era desafiador, estimulava e intrigava. Então, mergulhei em um universo religioso que existia dentro da escola. Por esses motivos, mais a ausência de experiência com a disciplina, comecei a questionar-me: que tipo de material era utilizado para abordar a temática de religião na escola? Como religião aparecia em um livro didático? Nesse cenário, a saída foi retornar à minha formação: como os materiais didáticos de Sociologia tratam a religião?

Esta experiência de imersão, em uma atmosfera religiosa, além dos questionamentos sobre as produções didáticas referentes à religião, foi como um estopim para a pesquisa que desenvolvi no Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, associada Universidade Federal do Paraná. Intitulada “A religião nos livros didáticos de Sociologia no PNLD 2018”, a dissertação teve como objetivo geral investigar de que modo a religião se constitui como objeto de análise sociológica nos livros didáticos de Sociologia.

Vale retomar um pouco da trajetória das Ciências Sociais na Educação Básica. Em 2008, a Sociologia começou a integrar os currículos do Ensino Médio como disciplina escolar obrigatória, cuja Lei 11.684 estabeleceu a obrigatoriedade de 2 horas/aulas semanais em todas as séries do nível médio (BRASIL, 2008). Tal determinação ocorreu após uma grande intermitência da disciplina nas escolas brasileiras (OLIVEIRA, 2013), haja vista que a sua primeira aparição se data ainda no século XIX¹, sendo, desde então, marcada por uma instabilidade até o início do século XX², o que possibilita alguns questionamentos acerca do ensino sociológico: Como ensinar Sociologia? Quais conteúdos ministrar? Quais habilidades os/as alunos/as precisam desenvolver? De que modo construir um currículo básico?

¹ A primeira sinalização sobre conteúdos de Sociologia ocorreu com a Reforma Benjamin Constant, em 1890, na qual a disciplina “Sociologia e Moral” apareceu como componente obrigatório no Ensino Secundário.

² Reforma Rocha Vaz, em 1925, Reforma Francisco Campos, em 1931.

No início dos anos 2000, alguns cientistas sociais detiveram-se em estudos da Sociologia como componente curricular da escola média, mas, de acordo com Moraes (2010), o escopo teórico e prático da transposição dos conhecimentos acadêmicos para o conhecimento escolar e das práticas pedagógicas era incipiente. No entanto, importantes movimentações acadêmicas e políticas de sociólogos contribuíram de forma significativa para que, em 2006, a disciplina aparecesse nas orientações curriculares para o Ensino Médio do Ministério da Educação. Essas orientações dispunham sobre as competências, habilidades e práticas pedagógicas, criando, assim, um arcabouço inicial para o ensino da disciplina na escola, além de alavancarem, nas academias brasileiras, temas de pesquisas científicas preocupados com o currículo e com as práticas pedagógicas para o ensino de Sociologia.

Neste caminho, no estado do Paraná, em 2008, foram publicadas as diretrizes curriculares para a Educação Básica que versavam, de modo mais concreto, sobre a formulação do currículo e das práticas didáticas a serem encaradas pelos(as) professores da rede de ensino da educação, sendo eles: problemas teórico-clássicos, problemas metodológicos e problemas pedagógicos. Ao elencá-los, as diretrizes construíram, por meio da proposição dos “conteúdos estruturantes” e “conteúdos básicos”, um currículo prévio para elencar alguns temas, nos quais seriam abordadas desde as teorias clássicas até as contemporâneas, objetivando contemplar as três áreas das Ciências Sociais: a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política.

Assim, no contexto escolar, a religião aparece no conteúdo estruturante com distintas nomenclaturas e referências, por exemplo a “religião” e o “fenômeno religioso”, desdobrando-se em conteúdos básicos como “A religião para a Sociologia”, a “intolerância religiosa”, a “diversidade religiosa”, o “pluralismo religioso”, os “conflitos religiosos”, dentre outros. A heterogeneidade de tais conteúdos ocorre porque a constituição dessas diretrizes locais de currículo – conteúdos estruturantes e básicos – acompanham o Projeto Político Pedagógico (PPP), produzido por cada escola. Embora as orientações curriculares tenham traçado panoramas gerais para o ensino de Sociologia, elas não chegaram a criar um currículo determinado para a disciplina (MORAES, 2008), o que parece impulsionar o debate em torno do que é currículo e de como aplicá-lo no ensino, possibilitando e acalorando pesquisas acadêmicas em torno dessa agenda.

Conteúdos e práticas pedagógicas localizam-se no cerne do ensino de Sociologia. Se por um lado existem as orientações nacionais e as estaduais que

propõem formas de escolhas em sala de aula, por outro, levanta-se intensamente a discussão: O que a Sociologia ensina? Para Moraes (2010), não se trata apenas da escolha de conteúdo, uns em detrimento de outros, ou ainda, sobre uma extensa quantidade deles, mas sim de uma feliz articulação entre currículos e metodologias. Dessa maneira, o problema que se coloca é mais do que uma simples definição de conteúdo a serem ministrados, é também sobre a forma como eles são ensinados, pois, se o currículo está diretamente ligado às escolhas intelectuais e pedagógicas dos(as) professores(as) conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, não só o *que* ensinar se revela importante, mas também o *como*.

Portanto, ao pensar a religião como um conteúdo importante para o currículo da Sociologia, as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) formularam a entrada do tema no currículo de modo mais específico. Primeiramente, por meio da noção de Instituição Religiosa:

Os autores clássicos deitaram seu olhar sobre o fenômeno social da religião. As religiões nascem da exigência de explicar a origem do universo, o mistério da morte, a relação entre homem e natureza, a expectativa do transcendental, a diferença entre o profano e o sagrado, a matéria e o espírito, o natural e o sobrenatural. Mas, essas oposições geram ambiguidades e remetem à condição humana; a Sociologia procura, então, explicar a religião pela garantia da ordem e da coesão sociais, ressaltando o seu fundamento moral. A existência social de religiões tem por base a vontade de crer dos sujeitos, em cujas crenças e respectivas práticas sociais formam o seu conteúdo numa construção lógica de manifestação coletiva (PARANÁ, 2008, p. 78).

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008) reafirmaram também que, para além da instituição religiosa, seria importante constar nos currículos uma abordagem dos teóricos clássicos Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber sobre a religião. No contexto de surgimento das diferentes abordagens teóricas da Sociologia, a religião apareceu nas reflexões dos seus principais percursores, entendida como um sistema social que une indivíduos em uma comunidade moral, como um fenômeno eminentemente coletivo (DURKHEIM, 1996), que pode ser compreendida ainda como uma superestrutura que atravessa o conflito de classes, marcada pela alienação que mascara tal conflito (ENGELS; MARX, 1843), assim como um sistema estruturado de símbolos pelos quais indivíduos organizam e orientam determinada ética (WEBER, 2004).

Refletir de que maneira a religião se constitui nos livros didáticos de Sociologia, em certa medida, fez com que eu voltasse os olhos para o Programa Nacional do Livro

Didático, já que esse programa incide de modo prescritivo sobre a produção editorial do material didático tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. No contexto do primeiro PNLD, de 2012, em que a Sociologia era um componente, reafirmada nas edições posteriores, os critérios específicos da seleção deram-se da seguinte maneira: a) assegurar a presença das três áreas das Ciências Sociais: a Antropologia, a Sociologia e a Ciência política; b) garantir que as Ciências Sociais se apresentassem como um campo científico rigoroso, composto por estudos clássicos e recentes, por diferenças teóricas, metodológicas e temáticas; c) permitir, por meio de mediação didática exitosa, que o aluno desenvolvesse uma perspectiva analítica do mundo social; por fim, d) servir como uma ferramenta de auxílio de trabalho docente, preservando-lhe a autonomia.

Com a Lei 11.648/2008 (BRASIL, 2008), a Sociologia passou a integrar o currículo do Ensino Médio como componente obrigatório nas suas três séries iniciais. Em decorrência disso, adentrou o edital de convocação de inscrição do PNLD em 2009, tendo por intento a distribuição dos livros em 2012. Em sua primeira versão, o Guia do Livro Didático (BRASIL, 2012), enfatiza as três dimensões de atuação do material didático: I) Didático-Pedagógica; II) Social; e III) Política. A primeira refere-se a oferecer ao aluno a capacidade de estranhar e desnaturalizar o mundo, já a segunda dimensão de atuação relaciona-se à possibilidade de que ao menos uma parcela de estudantes tenha acesso a um bem cultural, e, a última, a dimensão política, que versa sobre a distribuição gratuita dos livros didáticos, podendo contribuir para o desenvolvimento da escola pública.

Posso perceber que as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006), do MEC, e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008), da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, normatizou os conteúdos dedicados ao ensino de Sociologia na escola média, principalmente no Paraná, por haver uma Orientação Curricular específica.

Na edição do PNLD de 2012 (BRASIL, 2009) foram inscritas doze obras, sendo aprovadas apenas duas delas: o livro *Sociologia para o Ensino Médio* de Nelson Dácio Tomazi, pela Editora Saraiva e *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Helena Garchet e Bianca de Freire Medeiros, pela Editora do Brasil. O cenário é um tanto diferente na 3ª. edição, quando a Sociologia esteve presente no edital de seleção para o PNLD de 2018, em que foram inscritas doze obras, sendo aprovadas cinco delas: *Sociologia*, de Benilde Motim, Maria Aparecida Bridi e Silvia Maria de Araújo, da

Editora Scipione; *Sociologia Hoje*, de Celso Rocha de Barros, Henrique Amorim, Igor de Renó Machado, da Editora Ática; *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Bianca Freire-Medeiros, Helena Bomeny, Julia O'Donnell e Raquel Emerique, da Editora do Brasil; *Sociologia em Movimento*, de Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cássia Miranda, Fátima Ferreira, Lier Pires Ferreira, Marcella Serrano, Marcelo Araújo, Marcelo Costa, Martha Nogueira, Otair Fernandes de Oliveira, Paula Menezes, Raphael Corrêa, Rodrigo Pain, Rogério Lima, Tatiana Bukowitz, Thiago Esteves e Vinicius Mayo Pires, da Editora Moderna; e, por fim, o livro *Sociologia para os Jovens do Século XXI*, de Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo Rocha da Costa, da Editora Imperial Novo Milênio.

QUADRO 1 – Livros Aprovados no PNLD de 2018

Título	Autoria	Editora	Edição e Ano	nº de capítulos	nº de páginas	PNLDs anteriores	
						2012	2015
Sociologia	Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim	Scipione	2ª edição 2017	12	488		x
Tempos Modernos, Tempos de Sociologia	Helena Bomeny, Bianca Freire-Medeiros, Raquel Balmant Emerique e Julia O'donnell	Editora do Brasil	3ª edição 2016	22	496	x	x
Sociologia Hoje	Igor de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros	Ática	2ª edição 2017	15	504		x
Sociologia para jovens do Século XXI	Luiz Fernandes de Oliveira e Ricardo César Rocha da Costa	Imperial Novo Milênio	4ª edição 2016	24	511		x
Sociologia em Movimento	Afrânio Silva, Bruno Loureiro, Cassia Miranda, Fátima Ferreira, Lier Ferreira, Marcela Serrano, Marcelo Araújo, Marcelo Costa, Martha Nogueira, Otair de Olivera, Paula Menezes, Raphael Corrêa, Rodrigo Pain, Rogério Lima, Tatiana Bukowitz, Thiago Esteves e Vinicius Mayo Pires	Moderna	2ª edição 2016	15	512		x

FONTE: O autor.

Em todos os livros, o tema religião aparece. De modo mais acentuado em uns, menos em outros, sendo expresso na variação que se dá entre a mera citação de tal categoria na Sociologia clássica de Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber, até capítulos inteiros dedicados à compreensão do fenômeno religioso. Percebi também, no levantamento prévio que efetuei, que tal categoria se aloca nos livros didáticos nas três diferentes áreas das Ciências Sociais, mobilizando autores, conceitos e teorias referentes aos diversos campos do saber. Dentre os materiais, destaca-se o livro didático *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017), da Scipione, que dedicou um capítulo à discussão do tema, intitulado como “Sociedade e Religião”.

Nele, a introdução do capítulo anunciou uma viagem por diversos recortes possíveis acerca do tema religião, contendo, no seu interior, subtemas variados, como: A religião como instituição social, o fenômeno religioso, intolerância religiosa, a

religião na Sociologia clássica, religião e globalização, fundamentalismo religioso, conflitos religiosos no mundo, religião e direitos humanos e religiosidade no Brasil.

Outro material didático selecionado pelo PNLD 2018, que se destaca pela multiplicidade de subtemas da religião, é o livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et al., 2017), publicado pela primeira vez, em 2016, pela Editora do Brasil, que também possui um capítulo dedicado ao debate do tema, sob o título: “O Brasil ainda é um país católico?”. O conteúdo foi organizado em itens e subtemas como: sociedade e religião, sociologia da religião, religião dos brasileiros, história das religiões no Brasil, Estado e religião, diversidade religiosa, novas religiões. Assim, optei pela investigação de duas obras de literatura didática específicas: *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, de Bomeny et al. (2017) e o *Sociologia*, de Araújo; Bridi; Motim (2017), haja vista a substancialidade dos dados presente nelas.

Vale pontuar que a análise de materiais didáticos de Sociologia em teses e dissertações acompanhou o fortalecimento do campo de ensino de Sociologia a partir de 2000, como nos mostrou Handfas (2017). Ao pensar sobre materiais didáticos, Engerrof (2017) apontou que o livro pode ser entendido como um objeto paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que ele é tido como um objeto menor, por servir apenas ao trabalho educacional, em contramão, há um crescente interesse de pesquisadores nesse objeto de estudo, por considerá-lo um legitimador da Sociologia no Ensino Médio. Nos últimos anos, diversos pesquisadores e pesquisadoras, como Meucci (2014), Barbosa (2015), Lima (2015), Silva (2015), Engerrof (2017), dedicaram-se a entender de que modo determinados temas e/ou categorias, como crime, cidadania, negro, gênero, indígena, pensamento social brasileiro etc., constituíram-se como objetos de análise sociológica dentro das obras didáticas de Sociologia, traçando caminhos possíveis para esse tipo de investigação.

Em levantamento bibliográfico, na etapa inicial do trabalho, não localizei estudos sobre a constituição da religião nos livros didáticos de Sociologia. Emerson Giumbelli (2010), em seu texto “A religião nos limites da simples educação: notas sobre os livros didáticos e orientações curriculares de ensino religioso”, forneceu grandes contribuições para esse tipo de análise, ao averiguar de que modo a religião era interpretada na legislação da disciplina escolar de Ensino Religioso, destacando um conjunto de materiais didáticos que se destinavam a esse componente curricular, bem como apontou caminhos para a análise da religião em livros didáticos. Nesse sentido, levantei estudos que investigassem os manuais didáticos como uma

ferramenta de ensino. Para tal, o recorte se estabeleceu de 2000 a 2018, pois a Sociologia só se configurou como componente obrigatório nacional em 2008, embora alguns estados brasileiros tivessem aderido ao seu ensino a partir de 2000.

Dentro desse recorte temporal, realizei primeiramente uma busca de teses e dissertações no Banco de Teses da Capes, com as seguintes palavras-chave: material didático ensino de Sociologia, material didático Sociologia, livro didático ensino de Sociologia e livro didático Sociologia. A segunda etapa consistiu em um levantamento de periódicos com dossiês sobre o ensino de Sociologia na base de Periódicos da Capes. Assim, encontrei vinte e três trabalhos entre dissertações, teses e artigos em periódicos, os quais foram classificados em três grupos: I) Análise de manuais didáticos como história da disciplina, II) Formação de professores e livros didáticos, e, por fim, o que tange a este estudo III) Análise de categorias sociológicas em livros didáticos.

Referente à “Análise de manuais didáticos como história da disciplina em programas de pós-graduação”³, foram encontradas sete dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, sendo: Campos (2015); Desterro (2016); Gouvêa (2015); Lima (2015); Maçaira (2017); Meucci (2000); Peruchi (2009); e Sarandhy, (2004). Esses trabalhos, em certa medida, elegeram os livros didáticos como objeto de estudo das Ciências Sociais, isto é, um componente importante para a compreensão da história da Sociologia como uma disciplina escolar. Com exceção de dois trabalhos realizados em 2000 e 2004, a produção acerca de materiais didáticos fortaleceu-se a partir da década de 2010, sendo, possivelmente, um desdobramento da inserção da disciplina na escola e de sua presença no PNLD (BRASIL, 2012, 2015, 2018).

Já ao que tange aos artigos presentes em dossiês sobre o “Ensino de Sociologia”, foram localizados cinco trabalhos: Meucci (2007); Eras (2016); Handfas (2013) e Cigales (2015). Quanto à categoria “Formação de professores e livros didáticos em programas de pós-graduação”, foram encontradas duas dissertações de mestrado e uma tese de doutorado: Cavalcante (2015); Queiroz (2016) e Campos (2002). Nos dossiês de “Ensino de Sociologia em periódicos”, apenas um trabalho foi localizado: Cavalcante e Silva (2012).

Independentemente da natureza dos trabalhos, notei um certo padrão de produção: as pesquisas começaram a fortalecer-se com a obrigatoriedade da

³ As aspas nesta seção foram utilizadas para destacar os nomes dos agrupamentos feitos devido à natureza da pesquisa.

disciplina de Sociologia no Ensino Médio e a sua entrada no PNLD (BRASIL, 2012). Boa parte dos estudos foram realizados depois de 2012, quando aconteceu a primeira distribuição dos livros didáticos da disciplina. Esse movimento de pesquisa produziu uma dupla alavancada na Sociologia, primeiro por contribuir com o processo de fortalecimento da disciplina na escola e, segundo, por fortalecer o livro didático como um objeto de estudo das Ciências Sociais.

A última categoria “Análise de categorias sociológicas em livros didáticos”, que, de maneira geral, dialoga com a pesquisa que proponho e da qual a investigação pretende aproximar-se, foi encontrada, em programas de Pós-graduação, três dissertações de mestrado, a saber: Barbosa (2015); Lima (2014) e Silva (2016). Ao que tange aos artigos publicados em dossiês sobre o ensino de Sociologia, foram localizados três trabalhos: Meucci (2014); Gaedtke (2015); Carmo e Nascimento (2015).

É notório que após a primeira distribuição de livros de Sociologia pelo PNLD (BRASIL, 2012), novas formas de olhar para o material foram introduzidas no campo de pesquisa. Se nos primeiros anos do século XXI, a agenda de investigação debruçava-se em entender a trajetória da disciplina e as suas implicações, a partir de 2013, foram inseridas discussões em torno dos conteúdos, ou seja, sobre a sua *forma*.

Pontuo que, neste levantamento preliminar, foram encontrados vinte e três trabalhos entre artigos, dissertações e teses que se referem à análise de materiais didáticos. Nesse sentido, saliento a importância do PROFSOCIO, Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, o qual forneceu um espaço para o desenvolvimento da prática pedagógica de professores da rede básica de ensino, bem como promoveu a figura do professor-pesquisador, por meio da pesquisa de metodologias, práticas e conhecimento científico do ensino de Sociologia. Cabe destacar também que todas as produções acadêmicas elencadas, na categoria “Análise de categorias Sociológicas nos livros didáticos”, foram produzidas como trabalhos finais do Mestrado Profissional em Sociologia da Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, o que enriqueceu de forma significativa o campo do ensino de Sociologia.

De grande significância foi também o processo de fortalecimento das licenciaturas por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) que, fundado em 2007, objetivava o desenvolvimento do ensino nas escolas da rede pública, bem como a formação de estudantes da licenciatura. Além

disso, houve o reconhecimento da pesquisa em ensino pelos eventos e organizações das Ciências Sociais, sendo criado o Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica (ENESEB) como parte do Congresso Brasileiro de Sociologia. Do mesmo modo, foram introduzidos grupos de trabalho de Ensino de Sociologia em diversos eventos, seminários e congressos de Ciências Sociais.

Contudo, ao observar a relevância do PNLD, neste processo de fortalecimento da disciplina de Sociologia, percebi que a edição de 2018 teve doze obras inscritas, sendo apenas cinco aprovadas para a distribuição nas escolas, o que expressa que mais da metade dos livros didáticos submetidos à análise não cumpriram os critérios estabelecidos por edital, o qual versou sobre a presença das três áreas das Ciências Sociais, sobre o rigor teórico-conceitual, bem como a eficácia das mediações pedagógicas. Por esses motivos, a pesquisa aqui proposta justifica-se, primeiramente, pela contribuição ao campo do Ensino de Sociologia, pois a análise de materiais didáticos é necessária, considerando a produção latente em torno do Plano Nacional do Livro Didático, além do fortalecimento de pesquisas sobre o ensino e o desenvolvimento da educação básica.

A pesquisa também se mostra oportuna, ao considerar que, dentre os vinte e três trabalhos produzidos sobre os livros didáticos, nenhum aborda a intersecção entre religião e materiais didáticos de Sociologia (embora haja uma grande contribuição de pesquisas que aproximam religião e materiais didáticos de Ensino Religioso). Tal categoria reserva grande importância na produção teórica da Sociologia por expressar uma dimensão da vida social, por estar presente como objeto de estudo na Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Contudo 1a aproximação com o ensino se realiza de modo tímido, e, quando realizada, foca-se no Ensino Religioso.

Assim, investigar as maneiras como a categoria religião aparece nos livros didáticos de Sociologia contribui para o enriquecimento de sua base teórica, o que possibilitará um maior adensamento de discussões sobre o objeto, atuando de forma interventiva nas escolhas pedagógicas e didáticas de professores(as), além de qualificar as aulas e proporcionar real contribuição para a interpretação do fenômeno religioso no Brasil.

1.2 COMO OLHEI

A presente pesquisa tem por intuito fazer uma investigação qualitativa do tipo documental. Tal tipo de investigação requer o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados, buscando-se novas interpretações e/ou complementares (GODOY, 1995, p. 21). Os livros didáticos são entendidos como bens culturais e documentais (FREITAG; COSTA; MOTA, 1989), exigindo-se, assim, debruçar-se sobre suas características narrativas, textuais e propositivas.

Para cumprir com o objetivo geral deste trabalho, isto é, o de compreender de que maneira a religião se constitui como objeto de análise sociológica nos livros dos/das estudantes, conforme o Programa Nacional do Livro Didático, de 2018, algumas escolhas se fizeram necessárias. A categoria religião aparece em todos os livros didáticos aprovados no PNLD de 2018), em algumas obras de forma mais sucinta, como mera citação, em outras, há capítulos inteiros destinados à discussão do fenômeno religioso. Diversos dados sobre a religião no Brasil são mobilizados e diversos recortes são utilizados para tratar o tema.

Desse modo, selecionei duas obras didáticas para análise, sendo elas: *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et. al, 2017) e *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017). A escolha ocorreu, principalmente, pela substancialidade de dados contidas nelas, já que ambas possuem um capítulo dedicado à religião.

Os livros didáticos se colocam como uma unidade. Um instrumento final. Contudo a sua constituição elabora-se de forma fragmentada. Meucci (2014, p. 215) problematiza que “a escrita didática é uma operação que cria um ambiente no qual o texto base dos autores é composto por outros textos e recursos, movidos e posicionados para criação de certos efeitos específicos”. À luz dessa pontuação e do contato empírico com o material didático, percebi que ele se constitui por diversas linguagens comunicativas, as quais se relacionam entre si, objetivando constituir um quadro geral. Os livros do/da estudante⁴ constroem-se – cada um ao seu modo – mobilizando variados artefatos pedagógicos, como: a produção textual dissertativa, *boxes* com conceitos em destaque, *boxes* de complementação teórica, imagens, atividades, indicações de filmes, livros, *sites*, lugares.

É importante destacar, todavia, que o edital de chamamento para inscrição de livros didáticos 004/2015 (BRASIL, 2015) estabeleceu critérios a serem cumpridos

⁴ Os livros são popularmente chamados de “livros do aluno”. Objetivando a utilização de linguagem não genericada, assumirei a expressão “livro do/da estudante”.

pelas editoras e autoras, os quais interferem diretamente na organização do material. Todos os elementos constitutivos precisavam estar em consonância com a proposta pedagógica, como anuncia o item 2.1.3.b., sendo necessário apresentar coerência entre a fundamentação e o “conjunto de textos, atividades, imagens, exercícios, etc. que configuram o livro do estudante; no caso de recorrer a mais de um modelo teórico metodológico de ensino, deverá indicar claramente a articulação entre eles” (BRASIL, 2015).

Decompor esta aparente unidade, desnaturalizando a estrutura do livro didático, tornou-se o exercício central da minha pesquisa. A decisão para adotar essa postura ocorreu no próprio processo de elaboração da investigação. Lembro-me de que, nos procedimentos iniciais da pesquisa, chegava às reuniões de orientação muito angustiado por não saber como olhar para o livro didático, para poder analisá-lo. Já tinha lido, relido e tudo parecia muito difícil de ser compreendido. Compartilhei essa angústia com a Eva, minha orientadora. De pronto, ela disse: por que não tabular os dados? Já de início me pareceu uma maneira satisfatória de organizar preliminarmente os meus dados, assim, poderia trabalhar com mais afinco cada conceito, categoria, autor e autora, imagens e todos os elementos que compõem o livro didático.

No início da pesquisa, nossa orientadora mantinha um grupo coletivo para orientação. Semanalmente, discutíamos o trabalho de cada um/uma, todos(as) participantes do grupo faziam a leitura prévia do texto e, no encontro semanal, a produção do/da colega era amplamente debatido. Era um espaço de muita partilha e muito aprendizado. Na semana posterior à minha orientação individual, discutimos o trabalho da Geovana Vargas, a qual se dedicava à análise dos documentos de uma escola confessional. Para tanto, ela havia realizado um trabalho rigoroso e atencioso de tabulação de tais dados. Em seu trabalho, discutia uma Antropologia de Documentos e, para dar corpo à discussão, tabulou informações provenientes de atas, documentos gerais, ofícios, produzidos no seu campo (VARGAS, 2019).

A sugestão da minha orientadora, combinada à experiência da colega do grupo de pesquisa, foi força motriz para a organização dos meus dados. Estava decidido a tabulá-los, pois a análise dos quadros tornaria possível a observação das narrativas no conjunto geral do livro didático, além de perceber de que maneira cada elemento, posicionado dentro da obra, articulava-se com os outros, revelando quais mecanismo eram utilizados para compor-se o todo. Após algumas tentativas e revisão dos

elementos necessários para absorver as lógicas presentes, cheguei às seguintes tabulações:

QUADRO 2 – Filtros para Categorias/Conceitos

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
-------------------------	----------------------------	-------	--------------------	-----

FONTE: O autor.

O Quadro 2 apresenta os filtros utilizados para a identificação dos conceitos e categorias mobilizadas no livro didático. No filtro *categoria/conceito* foram alocados todos os conceitos das ciências sociais apresentados no decorrer do material. O filtro *contexto de acionamento* possibilita a observação de como são apresentados os conceitos e a que eles se articulam, podendo a partir de *seção* e *título da seção*, identificar em qual parte gráfica do livro eles se encontram.

Para investigar as teorias, também utilizei da tabulação de dados:

QUADRO 3 – Filtros para Autores(as)

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
-------	-----------------------------------	--------------------------------------	-------	--------------------	-----

FONTE: O autor.

O Quadro 3 mostra os filtros utilizados para identificar os autores/as e as teorias utilizadas no livro didático. O primeiro, identifica o/a autor/a, podendo perceber, desse modo, quem foi citado no material. O segundo e o terceiro referem-se aos conceitos e aos contextos de acionamento deste/a autor/a, facilitando a percepção da teoria articulada ao mesmo. Os filtros subsequentes permitem reconhecer em quais seções dos livros as teorias foram empregadas. Desse modo, tive um panorama geral das teorias articuladas no livro.

Um recurso didático muito utilizado nos livros didáticos são as imagens. As suas origens são as mais variadas, seja pela tradição de utilizar-se imagens para ilustrar um texto, ou, nesse caso em questão, pela determinação dos critérios de análise de livros didáticos presente no edital 004/2015 do PNLD (BRASIL, 2015). Schwarcz (2014), em seu texto “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais”, afirmou a importância de “vasculhar usos de imagens não como ilustrações, mas como documentos que, assim como os demais, constroem modelos e concepções” (SCHWARCZ, 2014, p. 393).

Com esta premissa, a autora contribuiu para o estudo do livro didático ao inferir que as imagens não seriam meras alegorias do texto escrito, não agiriam apenas como reflexo, mas sim, potencializando uma investigação mais apurada, elas poderiam ser vistas “como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam” (SCHWARCZ, 2014, p. 395). Desse modo, também realizei uma tabulação das imagens utilizadas no livro didático, a fim de oferecer um tratamento mais cuidadoso e investigar as formas e os discursos que elas assumem na obra.

QUADRO 4 – Filtros para Imagens

Tipo	Autoria / Ano	Descrição	Seção	Título da Seção	Pg.
------	---------------	-----------	-------	-----------------	-----

FONTE: O autor.

O Quadro 4, por sua vez, indica os filtros utilizados para a identificação das imagens contidas na obra didática. Primeiramente, localizei os tipos de imagens identificadas: fotografias, pinturas, gráficos, tabelas etc., a fim de perceber quais eram as linguagens visuais utilizadas. O segundo filtro refere-se à autoria e ao ano, o que evidencia em qual contexto a imagem foi produzida, por quem e em quais condições. No filtro “descrição”, foram produzidas leituras a partir da imagem, sendo os filtros subsequentes capazes de localizar, no livro didático, em quais seções tais imagens foram usadas.

A tabulação dos dados do livro didático possibilitou um olhar apurado para o objeto de análise, além de facilitar o exame de cada conceito, teoria e imagem, enriquecendo, assim, a análise aqui proposta.

1.3 O QUE FIZ NESTA INVESTIGAÇÃO

A presente pesquisa é composta por dois capítulos. O primeiro, “Pluralizando a religião: a diversidade como mediação de saberes em Tempos Modernos, Tempos de Sociologia”, dedica-se à análise do livro didático *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et al., 2017). O segundo capítulo: “Disputando a religião: os conflitos como balizadores do campo religioso em Sociologia”, analisa o material didático *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017).

Os dois capítulos seguem a mesma estrutura. No início, faço uma descrição da sua organização, compreendendo todos os elementos textuais e gráficos. Em seguida, apresento o levantamento dos conceitos, categorias e teorias, discutindo como eles são mobilizados no texto e a sua recorrência. Apresento, depois, as imagens (fotografias, tirinhas, gráficos, quadros, tabelas, mapas, ilustrações), com uma descrição e discussão sobre a sua localização na obra didática. Posteriormente, realizo uma análise de como a religião é construída no livro didático. Por fim, na conclusão, realizo uma comparação entre as duas obras didáticas, a fim de contribuir para a compreensão do modo que a categoria religião é construída no Plano Nacional do Livro Didático, de 2018.

2 PLURALIZANDO A RELIGIÃO: A DIVERSIDADE COMO MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM “TEMPO MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA”

2.1 A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Além da construção textual corrida pelas páginas, *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et al., 2017) foi organizado pelas autoras a partir de quatorze itens, a saber: Em Cena, Apresentando o Autor, Biografia, *Boxes*, Leitura Complementar, Recapitulando, Fique Atento!, Sessão Cinema, Imagens, Monitorando a Aprendizagem, De Olho no ENEM, Assimilando Conceitos, Olhares Sobre a Sociedade e Exercitando a Imaginação Sociológica. Apresentarei, em seguida, a que se refere cada uma dessas partes e como elas atuam no livro didático.

Dos quatorze itens, cinco deles referem-se às modalidades de atividades: Monitorando a Aprendizagem (Figura 2), que é composta por atividades discursivas a fim de testar a capacidade de escrever as apreensões dos temas, conceitos e teorias. De Olho no ENEM (Figura 1), que se refere a um conjunto de questões objetivas do Exame Nacional do Ensino Médio entre 2000 a 2015, objetivando um preparatório para a prova. Assimilando Conceitos (Figura 3) pretende, a partir da utilização de imagens, que o aluno consiga associar os conceitos à realidade social. Em Olhares Sobre a Sociedade (Figura 4), há textos literários, imagens, letras de músicas utilizadas para expandir a compreensão do tema pelo aluno. Por fim, Exercitando a Imaginação Sociológica (Figura 5) é uma modalidade de atividade que propõe a produção de uma dissertação sobre o tema aprendido no capítulo.

FIGURA 1 – De Olho no ENEM em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***DE OLHO NO ENEM****1. (Enem 2011) Gabarito: (D)**

O café tem origem na região onde hoje se encontra a Etiópia, mas seu cultivo e consumo se disseminaram a partir da Península Árabe. Aportou à Europa por Constantinopla e, finalmente, em 1615, ganhou a cidade de Veneza. Quando o café chegou à região europeia, alguns clérigos sugeriram que o produto deveria ser excomungado, por ser obra do diabo. O papa Clemente VIII (1592-1605), contudo, resolveu provar a bebida. Tendo gostado do sabor, decidiu que ela deveria ser batizada para que se tornasse uma “bebida verdadeiramente cristã”.

THORN, J. *Guia do café*. Lisboa: Livros e livros, 1998 (adaptado).

A postura dos clérigos e do papa Clemente VIII diante da introdução do café na Europa Ocidental pode ser explicada pela associação dessa bebida ao

- | | |
|----------------|---------------------|
| (A) ateísmo. | (D) islamismo. |
| (B) judaísmo. | (E) protestantismo. |
| (C) hinduísmo. | |

2. (Enem 2009) Gabarito: (E)

No final do século XVI, na Bahia, Guiomar de Oliveira denunciou Antônia Nóbrega à Inquisição. Segundo o depoimento, esta lhe dava “uns pós não sabe de quê, e outros pós de osso de finado, os quais pós ela confessante deu a beber em vinho ao dito seu marido para ser seu amigo e serem bem casados, e que todas estas coisas fez tendo-lhe dito a dita Antônia e ensinado que eram coisas diabólicas e que os diabos lhe ensinaram”.

ARAÚJO, E. *O teatro dos vícios. Transgressão e transigência na sociedade urbana colonial*. Brasília: UnB/José Olympio, 1997.

Do ponto de vista da Inquisição,

- (A) o problema dos métodos citados no trecho residia na dissimulação, que acabava por enganar o enfeitado.
- (B) o diabo era um concorrente poderoso da autoridade da Igreja e somente a justiça do fogo poderia eliminá-lo.
- (C) os ingredientes em decomposição das poções mágicas eram condenados porque afetavam a saúde da população.
- (D) as feiteiras representavam séria ameaça à sociedade, pois eram perceptíveis suas tendências feministas.
- (E) os cristãos deviam preservar a instituição do casamento recorrendo exclusivamente aos ensinamentos da Igreja.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

FIGURA 2 – Monitorando a Aprendizagem em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***MONITORANDO A APRENDIZAGEM**

1. Você aprendeu que na modernidade as pessoas começaram a adotar uma abordagem secular (veja o verbete **secularização** na seção **Conceitos sociológicos**, p. 376) para explicar fenômenos sociais ou naturais que as afetavam. Mas o que você tem a dizer sobre a afirmação contida no capítulo, segundo a qual “ela vem se manifestando de forma diferente, e isso nos informa sobre a dinâmica da própria sociedade”? Será que os “tempos modernos” ainda não chegaram ao Brasil?

2. Pergunta: “O Brasil ainda é um país católico?”. Afirmação: “O Brasil é um país cristão”. Como você explica essas duas sentenças?

FONTE: Bomeny et al. (2017).

FIGURA 3 – Assimilando Conceitos em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*
ASSIMILANDO CONCEITOS

SINCRETISMO RELIGIOSO

Saravá, rapaziada! – Saravá!
 Axé pra mulherada brasileira! – Axé!
 Êta, povo brasileiro! Miscigenado,
 Ecumênico e religiosamente sincretizado
 Ave, ó, ecumenismo! Ave!
 Então vamos fazer uma saudação ecumênica
 Vamos? Vamos!
 Aleluia – aleluia!
 Shalom – shalom!
 Al Salam Alaikum! – Alaikum Al Salam!
 Mucuiu nu Zambi – Mucuiu!
 Ê, ô, todos os povos são filhos do Senhor!
 Deus está em todo lugar. Nas mãos que criam, nas
 bocas que cantam, nos corpos que dançam, nas
 relações amorosas, no lazer sadio, no trabalho honesto.
 Onde está Deus? – Em todo lugar!
 Olorum, Jeová, Oxalá, Alah, N'Zambi... Jesus!
 E o Espírito Santo? É Deus!
 Salve sincretismo religioso! – Salve!
 Quem é Omulu, gente? – São Lázaro!
 Iansã? – Santa Bárbara!

Ogum? – São Jorge!
 Xangô? – São Jerônimo!
 Oxóssi? – São Sebastião!
 Aioká, Inaê, Kianda – Iemanjá!
 Viva a Nossa Senhora Aparecida! – Padroeira do Brasil!
 Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá, Iemanjá
 São Cosme, Damião, Doum, Crispim, Crispiniano,
 Radiema...
 É tudo Erê – Ibeijada
 Salve as crianças! – Salve!
 Axé pra todo mundo, axé
 Muito axé, muito axé
 Muito axé, pra todo mundo axé
 Muito axé, muito axé
 Muito axé, pra todo mundo axé

Energia, Saravá, Aleluia, Shalom, Amandia, caninambo! – Banzai! Na
 fé de Zambi – Na paz do Senhor, Amém! Martinho da Vila, Coisas de
 Deus, 1997. © by SM Publishing (Brazil). Edições Musicais Ltda.

1. Na canção de Martinho da Vila há três palavras que valem a pena ser esclarecidas com ajuda de um dicionário: **miscigenado**, **sincretismo**, **ecumênico**.
2. Embora estejam presentes na canção saudações de diversas religiões, o sincretismo que dá título à canção se refere à fusão de quais religiões?
3. Que símbolos religiosos presentes na fotografia indicam o sincretismo religioso?



Cortejo e lavagem das escadas
 Igreja de Nosso Senhor do Bo
 em Salvador (BA), 2016.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

FIGURA 4 – Olhares Sobre a Sociedade em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***OLHARES SOBRE A SOCIEDADE****SE EU QUISER FALAR COM DEUS**

Se eu quiser falar com Deus
 Tenho que ficar a sós
 Tenho que apagar a luz
 Tenho que calar a voz
 Tenho que encontrar a paz
 Tenho que folgar os nós
 Dos sapatos, da gravata
 Dos desejos, dos receios
 Tenho que esquecer a data
 Tenho que perder a conta
 Tenho que ter mãos vazias
 Ter a alma e o corpo nus...

Se eu quiser falar com Deus
 Tenho que aceitar a dor
 Tenho que comer o pão
 Que o diabo amassou
 Tenho que virar um cão
 Tenho que lambear o chão
 Dos palácios, dos castelos
 Suntuosos dos meus sonhos
 Tenho que me ver tristonho
 Tenho que me achar medonho
 E apesar de um mal tamanho
 Alegregar meu coração...

E se eu quiser falar com Deus

Tenho que me aventurar
 Eu tenho que subir aos céus
 Sem cordas para segurar
 Tenho que dizer adeus
 Dar as costas, caminhar
 Decidido, pela estrada
 Que ao findar vai dar em nada
 Nada, nada, nada, nada
 Nada, nada, nada, nada
 Nada, nada, nada, nada
 Do que eu pensava encontrar!

GILBERTO Gil. Se eu quiser falar com Deus. Intérprete: Gilberto Gil. In:
 GILBERTO GIL. *A gente precisa ver o luar*.
 Warner Music, 1981.

A letra da canção em destaque discorre sobre a devoção de um fiel sem mencionar a religião. Será que a relação do crente com sua divindade é, em todas as crenças, semelhante a que o compositor descreve?

Pesquise algumas letras de músicas de diferentes crenças – e também não religiosas – e compare suas visões de mundo. Identifique as respostas que elas dão às questões da vida.

Refleta sobre a importância da tolerância religiosa e da garantia da liberdade de culto em uma sociedade plural como a brasileira.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

FIGURA 5 – Exercitando a Imaginação Sociológica em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***EXERCITANDO A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA**

TEMA DE REDAÇÃO DO IBMEC (2009)



Considere os quadrinhos abaixo. Reflita sobre as ideias apresentadas nesse texto e desenvolva uma dissertação em prosa.



FONTE: Bomeny et al. (2017).

Os *boxes* são destaques dentro do livro didático. Eles contêm informações que inserem, explicam e/ou complementam as discussões contidas no texto. O material didático, em análise, investe nessa abordagem pedagógica e gráfica, já que inclui cinco tipos de comunicação, os quais serão descritos. Em *Cena* é o espaço no qual as autoras indicam filmes relacionados ao tema estudado. Apresentando o Autor atua como subseção que aponta reflexões em torno do contexto social, da vida e da obra do/da autor(a), na constituição de determinado conceito. Biografia traz informações adicionais sobre as personalidades estudadas. Recapitulando retoma, em síntese, os principais elementos estudados no livro. Fique Atento! (Figura 6) lista os conceitos sociológicos utilizados no texto. Sessão Cinema indica filmes relacionados ao capítulo.

FIGURA 6 – Fique Atento! em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***Fique atento!**

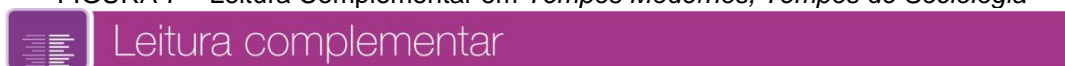
Definição do conceito sociológico estudado neste capítulo.

Pluralismo religioso: na página 256.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

Também são utilizados, por Bomeny et al. (2017), como estratégia de transposição didática, campos definidos como Leitura Complementar (Figura 7), que apresenta trechos de obras de cientistas sociais, assim como o campo Imagens, que variam entre uma vasta gama de infográficos, fotografias, pinturas, tabelas.

FIGURA 7 – Leitura Complementar em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*



A invenção de novas religiões

Embora a Constituição republicana afirmasse o princípio da liberdade de cultos, era uma quase evidência para a mentalidade das classes ilustradas dos finais do século XIX e início do XX que apenas o catolicismo e o protestantismo podiam ser chamados de religiões. Não havia no Brasil qualquer outro culto estabelecido. O conjunto das práticas variadas [...] caíam no campo da magia, da superstição e eram, portanto, práticas antissociais a serem combatidas. O caso da doutrina espírita [...] era bastante particular. [...] era muito incomum que os espíritas se referissem às suas doutrinas como de natureza religiosa. [...] Em um momento em que se discutia, rotineiramente, nos laboratórios a possibilidade de demonstração experimental da existência de almas, e era compreensível que os espíritas chamassem para si os fundamentos do discurso científico para recusar os absurdos dogmáticos do catolicismo que não prescindia dos mistérios, altares, sacramentos e sacerdotes. Por outro lado, a ciência espírita pretendia trazer uma contribuição para uma nova filosofia e a formulação de novos princípios morais que superassem o ateísmo imanente na ciência.

O Código Penal combateu o espiritismo não pela doutrina que professava, mas por ter invadido o campo

da prática ilegal da medicina. O curioso de tudo isso foi que, no processo de defender-se judicialmente, os espíritas foram obrigados a buscar refúgio nas únicas brechas legais que lhes afixavam o exercício de sua mediunidade para fins terapêuticos: o artigo 72 da Constituição que garantia a liberdade de culto. Embora os espíritas tivessem resistido no início a definir sua doutrina como religiosa, afastar de si as representações correntes de sua proximidade com a magia, com a feitiçaria e a cartomancia, redefinir e ressaltar o estatuto religioso do espiritismo e suas práticas foi a tarefa que se deram os intelectuais espíritas ao longo de um debate que durou muitas décadas. Era preciso descriminalizar a mediunidade, convencer médicos, legisladores, jornalistas e policiais que se as pessoas se curavam nas sessões espíritas, isso se dava em razão de sua fé, e não pelas falsas promessas de cura; além disso, a inexistência de ganho pecuniário para os espíritas tornava mais fácil a desqualificação das curas mediúnicas como atos de subjugação da credulidade pública. O espiritismo vai, assim, aos poucos se apresentando como a prática de um culto – por oposição ao exercício fraudulento de uma profissão – o qual pretende prestar um serviço público. [...]



Este parece ter sido o processo que fez emergir, no Rio de Janeiro e em São Paulo, essa nova forma religiosa que foi a Umbanda. Abrigando elementos rituais de conotação africana sob a rubrica genérica de espiritismo, produziu uma combinação inovadora de práticas que associavam [...] mediunidade (almas dos índios e negros) e possessão (orixás africanos que se tornam dos índios e negros) [...] entre 1920 e 1940, se estabelece um longo debate entre as Federações Umbandistas, interessadas em proteger certas práticas da repressão policial e torná-las aceitáveis para a sociedade envolvente [...]. Dos princípios diferenciadores que esses atores colocaram em operação [...], emergiram os diversos arranjos religiosos que essas práticas acabam por assumir até serem definitiva-

mente aceitos como religião afro-brasileira nas décadas de 1950-1960.

Hoje, quando se olha para trás, pode nos parecer espantoso que a sociedade brasileira tivesse, por tanto tempo, temido os poderes da magia. As denúncias de charlatanismo quase não chegam mais aos tribunais e, embora o exercício ilegal da medicina ainda seja combatido, seu objeto não são mais as práticas mágicas [...]. Com efeito, esse debate deslocou-se do campo legal para o campo da disputa religiosa, uma vez que todas essas práticas adquiriram progressivamente o estatuto de religiões. [...]

MONTEIRO, Paula. Religião: sistema de crenças, feitiçaria e magia. In: MORAES, Amaury César (Coord.). *Sociologia: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. p. 133-136.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

Diante destas informações, percebo que a transposição didática referente ao tema religião ocorre em diversas modalidades de diagramação dentro do livro. De

maneira geral, a sua forma é compartimentada, apostando na mediação didática como um aglutinador das distintas comunicações. Os *boxes*, articulados ao texto central, às imagens e às indicações, produzem um discurso pedagógico geral que exprime o tema estudado no capítulo.

2.2 ENTRE CONCEITOS, AUTORES E TEORIAS

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (BOMENY et al., 2017) apresenta uma vasta gama de conceitos e categorias em seu texto didático. A categoria Crença (Quadro 5) tende a balizar toda a discussão sobre religião no livro didático. Ela aparece doze vezes no longo do capítulo. Está presente em distintas partes, no texto, mediante *boxes* de fixação de conceitos e de atividades. Em alguns cenários, é entendida como um instrumental de análise da vida social, percebida em “como sociólogo, o que ele [Weber] pretendia era entender as razões que levavam pessoas e grupos a aderir a um conjunto de crenças” (BOMENY et al., 2017, p. 251), em outros contextos, parece relacionar-se a um tipo de conhecimento do senso comum, algo naturalizado pelos/pelas estudantes.

Ao questionar os/as estudantes se as pessoas ao seu redor possuem determinada religião, as autoras afirmam que há “alguma tradição religiosa, algum objeto sagrado, algum ritual ou celebração que estão sempre presentes quando indagamos sobre as crenças das pessoas” (BOMENY et al., 2017, p. 250). Dessa maneira, no decorrer do livro, a categoria Crença assume diversos significados conforme os sentidos atribuídos pelo contexto de acionamento.

QUADRO 5 – Crença em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Crença	Alguma tradição religiosa, algum objeto sagrado, algum ritual ou celebração estão sempre presentes quando indagamos sobre as crenças das pessoas.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	250
	Como sociólogo, o que ele (Weber) pretendia era entender as razões que levavam pessoas e grupos a aderir a um conjunto de crenças.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251
	Muitos outros pensadores, antropólogos e sociólogos também deram bastante atenção às crenças religiosas que se espalham pelas sociedades.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Crença	Alguns estudiosos a valorizavam (umbanda) por ser uma crença adaptada ao jeito de ser não somente dos negros mas de todas as outras etnias que compunham a sociedade brasileira.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	253
	Em uma população de 190755799 pessoas, então contabilizadas, os pesquisadores encontraram as religiões e crenças citadas na tabela a seguir	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	255
	Vivemos claramente num país de religiosidade plural, no qual as crenças, além de coexistirem e conviverem, muitas vezes se misturam.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256
	Governo, jornais, escritores e grande parte da população acreditavam que o catolicismo era a única religião praticada pelos brasileiros, desconsiderando práticas e crenças de grupos sociais geralmente condenados à marginalidade.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256
	O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256
	Assim, determinado a "levantar um pouco o mistério das crenças nesta cidade" o jornalista descobriu muitas manifestações religiosas minoritárias.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256
	Após a quebra dos laços coloniais com os portugueses, a religião católica firmou-se como principal crença na nova nação.	Box	Recapitulando	257
	Será que a relação do crente com sua divindade é, em todas as crenças, semelhante a que o compositor descreve?	Box	Olhares sobre a sociedade	262
	Pesquise algumas letras de músicas de diferentes crenças e compare suas visões de mundo.	Box	Olhares sobre a sociedade	262

FONTE: O autor.

Em contrapartida, a categoria Fé (Quadro 6) aparece, exclusivamente, no texto central do livro didático, quatro vezes. Assume a caracterização da religiosidade dos indivíduos independentemente do contexto em que é acionada: “uma pessoa religiosa responderia que a religião que professa a aproxima de um deus, uma fé, uma doutrina” (BOMENY et al., 2017, p. 251), e em: “os brasileiros são livres para escolher seus cultos, professar sua fé, frequentar igrejas” (BOMENY et al., 2017, p. 254).

QUADRO 6 – Fé em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Fé	Uma pessoa religiosa responderia que a religião que professa a aproxima de um deus, uma fé, uma doutrina.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251
	Os brasileiros são livres para escolher seus cultos, professar sua fé, frequentar igrejas.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Fé	Era preciso descriminalizar a mediunidade (...) isso se dava em razão de sua fé.	Texto	Leitura Complementar	258

FONTE: O autor.

Religiosidade (Quadro 7) encontra-se no texto central, por sete vezes. Essa categoria é mobilizada pelas autoras para discorrer sobre as diversas formas que existem de as pessoas viverem uma experiência religiosa. O conceito é mobilizado a fim de explicitar as diferentes condições de escolhas que acabam por determinar a

religião de um indivíduo, atuando como argumento para a defesa de um pluralismo religioso (Quadro 8).

QUADRO 7 – Religiosidade em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Religiosidade	Logo, não é correto dizer que a religiosidade do povo brasileiro vem diminuindo.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	252
	Também no Brasil há muitos pesquisadores que se dedicam a estudar a religiosidade.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	252
	Se falar de religiosidade não significa falar de uma mesma religião, também no interior das religiões há diferenciações importantes.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	252
	Uma boa maneira de conhecer a religiosidade de determinada cultura ou país é observar as leis que o regem.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	E o Estado tem que garantir essa liberdade e dar segurança aos fiéis para que vivam livremente sua religiosidade.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	Hoje em dia, todos nós sabemos que é impossível pensar sobre a religiosidade no Brasil sem considerar suas múltiplas manifestações.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256
	Vivemos claramente num país de religiosidade plural, no qual as crenças, além de coexistirem e conviverem, muitas vezes se misturam.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	256

FONTE: O autor.

Pluralismo religioso (Quadro 8) indica uma certa peculiaridade no livro didático, tendo em vista que aparece nomeado de maneira distinta: religiosidade plural e pluralidade religiosa, a depender do contexto. De modo geral, é exposto, no texto, quatro vezes, ora demonstrando a história das religiões no Brasil, ora ressaltando o caráter legal de tal conceito. Pode-se perceber essa distinção nas seguintes passagens: “até o início do século XX, nem os governantes nem a opinião pública haviam aberto os olhos para a pluralidade de religiões” (BOMENY et al., 2017, p. 256), e em: “a partir de então o país viu-se obrigado a reconhecer a pluralidade religiosa que se escondia pelas áreas marginais da capital” (BOMENY et al., 2017, p. 257), respectivamente. Ancorada nessa categoria, está a noção de diversidade religiosa, que aparece uma única vez no texto, conotando o sentido de pluralismo, observado em: “João do Rio deu o primeiro passo no longo processo de reconhecimento da diversidade religiosa que acabou sendo aceita como marca cultural do Brasil” (BOMENY et al., 2017, p. 257).

QUADRO 8 – Pluralismo Religioso em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Pluralismo Religioso	Vivemos claramente num país de religiosidade plural, no qual as crenças, além de coexistirem e conviverem, muitas vezes se misturam.	Texto	A polêmica sobre a pluralidade brasileira	256
	Até o início do século XX, nem os governantes nem a opinião pública haviam aberto os olhos para a pluralidade de religiões.	Texto	A polêmica sobre a pluralidade brasileira	256
	A partir de então o país viu-se obrigado a reconhecer a pluralidade religiosa que se escondia pelas áreas marginais da capital.	Texto	A polêmica sobre a pluralidade brasileira	257
	Veja o que disse o sociólogo Antonio Flávio Pierucci acerca da pluralidade religiosa brasileira.	Texto	A polêmica sobre a pluralidade brasileira	257

FONTE: O autor.

O conceito de Estado (Quadro 9) está muito articulado ao de pluralidade religiosa, havendo cinco ocorrências. Ele é sempre acionado para demonstrar as responsabilidades do Poder Público em relação às religiões, no Brasil, a partir de artigos de documentos legislativos, como a Constituição Federal do Brasil, de 1988. Outra categoria presente é a Intolerância Religiosa – que aparece com a nomenclatura invertida “tolerância religiosa” –, destacando-se por não estar no corpo do texto, mas, de maneira exclusiva, em um *box* de atividade, que orienta: “reflita sobre a importância da tolerância religiosa e da garantia da liberdade de culto em uma sociedade plural como a brasileira” (BOMENY et al., 2017, p. 262).

QUADRO 9 – Estado em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Estado	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	Título	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	Isso significa que o Estado brasileiro reconhecia apenas uma religião entre várias outras.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	E o Estado tem que garantir essa liberdade e dar segurança aos fiéis para que vivam livremente sua religiosidade.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	Podemos concluir que, se o Estado brasileiro é leigo, somos uma nação teísta, que acredita em Deus como um Ser supremo.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
	Nós, os representantes do povo brasileiro, reunidos na Assembleia Constituinte para instituir um Estado Democrático.	Box	Constituição de 1988	254

FONTE: O autor.

As autoras parecem assumir como estratégia de transposição didática o uso de alguns conceitos para elaborar uma definição de religião, como: Objeto Sagrado, Ritual, Doutrina, Culto, Espaço Sagrado, Cura, Mediunidade e Divindade (Quadro 10), os quais encontram-se, no texto, uma ou duas vezes, sendo acionados para atribuir características ao fenômeno religioso, bem como para reforçar a pluralidade religiosa.

QUADRO 10 – Objeto Sagrado, Ritual, Doutrina, Culto, Espaço Sagrado, Cura, Mediunidade e Divindade em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Objeto Sagrado	Alguma tradição religiosa, algum objeto sagrado, algum ritual ou celebração estão sempre presentes quando indagamos sobre as crenças das pessoas.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	250
	Não importa o Deus, a doutrina ou o objeto sagrado, a religião é um fenômeno que até hoje está presente em todas as sociedades.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251
Ritual	Alguma tradição religiosa, algum objeto sagrado, algum ritual ou celebração estão sempre presentes quando indagamos sobre as crenças das pessoas.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	250
	A presença constante dos rituais religiosos desde os primórdios da humanidade merece realmente ser estudada.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	250
Doutrina	Uma pessoa religiosa responderia que a religião que professa a aproxima de um deus, uma fé, uma doutrina.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251
Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Culto	Livre exercício de culto.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	254
	Os brasileiros são livres para escolher seus cultos, professar sua fé, frequentar igrejas.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	254
	Embora a Constituição afirmasse o princípio da liberdade de cultos, era uma quase evidência para a mentalidade das classes.	Leitura Complementar	A invenção de novas religiões	258
	O artigo 72 da Constituição que garantia a liberdade de culto.	Leitura Complementar	A invenção de novas religiões	258
	O espiritismo vai, assim, aos poucos se apresentando como a prática de um culto.	Leitura Complementar	A invenção de novas religiões	258
	Refleta sobre a importância da tolerância religiosa e da garantia da liberdade de culto em uma sociedade plural como a brasileira.	Box	Olhares sobre a sociedade	262
Espaço Sagrado	Os brasileiros são livres para escolher seus cultos, professar sua fé, frequentar igrejas, terreiros ou qualquer outros espaços sagrados.	Texto	O que diz o Estado e o que faz a sociedade?	254
Cura	As pessoas se curavam nas sessões espíritas, isso se dava em razão de sua fé, e não pelas falsas promessas de cura.	Leitura Complementar	A invenção de novas religiões	258
Mediunidade	Produziu uma combinação inovadora de práticas que associavam mediunidade e posSeção.	Leitura Complementar	A invenção de novas religiões	259
Divindade	Será que a relação do crente com sua divindade é, em todas as crenças, semelhante a que o compositor descreve?	BoxAt	Olhares sobre a sociedade	262

FONTE: O autor.

De maneira geral, os conceitos apresentados atuam como um impulsionador da discussão, o que sugere a necessidade de uma maior atuação dos/das professores, em sala de aula, para a efetivação da sequência didática. Essa afirmação ocorre no contexto de análise exclusiva do capítulo, não havendo verificação anterior da presença ou explicação de tais conceitos em outros capítulos do livro didático, nem análise das proposições do manual docente.

Max Weber (Quadro 11) é o primeiro autor citado, cuja teoria é utilizada para definir o conceito de religião, o que baliza toda a discussão no capítulo, agindo também como uma justificativa para o estudo de tal categoria, conceito e tema. Nesse sentido, as autoras revelam que: “Para Max Weber, por exemplo, conhecer as religiões era uma forma de compreender as sociedades” (BOMENY et al., 2017, p.

250). Essa passagem explícita uma justificativa de investigar a religião pela ótica das ciências sociais, pois, ao observar essa dimensão da vida social, pode-se, em certa medida, compreender o funcionamento das sociedades. Ao recorrer a tal premissa, as autoras sinalizam uma concepção do fenômeno religioso como um instrumento de apreensão da realidade.

QUADRO 11 – Max Weber em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Max Weber	Definição de Religião / Crença	Para Max Weber, por exemplo, conhecer as religiões era uma forma de compreender as sociedades.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	250
	Crença	Não importava para Weber, se uma religião tinha mais adeptos que outra.	Texto	Por que a Sociologia se interessa por religião?	251

FONTE: O autor.

Regina Novaes e Alexandre Brasil Fonseca (Quadro 12) são incorporados, no livro didático, com referência a um estudo da religiosidade da juventude brasileira. A partir de dados estatísticos, ambos revelam o crescimento da aderência dos jovens às crenças religiosas. Tal articulação é acionada para argumentar sobre a presença da religiosidade e a diversidade religiosa no Brasil.

QUADRO 12 – Regina Novaes e Alexandre Fonseca em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Regina Novaes	Juventude	Revela que a religião tem forte poder de agregação entre os jovens.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	253
Alexandre Brasil Fonseca	Juventude	Revela que a religião tem forte poder de agregação entre os jovens.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	253

FONTE: O autor.

Para endossar o argumento sobre a pluralidade religiosa, são utilizadas, no material didático, as teorias de Roger Bastide e Antônio Flávio Pierucci (Quadro 13), referente aos seus estudos sobre a Umbanda e a *diversidade religiosa*. Os estudos do jornalista João do Rio (Quadro 13) também são acionados para resgatar historicamente a construção da religiosidade brasileira, bem como a documentação histórica de religiões de matrizes africanas.

QUADRO 13 – Rober Bastidade, Antônio Pierucci e João do Rio em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Roger Bastide	Umbanda	Via a umbanda como resultado de um processo de "desafricanização", ou de um branqueamento de tradições negras, como macumba, por meio da mistura com o espiritismo.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	253
	Teoria de Roger Bastide	Narra a pesquisa sobre religiões afro-brasileiras do autor.	Box	Roger Bastide	254
Antônio Flávio Pierucci	Umbanda	Mostra que a umbanda passou de 541 mil seguidores em 1991 para 432 mil em 2000.	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	253
	Diversidade Religiosa	Entrevista para o Ciência Hoje em que o autor questiona a pluralidade religiosa por meio de dados.	Box	Sem título	257
João do Rio	Diversidade Religiosa	Discorre sobre as reportagens que deram visibilidade para diversas religiões.	Texto	A polêmica sobre a pluralidade religiosa	256

FONTE: O autor.

Noto, assim, que os/as autores/as e teorias mobilizados se relacionam de maneira direta a uma definição do que é religião, por meio da argumentação da diversidade religiosa presente no país. Cabe destacar que, quando citados, os/as autores/as pouco se relacionam com os conceitos e categorias analíticas anteriormente elencadas, mas atuam de maneira mais autônoma, produzindo um tom argumentativo dos conceitos mobilizados.

2.3 O QUE CONTAM AS IMAGENS?

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (BOMENY et al., 2017) é um livro composto por um total de onze imagens (Quadro 14), sendo sete fotografias, duas tabelas, uma tirinha e uma pintura.

QUADRO 14 – Imagens em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*

Tipo	Autoria / Ano	Descrição	Seção	Título da Seção	Pg.
Pintura	Victor Meirelles, 1860	A primeira missa no Brasil	Capa	O Brasil ainda é um país católico?	250
Fotografia	Levi Bianco, 2015	Fiéis católicos acendem velas no santuário de Aparecida do Norte	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	251
Fotografia	Fábio Nasi, 2015	Religiosos participam da Marcha para Jesus	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	252
Fotografia	Luiz Tito, 2016	Adeptos do candomblé fazem oferendas a Xangô	Texto	Em que acreditam os brasileiros?	253
Fotografia	Cintia Sanches, 1950	Roger Bastide	Box	Roger Bastide	254
Fotografia	Reinaldo Canato, 2015	Celebração do Ramadã	Texto	A polêmica sobre a pluralidade religiosa brasileira	256
Fotografia	Moacyr Lopes, 2015	Adeptos da umbanda celebram o ritual para lemanjá	Texto	A invenção de novas religiões	258
Fotografia	Raul Spinassé, 2016	Cortejo e lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim	Atividade	Assimilando conceitos	261
Tirinha	Bill Watterson, 1986	Clavin e Haroldo sobre Religião	Atividade	Exercitando a imaginação sociológica	263
Tabela	Fonte: IBGE	Religiões do Brasil de 1940 a 2010 (%)	Texto	Religiões do Brasil de 1940 a 2010 (%)	252
Tabela	Fonte: IBGE 2010	Principais religiões e crenças no Brasil e seus seguidores	Texto	Principais religiões e crenças no Brasil e seus seguidores	255

FONTE: O autor.

A *primeira missa no Brasil*, de 1860, é a capa do capítulo. Nela, está representada a primeira missa, realizada no Brasil pelo Frei Henrique de Coimbra, na cidade de Porto Seguro, em 1500. A pintura se relaciona diretamente ao título do capítulo: “O Brasil ainda é um país católico?” (BOMENY et al., 2017, p. 249). Com as características da pintura articulada ao título, é possível perceber que o livro didático parte da premissa de que o Brasil já foi católico. Portanto, o que se pretende, durante o capítulo, é debater sobre as possíveis mudanças ocorridas na história das religiões do país.

As fotografias despertam interesse por diversos motivos. O primeiro deles é de onde as imagens se originam: das sete fotografias, seis delas estão presentes no banco de imagens FolhaPress. Segundo o *site* do banco de dados, a plataforma “coloca textos e fotos sobre cotidiano, política, economia, cultura e esporte diariamente à disposição de centenas de jornais e revistas de todas as regiões do Brasil” (FOLHAPRESS, 2020). O campo de atuação da plataforma é o de fotojornalismo, como percebido na apresentação do *site* “o primeiro banco de imagens on-line de fotojornalismo do Brasil, hoje já com cerca de 750 mil fotos indexadas” (FOLHAPRESS, 2020). É possível perceber, assim, que a linguagem das fotografias presentes, no livro didático analisado, é jornalística, isto é, de caráter informativo.

O segundo elemento que desperta atenção são as características das fotografias. Todas elas versam sobre rituais de distintas religiões, dando a dimensão de pluralidade religiosa presente nos conceitos, autores/as e teorias. São retratados

fiéis católicos acendendo velas no santuário de Aparecida do Norte (BIANCO, 2015 apud BOMENY et al., 2017, p. 251); fiéis participando da Marcha para Jesus (NASI, 2015 apud BOMENY et al., 2017, p. 252); adeptos do candomblé fazendo oferendas ao Orixá Xangô (TITO, 2016 apud BOMENY et al., 2017, p. 253); uma celebração do ramadã (CANATO, 2015 apud BOMENY et al., 2017, p. 256); fiéis da umbanda celebrando ritual ao Orixá Iemanjá (LOPES, 2015 apud BOMENY et al., 2017, p. 258); e fiéis de diferentes religiões no cortejo e lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (SPINASSÉ, 2016 apud BOMENY et al., 2017, p. 261).

É possível perceber a concentração geográfica estabelecida pelas fotografias, sendo retratados rituais apenas no Estado de São Paulo e no da Bahia. Outro recurso imagético utilizado pelas autoras, para efetivar a transposição didática, é a tabela. No livro didático, duas são utilizadas, baseadas em dados do IBGE, acionados pelas autoras: a primeira elenca as distintas religiões presentes no Brasil de 1940 a 2010, e a segunda mostra as principais religiões e crenças no Brasil e seus seguidores. Ambas reforçam a ideia de uma diversidade religiosa presente no país.

2.4 CONSTRUINDO A DIFERENÇA, EMERGINDO RITOS

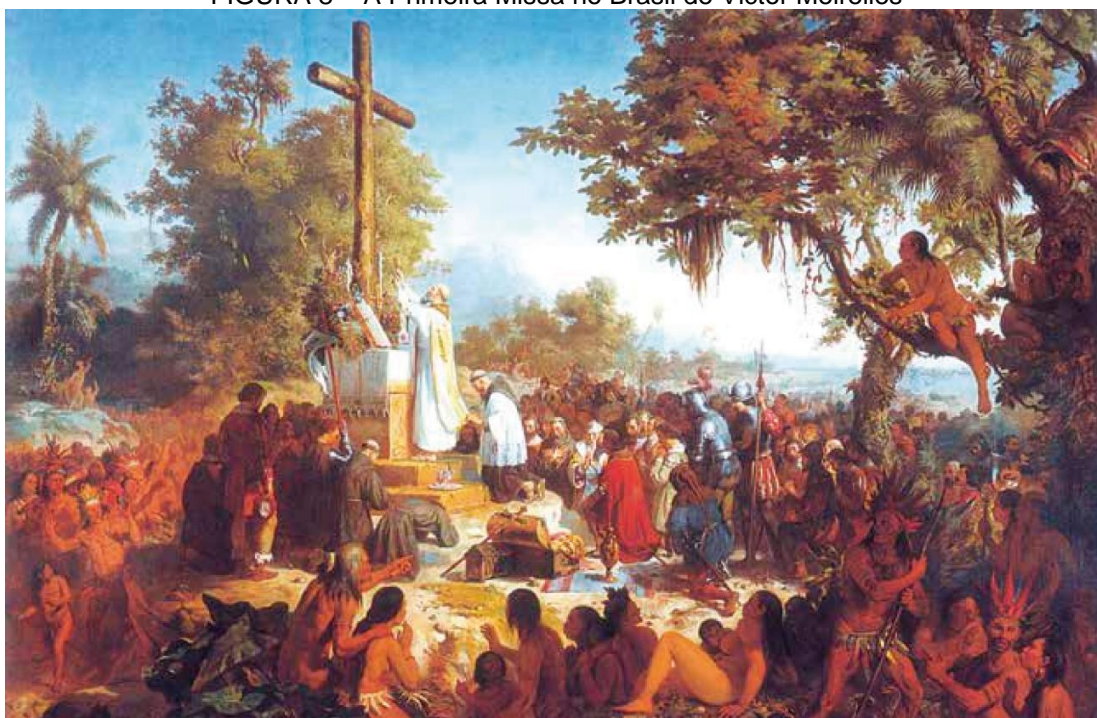
“A presença constante dos rituais religiosos desde os primórdios da humanidade merece realmente ser estudada” (BOMENY et al., 2017, p. 250). Com essa afirmativa, as autoras constroem uma noção de tempo histórico para definir a religião, haja vista que sinalizam a recorrência de rituais ao longo da história: “E essa recorrência tão grande, em lugares e culturas tão diferentes e distantes, tanto no espaço quanto no tempo, sempre interessou aos que [...] querem aprofundar seu conhecimento sobre a sociedade (BOMENY et al., 2017, p. 250).

No livro, o ritual assume uma dimensão de marca cultural intrínseca aos seres humanos, pois considera que independentemente da localização geográfica, do coletivo cultural que diversos grupos integram ou do tempo histórico, é possível afirmar a existência de rituais religiosos. No texto do primeiro título do capítulo “Por que a Sociologia se interessa por religião?”, as autoras afirmam que: “ainda que estejamos distantes de qualquer ambiente religioso [...] encontramos sempre à nossa volta quem frequente um templo e acredite em um deus” (BOMENY et al., 2017, p. 250).

Desta forma, o argumento das autoras se constrói em torno da recorrência ritualística característica da humanidade, pois “Há sempre quem diga que tem essa ou aquela religião [...] algum ritual ou celebração estão sempre presentes quando indagamos sobre as crenças das pessoas” (BOMENY et al., 2017, p. 250). Com isso, é possível perceber o esforço para propor uma resposta à questão levantada no subtítulo do capítulo: “Afinal, por que a Sociologia se interessa por religião?”.

Nesse sentido, a narrativa textual propõe considerar-se o ritual como uma faceta indissociável do fenômeno religioso, sendo uma dimensão significativa para compreender a religião e a sociedade. O tom ritualístico emerge já na capa do capítulo (BOMENY et al., 2017, p.250). A pintura de Vitor Meirelles, de 1860, “A primeira missa no Brasil” (Figura 8), demonstra o ritual tradicional da religião católica. Nela está representada a primeira missa realizada no Brasil, ministrada pelo Frei Henrique de Coimbra, na cidade de Porto Seguro, em 1500. No plano central da imagem, Frei Henrique eleva um cálice em direção à cruz, enquanto missionários se ajoelham e dobram-se perante o ato. Ao redor, índios estão sentados, deitados e trepados em árvores, atentos ao acontecimento. A imagem tensiona a relação entre rituais e tempo histórico, reafirmando a recorrência das manifestações religiosas que se perduram no presente.

FIGURA 8 – A Primeira Missa no Brasil de Victor Meirelles



FONTE: apud Bomeny et al. (2017).

É, principalmente, por meio de imagens que se constitui, no capítulo, a dimensão ritualística da religião. A segunda fotografia utilizada pelas autoras (BOMENY et al., 2017, p. 251) demonstra um grupo de fiéis católicos acendendo velas para Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Na imagem (Figura 9), diversas pessoas se reúnem em torno de um altar, onde diversas velas são acesas, dimensionando uma grande quantidade de adeptos daquele ritual, além de expressar que a religião pode ser demonstrada em acontecimentos coletivos de espiritualidade.

FIGURA 9 – Fiéis Acendendo Velas de Levi Bianco, em 2015



FONTE: Bomeny et al. (2017).

Esta dimensão coletiva dialoga com a narrativa presente no texto. Os títulos que se localizam nas duas primeiras páginas são: “Por que a Sociologia se interessa por religião?” e “Em que acreditam os brasileiros?” (BOMENY et al., 2017, p. 254). As perguntas são construídas na articulação entre texto central, *box* de texto e imagens. O fio condutor dos três elementos se evidencia na combinação das categorias Crença e Ritual, tensionada por um viés analítico: “Como sociólogo, o que ele [Weber] pretendia, era entender as razões que levavam pessoas e grupos a aderir um conjunto de crenças” (BOMENY et al., 2017, p. 251).

Ao sinalizar que um autor clássico da Sociologia tem o paradigma que de coletivos aderem às crenças, resta à Sociologia investigar por que e como isso ocorre, haja vista que “interessava-lhe [Weber] saber como as pessoas justificavam suas escolhas e, também, o que tais escolhas produziam em seus comportamentos”

(BOMENY et al., 2017, p.251). Na justificativa do interesse da Sociologia pelo fenômeno religioso, o texto didático traz também que “muitos outros pensadores, antropólogos e sociólogos também deram bastante atenção às crenças religiosas que se espalharam pelas sociedades” (BOMENY et al., 2017, p.251).

Para argumentar sobre as diversas crenças presentes na sociedade, as autoras acionam um *box* com texto destacado, no livro didático. Ele ocupa a centralidade da página e produz um *link* entre o primeiro título “Por que a Sociologia se interessa pela religião?” e o segundo “Em que acreditam os brasileiros?” (BOMENY et al., 2017, p. 254). Em uma caixa azul está “Religiões com mais adeptos ao redor do mundo” (Figura 10).

FIGURA 10 – Religiões com Mais Adeptos ao Redor do Mundo

II Religiões com mais adeptos ao redor do mundo

Você sabe quais são e onde se praticam as religiões com mais adeptos ao redor do mundo?

Cristianismo: tem mais de 2,1 bilhões de fiéis, ou cerca de 33% da população mundial. O Brasil é o país com maior número de católicos no mundo, seguido por México, Estados Unidos, Filipinas e Itália.

Islamismo: tem cerca de 1,3 bilhão de seguidores, ou 20% da população mundial. Apenas 18% dos islâmicos vivem nos países árabes, e a maior comunidade islâmica nacional encontra-se na Indonésia.

Hinduísmo: tem por volta de 850 milhões de fiéis, ou 13% da população mundial. É praticado predominantemente na Índia.

Budismo: tem mais de 300 milhões de praticantes, ou 5,8% da população mundial. A maior concentração (um terço do total) encontra-se na China. É importante ressaltar que os que se declaram sem religião formavam, em 2012, 16,3% da população mundial – constituindo, portanto, o terceiro maior grupo.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

O *box* é utilizado para demonstrar as religiões que tem, quantitativamente, a maior quantidade de fiéis, impulsionando o argumento de Weber, isto é, de que as pessoas tendem a aderir aos conjuntos de crenças. Nesse viés, são elencadas as religiões cristãs, expressas em 33% da população mundial, seguido do Islamismo com 20% da população mundial, Hinduísmo com 13% e, por fim, o Budismo com 5,8% da população (BOMENY et al., 2017). Tais dados expressam que quase 75% da população mundial é adepta de alguma religião.

A transposição didática das autoras reside na compreensão da crença como uma força de adesão a uma determinada religiosidade, a qual é plural. Já o ritual é compreendido como a maneira de determinadas pessoas vivenciarem a religião. Assim, ritual é definido como o lugar da experiência do religioso, ou seja, os diferentes modos de manifestação cultural de determinada religião.

FIGURA 11 – Oferenda ao Orixá Xangô de Luiz Tito, de 2016



FONTE: Bomeny et al. (2017).

No livro didático, a Figura 11 ocupa dois terços da página, no canto inferior direito, cujo texto didático, que a acompanha, versa sobre as diferentes religiões presente no Brasil. Crença assume aqui o caráter de pluralismo, no sentido de que há uma grande diversidade de crenças na nação. Essa ideia, entretanto, é composta a partir da ilustração de um ritual religioso de matriz africana, o Candomblé. Na foto, os fiéis fazem oferendas a Xangô. Dois homens erguem um recipiente em posição de oferta aos céus, vestem roupas brancas –característica das religiões africanas – e portam guias em seus pescoços.

A fotografia expressa vários elementos da vivência do religioso: o ritual, os objetos sagrados e as oferendas. Ela remete a/o estudante a um conjunto de

ornamentos que, associados, dão corpo à experiência religiosa. Embora objetos sagrados estejam presentes em todas as fotografias, eles aparecem, no texto didático, em menor quantidade. Em uma das representações imagéticas, reafirma-se que a constituição da religião é composta pela combinação de uma divindade, um conjunto de regras e objetos: “não importa o Deus, a doutrina ou o objeto sagrado, a religião é um fenômeno que até hoje está presente em todas as sociedades” (BOMENY et al., 2017, p. 251). A combinação do texto e das imagens constrói uma narrativa que identifica o ritual como uma valorização da divindade, por meio de um ato contínuo, composto por pessoas em coletivo, mais determinados objetos de valor para dada religião.

No texto didático, a passagem: “alguns estudiosos a valorizavam [a Umbanda] por ser uma crença adaptada ao jeito de ser não somente dos negros mas de todas as etnias que compunham a sociedade brasileira” (BOMENY et al., 2017, p. 253) sugere que o ritual – o modo de viver a religiosidade – seria uma dimensão da crença. Com isso, o seu conceito é expandido e entendido como uma associação coletiva, vivenciada de forma ritualística.

A ordem sequenciada das fotografias, utilizadas na literatura didática, produz um aprofundamento do “diferente”, do “incomum”. É possível perceber que a Figura 8 apresenta uma missa – ritual da Igreja Católica – que causa um menor estranhamento ao/à estudante, haja vista a recorrência dele no campo cultural, cotidiano, midiático etc. A segunda imagem, a Figura 9, ainda se detém a um ritual comum, que é o ato de acender velas, embora a fotografia seja dotada de um apelo visual: uma imagem escurecida, cuja iluminação é feita exclusivamente pelos objetos de parafina. Já a Figura 12, ao representar fiéis cristãos em grupo, na Marcha para Jesus, denota a ideia de crença como uma experiência coletiva.

FIGURA 12 – Marcha para Jesus de Fábio Nasi, de 2015



FONTE: Bomeny et al. (2017).

A Marcha para Jesus é um evento que acontece anualmente, com uma grande quantidade de adeptos, em diversas cidades do país, havendo uma ampla cobertura jornalística pelos meios de comunicação, sejam eles virtuais ou televisivos. É com essa imagem que se produz, em Bomeny et al. (2017), uma cisão entre o ordinário e o extraordinário ritualístico: no primeiro bloco, as fotografias são marcadas por rituais e eventos comuns, amplamente conhecidos e relacionados às religiões hegemônicas, ou seja, àquelas de bases cristãs. Desse modo, o texto didático relacionado a esse conjunto de fotografias mobiliza conceitos, autores e teorias de ordem sociológica expressa, em outras palavras, paradigmas sociológicos já estabelecidos: como a noção de crença, ritual e religiosidade.

Ao inserir a quarta fotografia (Figura 11), referente aos adeptos do Candomblé fazendo oferendas, amplia-se a perspectiva do ritual, nesse caso, entendido como diferença. A imagem seguinte (Figura 13), localizada de forma central, no início da página, sob o título de “A polêmica sobre a pluralidade religiosa brasileira” (BOMENY et al., 2017, p. 256), intensifica a noção de ritual como marcador da diferença, ao trazer uma celebração do ritual do Ramadã, na cidade de São Paulo.

FIGURA 13 – Celebração do Ramadã de Reinaldo Canato, de 2015



FONTE: Bomeny et al. (2017).

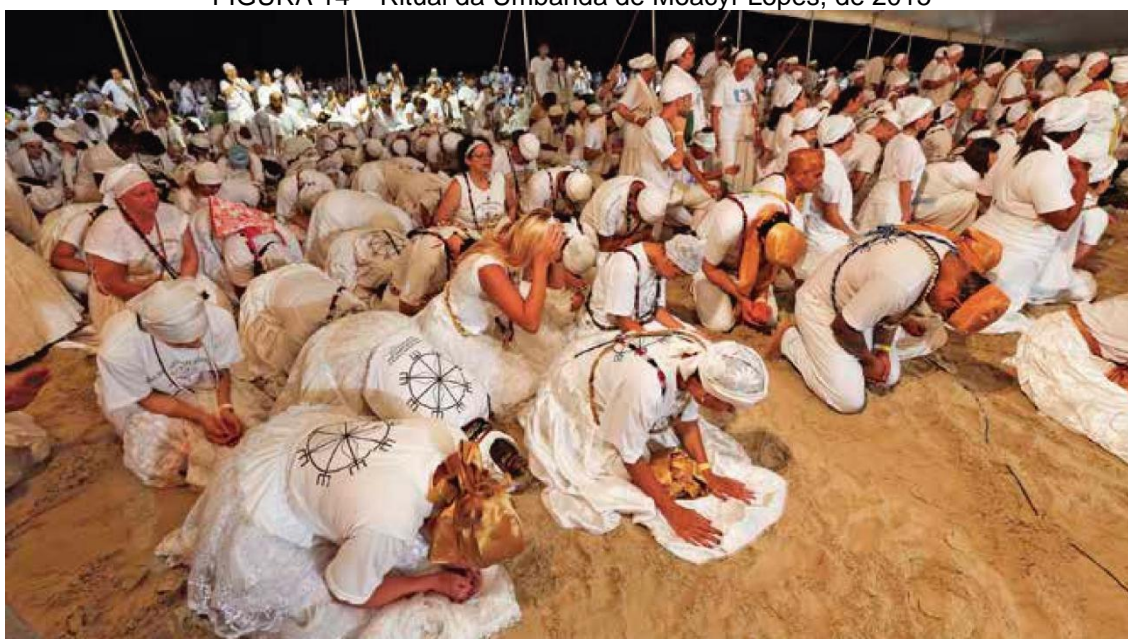
Na fotografia, há uma mesquita com diversos fiéis de joelhos e com as cabeças no chão. Eles celebram o ritual do Ramadã, um dos mais significativo para os religiosos muçulmanos. O diferente construído pela imagem se intercala com o argumento que começa ser levantado no texto didático, o de que o Brasil é um país que abriga uma diversidade de religiões: “Vivemos claramente num país de religiosidade plural, no qual as crenças, além de coexistirem e conviverem, muitas vezes se misturam” (BOMENY et al., p. 256).

Para sustentar esse argumento, há a literatura de João do Rio, que estudou o Rio de Janeiro e suas narrativas: “disposto a conhecer profundamente a cidade, João do Rio saiu às ruas à procura de personagens e situação que revelassem aspectos surpreendentes, provando que a sociedade brasileira é muito mais complexa” (BOMENY et al., p. 256). Tal trecho demonstra que o conteúdo da obra acionada no texto didático tem por objetivo surpreender o/a leitor(a), o/a estudante, criando uma expansão de referências sobre rituais religiosos distintos e minoritários.

A estratégia pedagógica das autoras reside, de certa maneira, no investimento do diferente, transformando-o em algo curioso, passível de investigação. Ainda ao tratar da obra “As religiões do Rio”, elas fazem uso da citação: “O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverência, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa” (BOMENY et al., p. 256). Nesse trecho, a irreverência é associada ao templo e à crença, reafirmando como “extraordinário” os rituais de religiões não hegemônicas.

A sexta fotografia (Figura 14) segue o mesmo padrão estético da anterior: fiéis ajoelhados com a cabeça em direção ao chão, porém, agora, refere-se a um ritual da Umbanda, realizado para a Oxirá Yemanjá. Localizada de forma centralizada na parte inferior da página, a imagem localiza-se abaixo de um texto de Paula Monteiro: “A invenção de novas religiões” (apud BOMENY et al., 2017, p. 259), em que a autora descreve o processo legal de afirmação da religião espírita, discutindo o processo de mediunidade, fé e cura. Com isso, ela traça um panorama da descriminalização da magia.

FIGURA 14 – Ritual da Umbanda de Moacyr Lopes, de 2015



FONTE: Bomeny et al. (2017).

O ritual é mais uma vez alocado na categoria do “diferente”, inclusive, associado à ideia de magia. Ao travar a discussão do pluralismo religioso, as autoras usam como estratégia pedagógica a utilização de fotografias que remetam às práticas “irreverentes” da vivência religiosa (BOMENY et al., 2017).

Em contrapartida, a última fotografia (Figura 15), que também concerne à ideia de ritual, está localizada no campo das atividades: “Assimilando conceitos” (BOMENY et al., 2017, p. 261). Nela, uma senhora negra, vestida como a baiana, vastamente conhecida pela cultura popular brasileira, participa do ritual de lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim.

FIGURA 15 – Lavagem das Escadarias da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, de Raul Spinassé, de 2016



FONTE: Bomeny et al. (2017).

A imagem, inserida ao final da página, é um elemento para responder à questão: “Que símbolos religiosos presentes na fotografia indicam o sincretismo religioso?” (BOMENY et al., 2017, p. 261). Nessa questão, as autoras partem do pressuposto de que a imagem contém elementos significativos, os quais demonstram a coexistência de diversas religiões. O ritual então aglutina uma outra faceta, no decorrer do capítulo, isto é, como a experiência da religiosidade, aqui, além de ter o significante da vivência, o ritual se torna também um facilitador da coexistência de diversas religiões, sendo por meio dele que distintas crenças podem coexistir, na sociedade brasileira, assemelhando-se.

A estratégia pedagógica das autoras de associar as imagens ao texto produz uma lógica de aprofundamento na noção de diferença. A diferença aqui é considerada a partir de duas matrizes. A primeira delas é a crença, entendida como a liberdade de escolha das pessoas para associarem-se a uma determinada religião. Essa noção serve de argumento para uma dimensão jurídica da experiência religiosa, o pluralismo religioso presente e assegurado pela Constituição Federal de 1988. A segunda, o ritual, que se refere às distintas formas que as pessoas vivem a experiência religiosa, a maneira como elas se comportam, quais são os seus hábitos, como se dá a presença do indivíduo em frente à crença. Desse modo, o argumento pedagógico se

constrói juntamente à estrutura do livro didático, o que significa que a articulação entre texto didático, *boxes* de textos e imagens, observados de forma fragmentada, revela um conjunto que expressa uma ideia geral.

A fragmentação do livro didático em compartimentos pode dividir o conhecimento em partes, direcionando a atenção e a curiosidade do/da estudante para itens em destaques. Entretanto, tais elementos reunidos produzem um discurso independente da intencionalidade das autoras. As fotografias, presentes no capítulo de *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, isoladamente, produzem um discurso passível de entendimento e de apreensão: a transformação dos rituais de ordinários em extraordinários. Na combinação com os *boxes* e o texto didático, a conotação das imagens pode assumir outro escopo: a diferença como um marcador da liberdade. Ao articular todos esses elementos do livro didático, é possível construir uma narrativa comum nas diversas religiões, sejam elas hegemônicas ou não.

2.5 VÍNCULOS INSTITUCIONAIS: PRODUZINDO MARCOS HISTÓRICOS, DESENHANDO A NARRATIVA

O capítulo 7, de *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, levanta a questão: “O Brasil ainda é um país católico?”. Essa pergunta anuncia uma multiplicidade de aspectos importantes, propostos pelas autoras, na construção da dimensão da religião no livro didático. Um primeiro elemento é a construção do Nacional como ferramenta didática. Ao questionar se o Brasil ainda é um país católico, é possível perceber o interesse em produzir uma reflexão pedagógica acerca da constituição do Estado e de suas instituições. O segundo elemento percebido é a dimensão temporal, pois, ao utilizar-se o advérbio de tempo “ainda”, é possível perceber que já houve a oficialidade do Estado enquanto um país religioso. O terceiro e último elemento versa sobre uma possível inserção de outras religiões, as quais, no campo do Estado, poderiam substituir a catolicidade do Estado.

Em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, uma narrativa pedagógica é construída para contemplar o processo histórico da religião no Brasil, bem como a relação com as distintas instituições. A investigação se desenha em torno da apropriação da religião pelo Estado, pela Família e pelo Direito.

Com a afirmação: “Uma boa maneira de conhecer a religiosidade de uma determinada cultura ou país é observar as leis que o regem” (BOMENY et al., 2017,

p. 254), as autoras iniciam o título “O que diz o Estado e o que faz a sociedade?”. Nesse campo, vão construindo uma relação entre Religião, Estado e Ordenamento Jurídico. A proposta pedagógica é a de construir uma reflexão sobre a legalidade da religião no campo da Cultura, como um direito social adquirido via Constituição Federal.

O resgate histórico se torna o artifício de mobilização destes conceitos. O Estado e Religião vão cotejando a história da religiosidade no país: “No Brasil, já temos registradas oito constituições. A primeira, datada de 1824, declarava que a religião católica era a religião oficial do império” (BOMENY et al., 2017, p. 254) Aqui, o entendimento de que o Brasil já foi um país católico dá corpo para a questão-título do capítulo, sendo construídas, a partir dessa afirmativa, investigações sobre as possíveis mudanças ocorridas ao longo da história no campo religioso.

Em destaque no livro didático, no contexto textual de informações sobre o Estado, as autoras utilizam um quadro intitulado “Principais religiões no Brasil e seus principais seguidores” (Figura 16), com dados do Censo Demográfico do IBGE. A tabela é construída de maneira quantitativa. Na primeira coluna, são identificadas as Religiões ou Crenças, e, na segunda, a quantidade de adeptos. O primeiro lugar em número de fiéis é da Igreja Católica Apostólica Romana, com 123.280.172 adeptos, seguida por 14.595.979 pessoas declaradas sem religião.

O uso da tabela tem uma dupla dimensão pedagógica: a primeira delas é ilustrar em dados uma afirmação presente, anteriormente, no texto didático, que é a liberdade da coexistência de diversas religiões no Estado Brasileiro, alavancando a noção de pluralidade religiosa, como pode se notar na passagem “os brasileiros são livre para escolher seus cultos, professar sua fé, frequentar igrejas, terreiros ou quaisquer outros espaços sagrados de sua preferência” (BOMENY et al., 2017, p. 254). A segunda delas é de destacar o fato de que, mesmo o Estado brasileiro não se intitulando como um país católico, a grande massa da população brasileira ainda se filia a essa religião. Nesse sentido, são tencionadas duas noções sociológicas acerca da religião: uma noção legal, respaldada no ordenamento jurídico por meio da Constituição Federal, e uma noção cultural, que versa sobre as escolhas pessoais de vivência da experiência religiosa.

FIGURA 16 – Principais Religiões e Crenças no Brasil e Seus Seguidores

Principais religiões e crenças no Brasil e seus seguidores	
Religião ou crença	Número de seguidores no Brasil
Católica Apostólica Romana	123 280 172
Sem religião	14 595 979
Igreja Assembleia de Deus	12 314 410
Evangélica não determinada	9 218 129
Outras igrejas evangélicas de origem pentecostal	5 267 029
Espírita	3 848 876
Igreja Evangélica Batista	3 723 853
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2 289 634
Igreja Universal do Reino de Deus	1 873 243
Igreja Evangelho Quadrangular	1 808 389
Igreja Evangélica Adventista	1 561 071
Outras religiosidades cristãs	1 461 495
Testemunhas de Jeová	1 393 208
Igreja Evangélica Luterana	999 498
Igreja Evangélica Presbiteriana	921 209
Igreja Deus é Amor	845 383
Religiosidade não determinada/mal definida	628 219
Ateu	615 096
Católica Apostólica Brasileira	560 781
Umbanda	407 331
Igreja Maranata	356 021
Igreja Evangélica Metodista	340 938
Budismo	243 966
Evangélica renovada não determinada	230 461
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226 509
Igreja o Brasil para Cristo	196 665
Comunidade Evangélica	180 130
Candomblé	167 363
Católica Ortodoxa	131 571
Igreja Casa da Bênção	125 550
Agnóstico	124 436
Igreja Evangélica Congregacional	109 591
Judaísmo	107 329
Igreja Messiânica Mundial	103 716
Igreja Nova Vida	90 568
Tradições esotéricas	74 013
Tradições indígenas	63 082
Espiritualista	61 739
Outras novas religiões orientais	52 235
Islamismo	35 167
Outras Evangélicas de Missão	30 666
Declaração de múltipla religiosidade	15 379
Outras declarações de religiosidades afro-brasileiras	14 103
Outras religiosidades	11 306
Outras religiões orientais	9 675
Hinduísmo	5 675

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

O quadro ocupa toda a página, tendo apenas dois parágrafos com texto didático. Um anterior a ela, outro, posterior. O anterior refere-se a uma breve apresentação, enquanto o posterior dá coesão ao propósito do capítulo, no qual é afirmado: “Se você pudesse responder à pergunta que dá título a este capítulo – ‘O Brasil ainda é um país católico’ – o que diria, com base nos dados da tabela acima?” (BOMENY et al., 2017, p. 255).

A tabela ocupa lugar central no objetivo proposto pelo capítulo. A partir dela, podem ser mobilizados diversos conceitos, que são explanados ao longo da obra didática: pluralismo e diversidade religiosa, dimensão histórica, cultura, ordenamento jurídico, crença, e dentre outros. O seu uso tem uma finalidade sintética, ou seja, a de aglutinar grande parte dos conteúdos mobilizados de forma visual e não textual. Aqui, é perceptível a necessidade de mediação do/da docente, para nortear o/a estudante até a construção de uma resposta por meio de hipóteses e conceitos.

Ao traçar um panorama do cenário histórico das religiões no Brasil, outra tabela é mobilizada, também a partir de dados do IBGE. Nela (Figura 17), são quantificados os números de adeptos às religiões, no período de 1940 a 2010, com especial atenção às de matriz católica.

FIGURA 17 – Religiões no Brasil de 1940 a 2010 (%)

Religiões do Brasil de 1940 a 2010 (%)								
Religião	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
Católicos	95,2	93,7	93,1	91,1	89,2	83,3	73,8	64,8
Evangélicos	2,6	3,4	4,0	5,8	6,6	9,0	15,4	22,2
Outras religiões	1,9	2,4	2,4	2,3	2,5	2,9	3,5	5,0
Sem religião	0,2	0,5	0,5	0,8	1,6	4,8	7,3	8,0
Total*	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

*Não inclui religião não declarada e não determinada. Fonte: IBGE, censos demográficos.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

Esta tabela, localizada no topo da página, demonstra a queda de adeptos católicos e a ascensão dos evangélicos, principalmente, na segunda metade do século XX. Também indica o crescimento de fiéis de outras religiões, bem como o número de pessoas que não professam religião alguma. Em seguida, o texto didático traz: “como as pesquisas demonstram, houve recentemente uma alteração na composição religiosa da população brasileira. Ainda que a religião católica continue sendo a primeira, outras crenças vêm ganhando espaço” (BOMENY et al., 2017, p. 252). Assim, é possível perceber que a tabela sintetiza o argumento do texto didático, demonstrando um desenvolvimento histórico do processo de laicização do Estado, além da aderência de novas religiões pela população brasileira ao longo do tempo, sendo reforçada pelo texto verbal.

A pluralidade religiosa brasileira é explorada ao longo do capítulo. No subtítulo “A polêmica sobre a pluralidade religiosa brasileira” (BOMENY et al., 2017, p. 256), as autoras expressam um possível problema: as diversas concepções religiosas que

coexistem no Brasil, ao associar a pluralidade religiosa à polêmica, é assumida a indagação: o país é de fato diversificado religiosamente? Para problematizar a questão, recorrem a uma entrevista fornecida por Antônio Flávio Pierucci à *Revista Ciência Hoje* (apud BOMENY et al., 2017), como a Figura 18 ilustra.

FIGURA 18 – Box

O brasileiro olha para si com olhos de multiculturalismo imaginado, irreal, exagerado. [...]

Pelos dados do IBGE para o ano 2000, a população brasileira é 74% católica e 15,5% evangélica. Somando esses valores, chega-se a 89,5%, de onde se conclui que nove entre 10 brasileiros são declaradamente cristãos. Ou seja, somos realmente “o país do Cristo Redentor”. Agora, se você observar o percentual da categoria “outras religiões” apurado a cada 20 anos desde 1940, vai observar que ele é sempre baixo. E seu crescimento é muito suave: sai de 1,9% em 1940, chega a 2,3% em 1960, a 2,5% em 1980 e finalmente a 3,5% no ano 2000. Pergunto: que bela diversidade religiosa é essa a nossa, na qual as religiões verdadeiramente outras, as religiões não cristãs – judeus, afros, hinduístas, islâmicos, budistas etc. – não somam mais do que 3,5% da população? É uma autoilusão que alimentamos. Podemos de fato ter gente de todas as cores e etnias, mas temos que calibrar melhor, diante do espelho censitário, essa autoimagem de uma formidável diversidade religiosa.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Entrevista: Antonio Flávio Pierucci. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, n. 222, dez. 2005. Entrevista concedida a Mônica Pileggi. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/revista-ch-2005/222/entrevista-antonio-flavio-pierucci>>. Acesso em: abr. 2016.

FONTE: Bomeny et al. (2017).

A entrevista alocada em um *box* de destaque, no canto direito da página, traz uma contraposição ao argumento do livro: de que há uma intensa diversidade religiosa no país, pois Pierucci analisa os dados do IBGE desde 1940 e conclui que 89,5% da população é cristã, enquanto as religiões não cristãs contam com 3,5% de adeptos na população. O texto em si levanta uma questão muito pertinente: de que maneira é possível mensurar pluralidade religiosa? (BOMENY et al., 2017). Nessa pesquisa, acionada pelas autoras, há o reconhecimento da existência de distintas religiões e de crenças, embora pontue que o número de adeptos a elas seja irrisório.

Neste sentido, ao pensar estas pontuações, seria possível definir o país como uma nação religiosa plural? A construção pedagógica, pelas autoras, no livro didático, pretende produzir, justamente, essa reflexão: elas assumem, ao longo da narrativa

didática, a postura de demonstrar diferentes religiões e experiência religiosas, encontradas ao longo da história do país, bem como a maneira que elas são aderidas pelo ordenamento jurídico e pelo campo cultural. Essa postura se constrói por todo o texto didático, por meio da mobilização de fotografias, diversos *boxes*, conceitos, teorias etc. Todavia, essas estratégias assumem também a abordagem quantitativa ao utilizarem os recursos das tabelas, construindo uma reafirmação da característica cristã da população brasileira.

Desse modo, é possível perceber a construção pedagógica de *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*. Nela, por meio da retomada histórica, reside a tensão qualitativa e quantitativa, em torno da categoria religião, como uma instituição social. Qualitativa e quantitativamente, é produzida uma ideia central no capítulo, ou seja, o Brasil não tem uma religião oficial e a nação convive com a existência de diversas crenças, embora seja, majoritariamente, um país de pessoas cristãs. Essa ideia, por fim, responde ao questionamento que intitula o capítulo: “O Brasil ainda é um país católico?”.

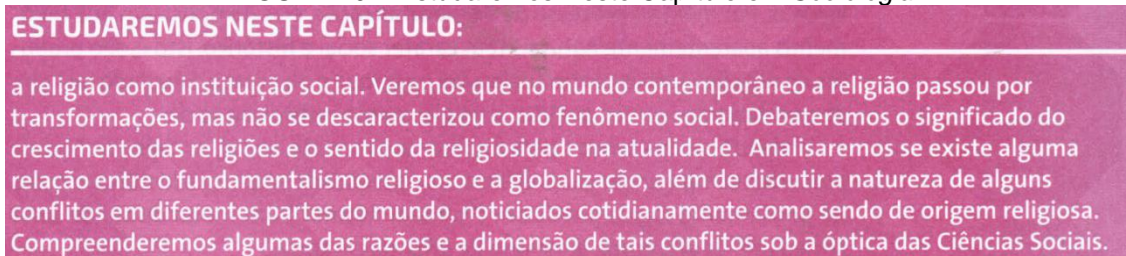
3 DISPUTANDO A RELIGIÃO: OS CONFLITOS COMO BALIZADORES DO CAMPO RELIGIOSO EM “SOCIOLOGIA”

3.1 A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO

Sociologia se elabora a partir de doze itens, sendo: Estudaremos Neste Capítulo; Pesquisa; Debate; Pausa para Refletir; Encontro com Cientistas Sociais; Intelectuais Leem o Mundo Social; Boxes; Frases em Destaque; Diálogos Interdisciplinares; Conceitos-Chave; Revisar e Sistematizar; Teste Seus Conhecimentos e Descubra Mais, além do texto dissertativo pelas páginas (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017). Apresentarei, em seguida, a que se refere cada uma dessas partes e como elas atuam no livro didático.

O item Estudaremos Neste Capítulo (Figura 19) produz, na capa de cada capítulo, uma síntese dos conteúdos que serão abordados, atuando como uma apresentação dos objetivos constituintes da unidade em estudo, vinculado a uma imagem de impacto. No capítulo 7, Sociedade e Religião, ocorre conforme Figura 19.

FIGURA 19 – Estudaremos Neste Capítulo em *Sociologia*



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 20 – Pesquisa em *Sociologia*

Pesquisa

🔍

Em equipe, pesquisem sobre algum conflito tido como religioso ocorrido nos séculos XX e XXI, levantando suas causas, batalhas e desdobramentos. Após a busca de informações (em livros, mídias impressas e na internet), o resultado da pesquisa de cada grupo deve ser apresentado para a turma. Fiquem atentos para outras motivações, de natureza econômica, social e/ou política, que colaborem para uma melhor compreensão do conflito selecionado.

● Algumas sugestões de temas de pesquisa são:

- o conflito palestino-israelense;
- o conflito entre indianos e paquistaneses na região da Caxemira;
- o conflito entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte;
- a Revolução Iraniana e suas implicações no cenário atual do país;
- os conflitos étnico-religiosos na região da ex-Iugoslávia nos anos 1990;
- os conflitos na Síria;
- a ação do grupo Estado Islâmico nas primeiras décadas do século XXI.

Policiais israelenses e ativistas palestinos durante protesto em Belém, na Cisjordânia. Foto de 2016.



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

O item Pesquisa (Figura 20), por sua vez, aparece em *boxes* – característica para elementos que pretendem chamar a atenção visual dentro da literatura didática –, cuja finalidade é a de propor uma atividade de pesquisa sobre o tema trabalhado no capítulo. Nesse mesmo conjunto de *boxes* com atividades, temos o item Debate (Figura 21), o Pausa Para Refletir (Figura 22), o Encontro com Cientistas Sociais (Figura 23), o Intelectuais Leem o Mundo Social (Figura 24). Os itens são chamados em *boxes*, uma estratégia que destaca o conteúdo, por dispor de maior ênfase, e proporciona uma interface entre a teoria e realidade.

FIGURA 21 – Debate em Sociologia

Debate

De que forma o sincretismo religioso está presente nas práticas sociais de alguns brasileiros? Acompanhe a exposição do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (1936-) e, em equipe, discutam sobre a religiosidade no Brasil.

Do mesmo modo que temos pais, padrinhos e patrões, temos também entidades sobrenaturais que nos protegem. E elas podem ser de duas tradições religiosas aparentemente divergentes. Isso realmente não importa. O que para um norte-americano calvinista, um inglês puritano ou um francês católico seria sinal de superstição e até mesmo de cinismo ou ignorância, para nós é modo de ampliar nossa proteção. E também, penso um modo de enfatizar essa enorme e comovente fé que todos nós temos na eternidade da vida. Assim, essas experiências religiosas são todas complementares entre si, nunca mutuamente excludentes. O que uma delas fornece em excesso, a outra nega. E o que uma permite, a outra pode proibir. O que uma intelectualiza, a outra traduz num código de sensual devoção. Aqui também nós, brasileiros, buscamos o ambíguo e a relação entre esse mundo e o outro [...] Assim, se no Natal vamos sempre à Missa do Galo, no dia 31 de dezembro vamos todos à praia vestidos de branco, festejar o nosso orixá ou receber os bons fluidos da atmosfera de esperança que lá se forma. Somos todos mentirosos? Claro que não! Somos, isso sim, profundamente religiosos.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 115-116.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 22 – Pausa Para Refletir em Sociologia

Pausa para refletir



O tema religião está fortemente relacionado às questões referentes aos direitos humanos. Atualmente espera-se dos Estados que sociedades garantam aos indivíduos e grupos sociais o direito à vida e à liberdade, o direito ao trabalho e à educação, mediante o poder político organizado. Muitas dessas garantias ao cidadão estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada em 1948, um dos documentos básicos das Nações Unidas. Ela foi elaborada logo após a Segunda Guerra Mundial como uma tentativa de evitar que situações extremas se repetissem. A Declaração contém os direitos de todos os seres humanos, mencionando, entre outros assuntos, a questão da religião. Acompanhem um trecho do texto original: artigos I, II e XVIII:

Declaração Universal dos Direitos Humanos

(Adotada e proclamada pela Resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948)

Artigo I.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo II.

1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.

Artigo XVIII.

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência, religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Organização das Nações Unidas, 1948.
Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>
Acesso em: 23 set. 2015.

1. O que afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos a respeito da religião?
2. Pelo que vemos diariamente nos noticiários e pelo que estudamos neste capítulo, sabemos que existem manifestações de intolerância religiosa em diversas partes do mundo. Na sua opinião, é possível conciliar liberdade religiosa, tolerância e direitos humanos? Qual seria o papel do Estado em relação a essa questão?

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 23 – Encontro com Cientistas Sociais em Sociologia

Encontro com cientistas sociais

Na Sociologia clássica, prevaleceu a ideia de que a religião perdia influência à medida que o conhecimento científico se popularizava. Pensando sobre isso, leia o texto abaixo, escrito por Durkheim em 1893, e responda à questão a seguir.

Ora, se há uma verdade que a história pôs fora de dúvida é que a religião abarca uma porção cada vez menor da vida social. Inicialmente, ela estende-se a tudo; tudo que é social é religioso. Depois, pouco a pouco, as funções políticas, econômicas, científicas desvinculam-se da função religiosa, constituem-se à parte e tomam um caráter temporal cada vez mais patente. Deus, se assim nos podemos exprimir, que no princípio estava presente em todas as relações humanas, retira-se delas progressivamente; abandona o mundo aos homens e às suas disputas.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 197.

- Com base nessa leitura, discuta com seus colegas o lugar que a religião ocupa, atualmente, nas relações sociais.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 24 – Intelectuais Leem o Mundo Social em *Sociologia***Intelectuais leem o mundo social**

Cientistas sociais contemporâneos ocupam-se de compreender os fenômenos sociais e seus efeitos sobre os indivíduos. A **religiosidade** é a manifestação dos valores relativos ao universo do sagrado, expressão de componentes doutrinários, culturais e éticos de sistemas religiosos. Acompanhemos a análise contida em um compêndio italiano de Sociologia:

A religião moderna é caracterizada, ao mesmo tempo, por emergir de uma pluralidade de agências religiosas e por uma sempre maior individualização do próprio modo de viver a religião. Essa representa a evolução do fenômeno religioso na sociedade industrializada do Ocidente, onde não mais se configura um único conjunto de símbolos religiosos que trace o significado da existência. Muitos entre aqueles que seguem uma religião a interpretam à luz da experiência cotidiana. Por isso, muitas organizações religiosas têm afrouxado os códigos morais, considerando que os seus membros são responsáveis individualmente. Além disso, as religiões organizadas não têm mais o monopólio sobre tentativas de responder às questões de fundo da existência humana. Significados [sentidos, costumes, orientações morais], que antes tendiam a unir sociedades inteiras ou grandes segmentos dessas, tornaram-se restritos à participação do indivíduo.

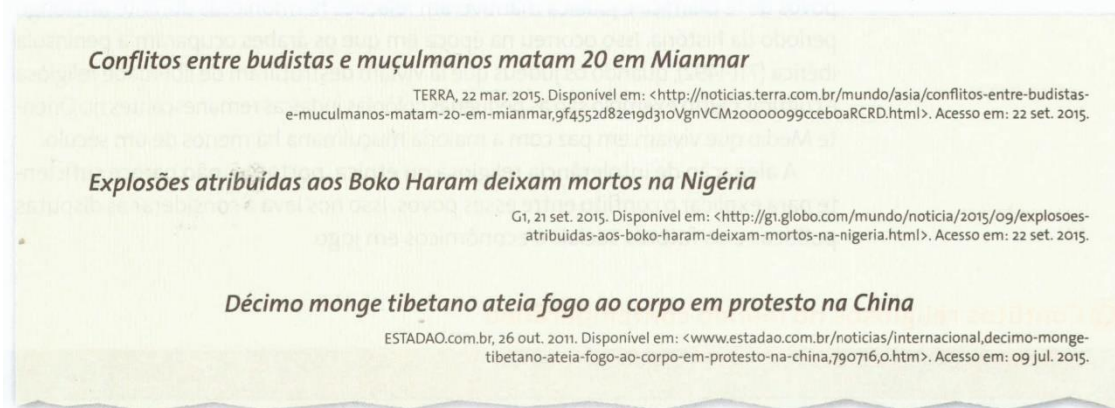
*Tutto Sociologia. Novara: De Agostini, 1999, p. 214.
Texto traduzido.*

- Em sala de aula, realizem um bate-papo acerca da religiosidade existente em seu meio social. Pautem seus argumentos nas interpretações dos clássicos das Ciências Sociais para concordarem ou não com a tese de que há uma forma individualizada de viver a religião nos dias de hoje.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).


O primeiro *box*, a partir de um trecho de texto de autor das Ciências Sociais, propõe um tema relacionado ao capítulo para ser debatido entre estudantes e professores. O segundo, segue a mesma dinâmica: traz autores que não foram citados anteriormente, mas são complementares ao capítulo, para, depois, propor atividades de dissertação com base nisso. Encontro com Cientistas Sociais parte do mesmo pressuposto, mas, por sua vez, utiliza trechos de textos de autores clássicos e contemporâneos das Ciências Sociais, com exercícios a partir deles. O último, mas não menos importante, dispõe textos breves com posições e opiniões de autores sobre as temáticas, com atividades também. Destaco, assim, que existe um conjunto de cinco tipos de *boxes* de atividades, que tentam extrapolar os exercícios finais do capítulo, os quais tendem a produzir atividades objetivas.

Outra modalidade de *boxes* utilizada no livro didático tem a pretensão evidenciar uma determinada ideia, autor ou conceito, a saber: Boxes, Frases em Destaque (Figura 25) e Conceitos-Chave. O primeiro preocupa-se em destacar e ampliar a discussão do tema do capítulo com debates de questões específicas ao tema. O subsequente dá importância aos pensamentos que sintetizam ou permitem uma inferência sobre a discussão proposta. Já o último reúne os principais conceitos das Ciências Sociais mobilizados na literatura didática.

FIGURA 25 – Frases em Destaque em *Sociologia*

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 26 – Box em *Sociologia*

 **"Lei dos três estados ou estágios", de Auguste Comte**

Estágios	Características
Teológico	O ser humano acredita em muitos deuses e evolui para a crença em um só deus (fase religiosa).
Metafísico	Indagações <u>ontológicas</u> acerca da origem do ser humano (fase filosófica).
Positivo	Estágio mais evoluído da humanidade, correspondendo ao uso da razão e da política (fase científica).

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

As atividades finais do capítulo também estão inclusas na estratégia de *box*. Três divisões são elaboradas no material didático: Revisar e Sistematizar (Figura 27), Teste Seus Conhecimentos e Habilidades (Figura 28) e Diálogos Interdisciplinares (Figura 29). Embora se refiram às atividades, elas se diferem nas características das questões. Em Revisar e Sistematizar, há exercícios que trabalham com os temas-chaves do capítulo, por meio da produção do texto dissertativo, enquanto, em Teste Seus Conhecimentos e Habilidades, propõe-se questões objetivas, geralmente, vinculadas ao ENEM ou aos testes vestibulares. Em Diálogos Interdisciplinares, por sua vez, ocorre um afastamento entre os dois primeiros do grupo, pois, há a proposta de tarefas que mobilizam conceitos e conteúdo de outras disciplinas.

FIGURA 27 – Revisar e Sistematizar em *Sociologia***Revisar e sistematizar**

1. Como os autores abordados no capítulo analisam o tema da religião na modernidade?
2. Qual é a análise de Renato Ortiz sobre a religião na realidade atual? Para o autor, é correto afirmar que ela está em declínio?
3. Por que a religião é considerada culpada por inúmeros conflitos, sobretudo após os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos? Essa perspectiva de análise é correta? Justifique sua resposta.
4. Relacione globalização, religião e fundamentalismo religioso.
5. Quais são as tendências apontadas por pesquisas recentes quanto ao comportamento dos brasileiros com relação às práticas religiosas?
6. Pode-se observar ao longo da história, em períodos diversos, uma estreita relação entre o Estado e as religiões institucionalizadas. De que forma essas instituições se influenciam nos dias de hoje?

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

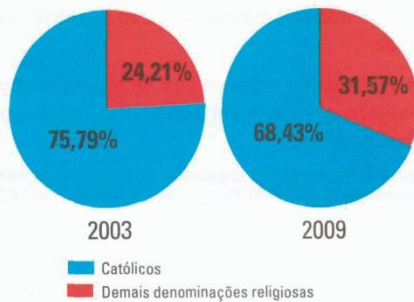
FIGURA 28 – Teste Seus Conhecimentos e Habilidades em Sociologia

Teste seus conhecimentos e habilidades

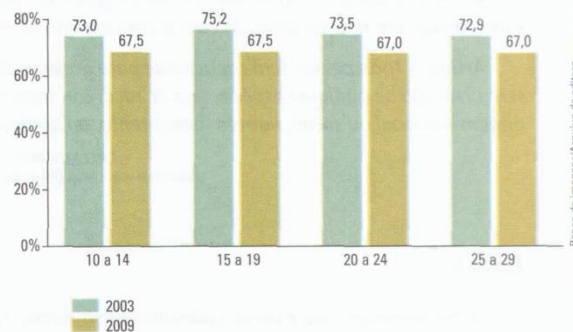
1. Observe os dados abaixo:

Catolicismo perde participação na sociedade

Proporção de católicos na população



Proporção de católicos entre jovens (por faixa etária, em %)



Fonte: Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <www.estadao.com.br/noticias/vidae,fgv-pais-tem-queda-de-726-no-numero-de-catolicos-em-6-anos,762518,o.htm> Acesso em: 21 jul. 2015.

A religião se constitui em uma importante instituição social e, como toda instituição, ela sofre transformações ao longo do tempo. Analisando as informações dos gráficos, está correto afirmar que:

- Há um crescimento da participação dos jovens na religião, sobretudo os que estão na faixa etária de 20 a 24 anos.
- A participação dos jovens na religião católica decresceu nas diversas faixas etárias analisadas.
- A religião católica é minoritária no Brasil.
- Houve um crescimento da religiosidade no Brasil.
- Os jovens migraram para outras religiões.

2. Segundo estudo divulgado pelo Pew Research Center, houve um aumento dos conflitos religiosos no mundo, revelando que:

Um terço dos 198 países analisados experimentou em 2012 altos ou muito altos níveis de confrontos religiosos, tais como violência sectária, terrorismo ou assédio, contra 29% em 2011 e 20% em 2010. O maior aumento ocorreu no Oriente Médio e África do Norte, duas regiões que ainda sofrem os efeitos da chamada Primavera Árabe de 2010-2011. Como exemplo, a pesquisa cita o aumento dos ataques contra igrejas coptas e empresas de propriedade de cristãos no Egito. Acrescenta que a China também conheceu uma intensificação dos conflitos religiosos.

ESTUDO mostra aumento de conflitos religiosos no mundo. Folha de S.Paulo, 14 jan. 2014. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/01/1397725-estudo-mostra-aumento-de-conflitos-religiosos-no-mundo.shtml> Acesso em: 21 jul. 2015.


Sobre os conflitos religiosos que ocorrem em diversas partes do mundo, analise as proposições a seguir e assinale a opção correta a respeito desse fenômeno.

- Por vezes o terrorismo está relacionado ao fundamentalismo religioso, mas convém lembrar que nem todos os atos terroristas têm uma motivação religiosa.
- Os conflitos ocorrem devido à ausência, na Declaração dos Direitos Humanos, de uma cláusula que assegure a não discriminação por motivos religiosos.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 29 – Diálogos Interdisciplinares em Sociologia

Diálogos interdisciplinares

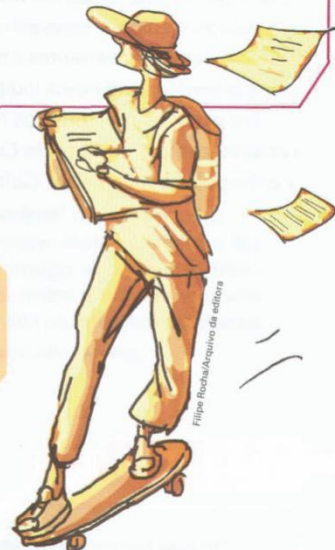


Considerando o que você aprendeu neste capítulo, procure conhecer mais sobre as religiões afro-brasileiras, como segue:

1. Faça uma pesquisa na internet sobre as religiões afro-brasileiras (candomblé e umbanda), seus símbolos, rituais e divindades, estabelecendo as semelhanças e diferenças entre ambas, e escreva uma breve síntese. Finalize seu texto com um comentário sobre o sincretismo religioso e os locais em que há maior presença das religiões afro-brasileiras no país.
2. Pesquise as músicas interpretadas por João Paulo Batista de Carvalho, conhecido como J. B. de Carvalho, Clara Nunes e Maria Bethânia que fazem referência a essas religiões. Selecione algumas dessas letras de música ou assista aos clipes disponíveis na internet.
3. Apresente o material que conseguiu produzir em suas aulas de:
 - Sociologia, de forma a provocar um debate sobre religiões afro-brasileiras e a noção de sincretismo religioso;
 - Língua Portuguesa, para analisar o texto produzido, do ponto de vista da estrutura, normatização e argumentação;
 - Música/Arte, para estudar a composição musical, seu ritmo e forma de expressão;
 - Geografia, para verificar os estados do país onde as religiões afro-brasileiras estão mais presentes.

Conceitos-chave:

Religião, processo de desnaturalização, fenômeno religioso, institucionalização social, mitos, sagrado, secularização, religiosidade, consciência coletiva, sistemas simbólicos, poder simbólico, fundamentalismo religioso, conflito social, sincretismo religioso.




FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).


O último item da organização do livro também está em *box*, denominado Descubra Mais (Figura 30). Nele, há indicações complementares do tema, referentes a livros, filmes e *sítes*. A primeira divisão, As Ciências Sociais na Biblioteca, sugere a leitura de dois livros; a segunda, As Ciências Sociais no Cinema, traz quatro indicações de filmes; depois, três *sítes* são indicados em As Ciências Sociais na Rede. Outro elemento importante, na literatura didática, é a utilização de imagens, artifício presente em grande parte das páginas. Elas atuam como uma complementação e ilustração do texto pedagógico.

FIGURA 30 – Descubra Mais em Sociologia


Descubra mais



Capa do livro *O mundo muçulmano*, escrito por Peter Demant.



Cartaz do filme *Domingo sangrento*, dirigido por Paul Greengrass.



Cartaz do filme *O pagador de promessas*, dirigido por Anselmo Duarte.

As Ciências Sociais na biblioteca

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.
Essa obra trata do Islã, das suas origens à atualidade, além de conflitos que envolvem direta ou indiretamente a religião islâmica.

PINSKY, Carla B.; PINSKY, Jaime. *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.
Essa reflexão mostra os vários tipos de fanatismos na realidade histórica e social, e que o religioso é apenas um deles.

As Ciências Sociais no cinema

A árvore dos tamancos, 1978, Itália/França, direção de Ermanno Olmi.
História em uma aldeia italiana que mostra o papel da fé religiosa na vida simples dos camponeses, entre a incerteza e o idealismo.

Domingo sangrento, 2001, Inglaterra, direção de Paul Greengrass.
Narra o início do confronto entre o IRA e o exército britânico, que provocou uma guerra civil.

O nome da rosa, 1986, Alemanha/França/Itália, direção de Jean-Jacques Annaud.
História escrita por Umberto Eco e adaptada para o cinema que possibilita refletir sobre o papel da Igreja católica e sua relação com o conhecimento na Idade Média.

O pagador de promessas, 1962, Brasil, direção de Anselmo Duarte.
Filme clássico do cinema brasileiro que, sem se restringir à questão religiosa, revela o preconceito, a intolerância e o dogmatismo na realidade social.

As Ciências Sociais na rede

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1>. Acesso em: 9 jul. 2015.
No site do IBGE é possível acessar dados e estatísticas sobre as religiões no Brasil.

Retratos das Religiões no Brasil. Disponível em: <www.fgv.br/cps/religioes/inicio.htm>. Acesso em: 22 jul. 2015.
Site ligado à Fundação Getúlio Vargas que traz informações e dados sobre as religiões no Brasil.

Atlântico Negro: na rota dos orixás. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=VyAebzRS3h8> e <<http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/narotadosorixas>>. Acesso em: 22 jul. 2015.
Video dirigido por Renato Barbieri sobre as religiões e os diversos tipos de cultos afro-brasileiros.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

A partir dessa breve apresentação, é possível inferir que o texto didático do livro *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017) constitui-se, basicamente, de *boxes*. Dos quatorze elementos mobilizados para construir o material didático, doze deles estão centrados na estratégia de destaque, em caixas, para além do texto verbal. Outro quesito que chama atenção é a quantidade de atividades propostas, sendo, ao total, oito caixas de textos dedicadas a essa finalidade.

3.2 ENTRE CONCEITOS, AUTORES E TEORIAS

Localizei em *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017) trinta e seis conceitos e categorias. Alguns deles estão estritamente relacionados ao tema da religião, enquanto outros, de maneira mais ampla, são ligados às teorias das Ciências Sociais.

A categoria Intolerância Religiosa (Quadro 15) aparece, na literatura didática, sete vezes: duas, na construção textual; três, em *boxes* de atividades finais; e duas, em *boxes* de destaque com atividades. Não há uma definição da categoria. Ela é

encontrada, principalmente, em atividades de debates, de produção dissertativa ou de respostas objetivas. A intolerância religiosa é acionada, no texto, a partir de uma diversidade de estratégias didáticas. Ao ser mobilizada em *boxes* de destaque, assume caráter ilustrativo e dialógico com a legislação; ao ser chamada nos *boxes* de atividades, propõe um exercício de reflexão sobre o contexto atual do/da estudante, bem como uma articulação do termo às teorias.

QUADRO 15 – Intolerância Religiosa em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Intolerância Religiosa	"Em dezembro de 2007 foi oficializada, no Brasil, a Lei n. 11635, que criou o dia nacional de combate à intolerância religiosa."	Texto	A Religião como Instituição Social	202
	"Com apoio da Fundação Cultural Palmares, Comissão de Combate à Intolerância Religiosa lança livro e DVD sobre o tema."	Box	Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa	202
	Ilustração	Box	Logotipo do Dia nacional de Combate à Intolerância Religiosa	202
	"A alegação de intolerância religiosa ou étnica, portanto não parece suficiente para explicar o conflito entre esses povos."	Texto	Conflitos Religiosos no Mundo	218
	"2. Sobre conflitos religiosos que ocorreram em diversas partes do mundo, analise as proposições a seguir e assinale a opção correta a respeito desse fenômeno. [...] [...] d) A intolerância religiosa é suficiente para explicar o conflito entre os povos como israelenses e palestinos."	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	225
Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Intolerância Religiosa	"3. Leia os textos e assinale a alternativa correta: [...] (Texto I - Art. I e II da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Texto II. Depoimento de Jefferson Puff sobre Umbanda no BBB 2015.) [...] d) O Brasil é um país sem manifestações de intolerância de natureza religiosa."	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	226
	"4. Diversas manifestações ocorridas na década de 2010, no Brasil, num contexto de acirradas disputas políticas, econômicas e sociais, veiculadas em diversas mídias, foram classificadas como crimes de ódio: racismo, homofobia, xenofobia, etnocentrismo, intolerância religiosa e a discriminação com pessoas com deficiência, entre outros. Sobre os crimes de ódio é correto afirmar:"	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	226

FONTE: O autor.

Já a categoria Diversidade Religiosa (Quadro 16) aparece uma única vez durante o texto, ao mencionar o enfrentamento do preconceito por escolha religiosa. Isso ocorre também com a categoria Liberdade Religiosa (Quadro 16), em um *box* de destaque, ao abordar o conflito entre árabes e judeus.

QUADRO 16 – Diversidade Religiosa e Liberdade Religiosa em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Diversidade Religiosa	"A comemoração na data de 21 de janeiro lembra o enfrentamento do preconceito e visa estimular, na sociedade, a valorização da diversidade religiosa"	Texto	A Religião como Instituição Social	202
Liberdade Religiosa	"Isso ocorreu na época em que os árabes ocuparam a península Ibérica, quando os judeus que lá viviam desfrutaram de liberdade religiosa e cultural."	Texto	Conflitos Religiosos no Mundo	218

FONTE: O autor.

Em uma dinâmica diferente das categorias anteriores, a categoria Instituição Religiosa (Quadro 17) é localizada sete vezes no livro didático. Entretanto, em seis momentos, ela é utilizada no texto verbal e apenas uma vez em atividades. Aparece, no decorrer do capítulo todo, por meio de textos de diversos autores. A categoria é acionada em: A Religião como Instituição Social, quando é mobilizada para aferir a religião como uma instituição, em um processo de secularização; e em A Religiosidade no Brasil, quando constitui um caráter identitário e de adesão às crenças. Já na atividade em que é mobilizada, relaciona-se de forma muito próxima à diversidade religiosa.

Muitas vezes, está relacionada à categoria Estado (Quadro 18), o qual aparece de forma intensa, na literatura didática, sendo nove vezes no total. Ele se concentra mais na parte texto, articulado à religião sempre, divide-se em três atividades – de pesquisa, de debate e de questões objetivas.

QUADRO 17 – Instituição Religiosa em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Instituição Religiosa	"Você deve ter aprendido nas aulas de História sobre o papel determinante da religião em diferentes períodos tanto na vida privada quanto nas relações políticas e econômicas e das instituições religiosas."	Texto	A Religião como Instituição Social	202
	"Quais são as limitações nas atuações sociais e políticas das instituições religiosas em um Estado laico, isto é, não orientado por uma religião?"	Texto	A Religião como Instituição Social	202
	"Seguindo tal linha de pensamento, vamos analisar a religião como instituição social."	Texto	A Religião como Instituição Social	202
	"A Religião é também uma instituição social: existe ao longe da história e nas mais diversas sociedades e exerce um padrão de controle social e uma programação da conduta individual."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"Para a antropóloga brasileira Regina Novaes (1952-), uma explicação possível para esse crescimento sobretudo entre os jovens está menos relacionada ao ateísmo e mais a formas de ligação com o sagrado que se desvinculam de instituições religiosas."	Texto	A religiosidade no Brasil	221
	"Assim sendo, é preciso considerar a diferença entre declarações de identidade (associadas à instituição religiosa), em geral captadas pelo Censo, e declarações de convicções (associadas à vivência e às crenças dos indivíduos)."	Texto	A religiosidade no Brasil	222
	"1. Observe os dados abaixo [...] (gráfico I - população de católicos na população. gráfico II - proporção de católicos entre jovens por faixa etária. [...] A Religião se constitui em uma importante instituição social e, como toda instituição, ela sofre transformações ao longo do tempo. Analisando as informações dos gráficos, está correto afirmar que:"	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	225

FONTE: O autor.

Como dito, a categoria Estado (Quadro 18) é acionada constantemente em *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017), perpassando diversas seções do material. Encontra-se, então, em: A Religião Como Instituição Social; Max Weber; A Religião em Tempos de Globalização; Desfazendo Mitos; Pausa Para Refletir; A Religiosidade no Brasil; Revisar e Sistematizar e Teste Seus Conhecimentos e Habilidades. O acionamento ocorre para explicar a construção da laicidade do Estado moderno, que, por ser laico, precisa construir políticas que garantam a liberdade religiosa. Essa categoria fortalece a narrativa do processo de secularização da religião.

QUADRO 18 – Estado em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Estado	"Quais são as limitações nas atuações sociais e políticas das instituições religiosas em um Estado laico, isto é, não orientado por uma religião?"	Texto	A Religião como Instituição Social	202
	"A secularização favoreceu um movimento histórico ocorrido com as Revoluções Burguesas, no século XVIII, resultando na figura do Estado moderno, separado da influência da religião."	Texto	Max Weber	209
	"Com a consolidação do Estado Moderno e a secularização das instituições, ambos se afastaram da influência religiosa e a religião deixou de ser o elemento central de organização da sociedade."	Texto	A Religião em tempos de globalização	211
	"Muitas associações religiosas assumiram obrigações e deveres até então exercidos pelo Estado, que reduziu seu papel no sistema de proteção social em tempos de neoliberalismo."	Texto	Desfazendo mitos	215
	"Os grupos que recorrem a essa estratégia alegam reagir a um ataque anterior vindo da parte do Estado ou do sistema."	Texto	Desfazendo mitos	216
	"Atualmente espera-se dos Estados que sociedades garantam aos indivíduos e grupos sociais o direito à vida e à liberdade, o direito ao trabalho e à educação, mediante o poder político organizado."	BoxAT	Pausa para refletir	216
	"O Brasil é um Estado laico, ou seja, legalmente o Estado é independente e não está submetido aos desígnios de qualquer confissão religiosa."	Texto	A religiosidade no Brasil	221
	"6. Pode-se observar ao longo da história, em períodos diversos, uma estreita relação entre o Estado e as religiões institucionalizadas. De que forma essas instituições se influenciam nos dias de hoje?"	BoxAT	Revisar e sintetizar	224
	"4. Diversas manifestações ocorridas na década de 2010, no Brasil, num contexto de acirradas disputas políticas, econômicas e sociais, veiculadas em diversas mídias, foram classificadas como crimes de ódio: racismo, homofobia, xenofobia, etnocentrismo, intolerância religiosa e a discriminação com pessoas com deficiência, entre outros. Sobre os crimes de ódio é correto afirmar: [...] b) O ódio é um sentimento individual, portanto não há como o Estado definir como crime."	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	226

FONTE: O autor.

Além disso, estão presentes de forma muito intensa no material didático as categorias Sagrado e Profano (Quadro 19). Ambas são utilizadas juntas e encontram-se, exclusivamente, na parte textual, ao longo de todo o capítulo. Sagrado é acionado sete vezes no texto, enquanto o Profano, três vezes. Já Divindade e Transcendente (Quadro 19) aparecem duas e uma vez, respectivamente. Essas categorias são mobilizadas, no texto, em defesa ao processo de secularização da religião. As tônicas do sobrenatural são trazidas como uma negativa para a construção do que é a religião e são exploradas pela transformação da observação desses elementos, trazendo-os para o campo racional e analítico.

QUADRO 19 – Sagrado, Profano, Divindade e Transcendente em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Sagrado	"O fundamento da religião não estaria no sobrenatural ou na ideia de deus, mas na distinção entre os conceitos de sagrado e profano."	Texto	Émile Durkheim	208
	"O Sagrado indica uma realidade protegida, superior e separada do que é mundano (profano), na qual a coletividade projeta e objetiva a própria consciência religiosa e à qual presta reverência."	Texto	Émile Durkheim	208
	"A secularização é a passagem de fenômenos que até então eram do domínio religioso ou sagrada para a esfera profana."	Texto	Max Weber	209
	"Isso significa que certas representações do mundo e do lugar do ser humano no mundo deixam de ser associadas ao sagrado ou ao místico e ganham uma explicação racional, científica e técnica."	Texto	Max Weber	209
	"Diante da ascensão de novas denominações religiosas, do fundamentalismo e dos conflitos religiosos, autores defendem que vivemos um retorno ao sagrado."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
Profano	"Já as construções teológicas são regras, procedimentos e interpretações elaboradas, no decorrer do tempo, por aqueles indivíduos reconhecidos como intermediários entre a divindade e o mundo profano."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"O fundamento da religião não estaria no sobrenatural ou na ideia de deus, mas na distinção entre os conceitos de sagrado e profano."	Texto	Émile Durkheim	208
	"A secularização é a passagem de fenômenos que até então eram do domínio religioso ou sagrada para a esfera profana."	Texto	Max Weber	209
Divindade	"Já as construções teológicas são regras, procedimentos e interpretações elaboradas, no decorrer do tempo, por aqueles indivíduos reconhecidos como intermediários entre a divindade e o mundo profano."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Mesmo para os ateístas, ou seja, aqueles que não acreditam na existência de divindades, a religião é fonte de inspiração e questionamentos."	Texto	O fenômeno Religioso	206
Transcendente	"Esse 'algo' pode ser imanente, ou seja, pode se manifestar concretamente, à vista de todos; ou então transcendente, ou seja, pode ocorrer em um plano que não é concreto."	Texto	O fenômeno Religioso	204

FONTE: O autor.

A presença do Fenômeno Religioso (Quadro 20) também é significativa, pois atua como um canalizador de categorias e conceitos, ao acionar outros conceitos. Está, exclusivamente, no texto, dividido em quatro subtítulos diferentes. A categoria que se manifesta com maior intensidade é a Crença (Quadro 22), localizada vinte vezes ao longo do texto. Ela se articula com todas as teorias, conceitos e categorias levantados nesse estudo. Assim, o que chama a atenção é a sua ausência nos *boxes* de atividades e de exercícios, o que demonstra, em certa medida, funcionar como um conceito base para a discussão do tema.

Ao contrastá-la com Fé e Dogma (Quadro 21), é possível perceber a distinção de tratamento dos termos. A primeira se impõe no texto, em *box* de destaque e de atividade, sendo sempre articulada ao conceito de Desnaturalização, o qual, citado

diretamente apenas uma vez, percorre todo o trajeto do livro. Nesse escopo, Dogma assume uma função importante, haja vista que, em dois momentos do texto, ele é acionado para fazer um *link* entre Fé e Crença.

QUADRO 20 – Fenômeno Religioso em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Fenômeno Religioso	"O fenômeno religioso incentiva o indivíduo a procurar superar sua condição humana a fim de se abrir a algo que o superar e, ao mesmo tempo, o engloba."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"O fenômeno religioso tem, portanto, muitas facetas, e é heterogêneo por se basear em diversas fontes e interesses relacionados à condição humana."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Um dos desafios das Ciências Sociais ao tratar do fenômeno religioso é que ele abarca dois universos: o espaço privado, relativo à intimidade, e o espaço público, que lhe dá o caráter social."	Texto	A Religião na visão da Sociologia Clássica	207
	"Augusto Comte identifica o fenômeno religioso como um estágio relativamente 'primitivo' da evolução social e cultural da humanidade, que ela chama de estado teológico."	Texto	Auguste Comte	207

FONTE: O autor.

Ao abordar sobre o Fenômeno Religioso, as autoras parecem conceituar o termo como uma prática que articula duas dimensões: a pública e a privada, sendo caracterizado e enraizado por uma crença individual, que, ao manifestar-se no espaço público, toma uma dimensão coletiva (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017). Isso evidencia, mais uma vez, que os acionamentos no texto convergem para a narrativa do processo de secularização do religioso.

QUADRO 21 – Fé e Dogma em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Fé	"Já os gestores (lideranças e dirigentes religiosos) organizam, por meio das práticas religiosas, a difusão da fé entre aquelas que buscam contato com a esfera divina."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"A contraposição entre religião e ciência tem sua base na ideia de que a fé se opõe à consciência científica."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
	"Valores como a fé, a confiança e capacidade de autoafirmação são oferecidos pelos fiéis por meio de regras simplificadas."	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
	"Povos de fé islâmica e judaica mantiveram relações harmoniosas durante um longo período da história."	Texto	Conflitos Religiosos no Mundo	218
	"2. Sobre conflitos religiosos que ocorreram em diversas partes do mundo, analise as proposições a seguir e assinale a opção correta a respeito desse fenômeno. [...] e) As guerras religiosas e os conflitos decorrentes têm base na fé, que cresceu na sociedade moderna."	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	226
Dogma	"Uma crença pode se cristalizar em mitos, dogmas ou construções teológicas."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Em uma religião, as crenças que assumem o caráter de verdades doutrinárias a serem aceitas sem discussão [...] constituem dogmas."	Texto	O fenômeno Religioso	205

FONTE: O autor.

Assim como Fenômeno Religioso, a categoria Fé constrói, no texto, uma ideia de campo privado. Entretanto, com uma correlação entre a experiência individual e o campo científico, ela é acionada em relação ao Dogma. Nesse momento, um caráter doutrinário seria assumido, tomando dimensões sociais, ou seja, partindo do campo privado para o público.

QUADRO 22 – Crença em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Crença	"A religião é uma das dimensões da cultura e serve ao indivíduo e à coletividade como fonte de concepções sobre o mundo. Estão em sua base a vontade de crer das pessoas e a construção de uma manifestação coletiva com base nessa crença."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"Ao mesmo tempo, os seres humanos produzem ritos, crenças, costumes, regras de conduta orientados pela religião."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"Os responsáveis pela produção do conjunto de crenças religiosas são personagens místicos, como Jesus Cristo, Maomé, Buda."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"Uma crença pode se cristalizar em mitos, dogmas ou construções teológicas."	Texto	O fenômeno Religioso	205

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Crença	"Nesse processo, os gestores lançam mão de práticas como crenças, gestos, formação de comunidades e regras de condutas."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Em uma religião, as crenças que assumem o caráter de verdades doutrinárias a serem aceitas sem discussão [...] constituem dogmas."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"As bases de uma crença mobilizam as emoções e a sensibilidade dos fiéis."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Os autores clássicos da Sociologia voltaram seu olhar para a religião como um fenômeno social e procuraram interpretá-lo, sobretudo por sua capacidade de garantir coesão social e por produzir nos indivíduos a crença em algo que os ultrapassa."	Texto	A Religião na visão da Sociologia Clássica	207
	"Nessa fase (estado teológico), o ser humano tenderia a passar, gradativamente da crença em muitos deuses para a crença em um deus único."	Texto	A Religião na visão da Sociologia Clássica	207
	"Para Durkheim, a religião consiste em um sistema de crenças e de práticas relativas ao sagrado que une indivíduos em uma comunidade moral, regida por princípios e valores específicos."	Texto	Émile Durkheim	208
	"Weber acreditava que a força da religião estaria em declínio, na medida em que a sociedade moderna se afastava das superstições, das crenças [...] Desse modo, enquanto nas sociedades tradicionais a religião e as crenças a ela relacionadas eram centrais, na modernidade ocorria uma crescente racionalização."	Texto	Max Weber	209
	"Toda ideologia [...] desenvolve-se com base em crenças preexistentes que mascaram a realidade social."	Texto	Karl Marx	210
	"A consciência coletiva, citada por Ortiz, refere-se a valores, sentimentos, crenças e tradições que são legitimados, repetidos e transmitidos ao longo das gerações."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212
	"As crenças religiosas, enquanto 'consciências coletivas', aglutinam o que se encontrava antes disperso."	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	212
	"A crença na legitimidade da palavra desses especialistas reforça o poder simbólico que eles detêm."	Texto	A Religião em Tempo de Globalização	213
	"Anthony Giddens o (fundamentalismo religioso) descreve como um movimento de adesão incondicional a determinados valores e crenças."	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
	"O fato de alguns ataques de grupos terroristas serem feitos em nome de uma crença específica não significa que todos os adeptos daquela religião sejam terroristas."	Texto	Desfazendo mitos	215
	"Apenas alguns grupos apresentam reações fundamentalistas diante de quem é alheio ou discordante com relação à sua crença religiosa."	Texto	Desfazendo mitos	215
	"É preciso considerar a diferença entre declarações de identidade [...] em geral captadas pelo Censo, e declarações de convicções associadas à vivência e às crenças dos indivíduos."	Texto	A religiosidade no Brasil	222
	"Esses estudos buscam compreender a relação entre questões políticas desses movimentos e motivações relacionadas ao catolicismo popular e as crenças herdadas de povos indígenas."	Texto	A religiosidade no Brasil	223

FONTE: O autor.

A categoria Crença (Quadro 22) é mobilizada, no texto didático, com grande intensidade, assumindo diversas dimensões. Quando é acionada na seção O Fenômeno Religioso, ela é desenvolvida com uma característica inerente à religião,

isto é, crer em algo se constitui como uma experiência intrínseca da experiência religiosa, que abarca distintos elementos e se configura na junção deles, como os ritos, os costumes, personagens místicos, livros sagrados. Ao ser acionada nas seções relativas aos autores Max Weber e Émile Durkheim, essa categoria assume o caráter de conceituação da religião. Em Durkheim, integrando um sistema que define a religião no campo social; em Weber, havendo a superação dessas crenças e o fortalecimento do processo de secularização.

No subtítulo “A Religião em Tempos de Globalização” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 214), Crença é definida como consciência coletiva, ou seja, como uma aglutinadora de valores em torno de uma experiência individual, o que é reafirmado na seção Fundamentalismo Religioso, quando Giddens é empregado por meio da definição de fundamentalismo, ou seja, uma “adesão incondicional a determinados valores e crenças” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 214).

A ideia de Mito (Quadro 23) também é tratada no texto, vinculada à Crença e aos Dogmas, é encontrada três vezes na literatura didática. Acionando politeísmo e monoteísmo (Quadro 23), constrói o raciocínio em torno das fronteiras que há entre esses elementos. Com isso, sustenta o argumento de Ritual (Quadro 23), além de ser expandida para outros contextos, como para as atividades de pesquisa e teorias de Max Weber e Pierre Bourdieu. Como conceito analítico de Bourdieu, também são encontrados no texto termos como sistemas simbólicos e poder simbólico, ambos para tratar das guerras religiosas⁵.

QUADRO 23 – Mito, Politeísmo, Monoteísmo e Ritual em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Mito	"Uma crença pode se cristalizar em mitos, dogmas ou construções teológicas."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Para muitos sociólogos e para a antropologia funcionalista, os mitos são alegorias que não só explicam problemas existenciais e sociais, mas também possuem uma função na organização da vida da comunidade."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Para Bourdieu, a religião, a arte, a ciência e os mitos são exemplos de sistemas simbólicos."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	213

⁵ As autoras usam a expressão “Guerras Religiosas” para tratarem de conflitos bélicos “motivados” pela religião.

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Politeísmo	"Nessa fase (estado teológico), o ser humano tenderia a passar, gradativamente da crença em muitos deuses (politeísmo) para a crença em um deus único (monoteísmo)."	Texto	Auguste Comte	207
Monoteísmo	"Nessa fase (estado teológico), o ser humano tenderia a passar, gradativamente da crença em muitos deuses (politeísmo) para a crença em um deus único (monoteísmo)."	Texto	Auguste Comte	207
Ritual	"Esse sistema (sistema de símbolos) pode ser estudado pelos cientistas sociais, que, pesquisando o significado de atos, rituais e valores religiosos, podem então buscar compreender o papel da religião na vida das pessoas."	Texto	O fenômeno Religioso	204
	"As bases de uma crença mobilizam as emoções e a sensibilidade dos fiéis, traduzindo-se em práticas religiosas, tais como celebrações, danças, transe, sacrifícios, ritos, orações e gestos sistematizados."	Texto	O fenômeno Religioso	205
	"Weber escreve que religiões como essa (protestantismo) progressivamente abriam mão de rituais e símbolos com poderes mágicos."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
	"A história da transformação do mito em religião não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados em discursos e ritos religiosos."	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	213
	"1. Faça uma pesquisa na internet sobre as religiões afro-brasileiras, seus símbolos, rituais e divindades."	BoxAT	Diálogos Interdisciplinares	224

FONTE: O autor.

Já a Globalização (Quadro 24) e Fundamentalismo Religioso (Quadro 25) estão presentes ao longo do texto de todo capítulo, mas, aparentemente, mais relacionados à ideia de conflitos religiosos. A primeira aparece no texto, em citações e em *box* de atividade. O mesmo padrão se repete na segunda. Pode-se perceber, com esses dados, que as duas categorias se encontram nas diversas partes integrantes do capítulo, o que parece sugerir um sentido de totalidade na unidade.

QUADRO 24 – Globalização em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Globalização	"A Globalização recente, como todo grande processo sociocultural, gera desigualdades entre grupos e nações."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212
	"Ora, como tem sido apontado por inúmeros autores, a temática da identidade transforma-se radicalmente com o processo de globalização."	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	212
	"4. Relacione globalização, religião e fundamentalismo religioso".	BoxAT	Revisar e sistematizar	224

FONTE: O autor.

Globalização é discutida como um catalisador das mudanças identitárias ocorridas no campo religioso. Mudanças que são capazes de produzir tensões entre diversas culturas, promovendo muitos conflitos e embates. Para tanto, é acionada, por diversas vezes, a noção de Fundamentalismo Religioso, como ocorre em um *box* de atividade, por exemplo: "relacione globalização, religião e fundamentalismo religioso"

(ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 224). Assim, é construída uma narrativa de que as diversas culturas religiosas podem, a partir de uma dimensão dogmática, proporcionar diversos conflitos em nome da religião.

QUADRO 25 – Fundamentalismo Religioso em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Fundamentalismo Religioso	"Diante da ascensão de novas denominações religiosas, do fundamentalismo e dos conflitos religiosos, autores defendem que vivemos um retorno ao sagrado."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
	"Movimento de adesão incondicional a determinados valores e crenças, cujos adeptos têm um entendimento literal dos seus livros sagrados."	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
	"O fundamentalismo pode vir associado a situações de desigualdade social por fornecer às populações pobres e injustiçadas um sentido já definido para a realidade vivida".	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
	"4. Relacione globalização, religião e fundamentalismo religioso".	BoxAT	Revisar e sistematizar	224
	"2. Sobre conflitos religiosos [...] a) Por vezes o terrorismo está relacionado ao fundamentalismo religioso, mas convém lembrar que nem todos os atos terroristas têm uma motivação religiosa."	BoxAT	Teste seus Conhecimentos e Habilidades	225

FONTE: O autor.

Já a Religiosidade (Quadro 26), que, em diversos momentos é confundida com religião, encontra-se em três momentos do texto de forma pouco nítida. Atua, na literatura didática, como um acionador do Sincretismo Religioso (Quadro 27), que se perdura por todo o texto, em todas as suas dimensões – texto, indicações complementares, atividades, pesquisa etc. A religiosidade é mobilizada principalmente no texto com um sentido de vivência da experiência religiosa.

QUADRO 26 – Religiosidade em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Religiosidade	"A religiosidade é a manifestação dos valores relativos ao universo do sagrado, expressão de componentes doutrinários, culturais e éticos de sistemas religiosos."	BoxAT	Intelectuais leem o mundo social	210
	"Nesse sentido, vale indagar se nos deparamos com o declínio, a transformação ou o renascimento da religiosidade, como sugere Zygmunt Bauman."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Religiosidade	"A difusão da religiosidade via meios de comunicação favoreceu a expansão das religiões e até a multiplicação de suas manifestações."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212

FONTE: O autor.

É possível perceber, então, que religiosidade mobiliza a noção de sincretismo religioso, o qual aparece, no livro didático, demonstrando a diversidade religiosa e a maneira como ela se mistura no campo da cultura, haja vista que diversas religiões e

experiências religiosas absorvem elementos umas das outras por conviverem em um mesmo campo cultural. Quando a noção de sincretismo é acionada na atividade Diálogos Interdisciplinares, ela aparece como um aglutinador de símbolos, rituais e divindades, propondo ao/à estudante uma pesquisa acerca de religiões afro-brasileira sincretizadas.

QUADRO 27 – Sincretismo Religioso em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Sincretismo Religioso	"É comum ouvir que o Brasil é um país em que o sincretismo religioso está muito presente, ou seja, no qual elementos de cultos e doutrinas diferentes se combinam e são reinterpretados."	Texto	A religiosidade no Brasil	222
	"Para Pierre Sanchis, o sincretismo não é próprio do campo da religião, mas da cultura, e procede de uma relação desigual entre duas culturas ou religiões."	Texto	A religiosidade no Brasil	222
	"De que forma o sincretismo religioso está presente nas práticas sociais de alguns brasileiros?"	BoxAT	Debate	223
	"1. Faça uma pesquisa na internet sobre as religiões afro-brasileiras, seus símbolos, rituais e divindades. [...] Finalize seu texto com um comentário sobre o sincretismo religiosos e os locais em que há maior presença da religiões afro-brasileiras no país."	BoxAT	Diálogos Interdisciplinares	224

FONTE: O autor.

Na narrativa didática, para mobilizar os autores clássicos das Ciências Sociais sobre o tema debatido, foi utilizado o conceito de Campo Religioso (Quadro 28), que se manifesta duas vezes no texto, a partir de autores como Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx. No caso de Durkheim, por exemplo, partiu-se de termos como costumes, moral, coesão social. De Weber, afinidades eletivas, secularização, e desencantamento do mundo. Para explicar a concepção de religião para Karl Marx, utilizou-se as categorias: luta de classes, ideologia e alienação.

QUADRO 28 – Campo Religioso em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Campo Religioso	"Na modernidade ocorria uma crescente racionalização e consequente afastamento do campo religioso em razão do desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da burocracia."	Texto	Max Weber	209
	"Ele (Bourdieu) se concentra em compreender a dominação que as produções simbólicas exercem sobre os indivíduos, na medida em que elas unem e também legitimam distinções. No campo religioso, essa dominação se impõe."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	213

FONTE: O autor.

QUADRO 29 – Conflito Social em *Sociologia*

Categoria / Conceito	Contexto de acionamento	Seção	Título da Seção	Pg.
Conflito Social	"Os teóricos do darwinismo social consideravam o conflito um ponto central para a compreensão da presença do ser humano na face da terra, na medida em que acreditavam na evolução da sociedade."	Box	Conflitos Sociais	220
	"Os funcionalistas reconhecem uma "dimensão conflitual" na sociedade, ou seja, uma tensão permanentemente moderada pela solidariedade social."	Box	Conflitos Sociais	220
	"Com Weber o conflito social passa a ser visto como uma ação cotidiana, resultado de uma relação de concorrência entre indivíduos."	Box	Conflitos Sociais	220
	"Para algumas teorias, os conflitos sociais são responsáveis pelas mudanças históricas centrais, como a interpretação dialética de Marx de luta de classes."	Box	Conflitos Sociais	220
	"Lewis Coser faz uma abordagem funcionalista da teoria do conflito, considerando-o mola para a renovação e a mudança da sociedade, por gerar novas normas e novas instituições."	Box	Conflitos Sociais	220
	"Ralf Dahrendorf, observa que a sociedade vai institucionalizando o conflito, ou seja, origina instituições de regulação dos conflitos."	Box	Conflitos Sociais	220

FONTE: O autor.

Em *Sociologia* (ARAÚJO, BRIDI, MOTIM, 2017), vinte e sete autores(as) são citados no corpo do texto ou em *boxes*. De forma mais ou menos intensa, todas as teorias e autores(as) são utilizados para pensar o fenômeno religioso. As autoras do livro aparentam ter grande apressso pela teoria clássica, que está presente ao longo de todo o capítulo, em diversos contextos. Para dimensionar a perspectiva da religião para Durkheim, os conceitos e categorias de fato social, sagrado e profano, coesão social, divisão do trabalho social, consciência coletiva e consciência individual são utilizados ao longo do texto, em citações e em *boxes* de atividades.

O mesmo acontece com Max Weber, em que afinidades eletivas e secularização são mobilizadas no texto. O foco desse autor está em relacionar o processo de secularização aos conflitos sociais gerados por religião. Karl Marx não foge à regra, presente com os conceitos de ideologia, luta de classes e alienação. Além das teorias específicas em torno do tema religião, os autores também estão presentes no *box* que trata exclusivamente do conceito de conflito social (Quadro 29), dando a contribuição da sociologia interpretativa, funcionalista e materialista dialética à discussão. Outros dois autores clássicos também são utilizados na narrativa textual, Pierre Bourdieu e Clifford Geertz para tratar dos sistemas simbólicos.

QUADRO 30 – Émile Durkheim em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Émile Durkheim	Fato Social	"Émile Durkheim (1858-1917) diria que a religião é um Fato Social por ser observável e assimilado pelos indivíduos e grupos, existindo na extensão de uma determinada sociedade."	Texto	A Religião como Instituição Social	203
	Religião/Sagrado e Profano/Coesão social	"Émile Durkheim propõe em seu livro <i>As Formas elementares da vida religiosa</i> que uma das principais funções da religião é manter a coesão social".	Texto	Émile Durkheim	208
	Divisão do trabalho social	Citação da obra <i>Da divisão do trabalho social</i> , 1977, p. 197	Citação	Encontro com cientistas sociais	208
	Consciência coletiva/Consciência individual	"Segundo Durkheim a consciência coletiva exerce coerção sobre as consciências individuais". Utiliza Renato Ortiz para explicar a teoria.	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212
	Conflito social	"Durkheim contrapõe consenso e conflito. Os funcionalistas reconhecem a dimensão 'conflitual' na sociedade."	BoxAt	Conflitos Sociais	220

FONTE: O autor.

Émile Durkheim (Quadro 30) é mobilizado, majoritariamente, no texto. As primeiras e segundas chamadas se dão com a definição de Religião. A citação da obra *As formas elementares da vida religiosa* é acionada pela seção do texto com o nome do autor. As autoras desta obra didática construíram uma narrativa textual, dedicando uma seção específica para cada um dos autores clássicos das Ciências Sociais. Nesse espaço, são trazidos os principais conceitos e obras relacionadas ao tema debatido, no caso, a religião.

QUADRO 31 – Karl Marx em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Karl Marx	Ideologia/Luta de classes/Religião	"Em a Ideologia Alemã Marx e Engels interpretava a história como série de transformações sociais e materiais a influenciar a vida dos seres humanos. Nesse sentido, a religião era um obstáculo ao progresso e emancipação político-social."	Texto	Karl Marx	210
	Conflito social	"Interpretação dialética da luta de classes."	Box	Conflitos Sociais	220

FONTE: O autor.

A conceituação/definição de religião é dotada de atenção por parte das autoras, que mobilizam teorias clássicas, em suas seções específicas, para a discussão. Essa estratégia didática possibilita construir elementos comparativos entre as diferentes abordagens e metodologias utilizadas por eles. Karl Marx (Quadro 31) é acionado com

a obra *A Ideologia Alemã*, por meio de um trecho, sendo possível discutir o papel da religião na história, bem como as suas transformações.

QUADRO 32 – Max Weber em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Max Weber	Afinidades eletivas	"A conduta das pessoas tende a se orientar por pontos em comum entre seus ideais religiosos e as atividades práticas que exercem."	Texto	O Fenômeno Religioso	204
Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Max Weber	Religião	"Weber via a religião como uma dimensão social depositária de significados culturais. Por meio desses significados os indivíduos e coletividades interpretam sua condição de vida."	Texto	Max Weber	209
	Secularização	"A Secularização é passagem de fenômenos que até então eram do domínio religioso ou sagrado para a esfera profana."	Texto	Max Weber	209
	Conflito social	"Com Weber, o conflito social passa a ser visto como uma ação cotidiana, resultado de uma relação de concorrência entre indivíduos."	Box	Conflitos Sociais	220

FONTE: O autor.

Como apresentei anteriormente, o conceito de secularização, proposto por Max Weber (Quadro 32), tem forte tônica na obra didática, embora a categoria não careça de muitas citações. No decorrer do livro didático, conceitos distintos e proposições acerca deles constroem uma noção histórica do processo de secularização, de modo conciso e sintética, sendo mobilizada exclusivamente na seção intitulada Max Weber.

Como um mesmo recurso de conceituação do que é religião, Clifford Geertz (Quadro 33) é trazido para a discussão com a definição do religioso como um sistema de símbolos.

QUADRO 33 – Clifford Geertz em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Clifford Geertz	Sistema simbólico	"A Religião é um sistema de símbolos [...] esse sistema pode ser estudado por cientistas sociais [...] buscar compreender o sentido da religião na vida das pessoas."	Texto	O Fenômeno Religioso	204

FONTE: O autor.

QUADRO 34 – Pierre Bourdieu em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Pierre Bourdieu	Sistema simbólico/Religião	"Os sistemas simbólicos são instrumentos de conhecimento e de comunicação para a construção da realidade e propiciam aos indivíduos um sentido imediato do mundo social."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	213
	Religião	Trecho. O Poder Simbólico, 1989, p.12-13	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	213
	Poder Simbólico	"O Poder Simbólico não está na palavra em si, mas na legitimidade que os indivíduos dão a quem as enuncia."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	213

FONTE: O autor.

Para cercar o tema da religião, diversos autores e teorias são acionadas. Alain de Botton (Quadro 35) tem uma citação sobre a definição de religião, sendo mobilizado na seção O Fenômeno Religioso. Auguste Comte contribui com a Lei dos Três Estados, movimentados em um *box* (Figura 26) em destaque, no canto superior esquerdo da página. Jean Baechler (Quadro 35) define fenômeno religioso, por meio de citações diretas. Renato Ortiz (Quadro 35) aparece em distintas partes do livro, no texto, em *boxes*, em citações e em atividades, sendo caracterizado pela intersecção entre religião e modernidade, bem como pela perspectiva em torno de crença. Em um caminho oposto, um autor clássico do tema religião, Antônio Flávio Pierucci (Quadro 35), é chamado ao texto apenas para discutir a divulgação religiosa por meio da mídia.

QUADRO 35 – Alain de Botton, Jean Baechler, Renato Ortiz e Antônio Flávio Pierucci em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Alain de Botton	Religião	Trecho. Religião para ateus, 2002.	Citação	O Fenômeno Religioso	206

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Jean Baechler	Fenômeno Religioso	"O fenômeno religioso incentiva o indivíduo procurar a superar sua condição humana[...] os seres humanos produzem ritos, crenças, costumes, regras de conduta orientados pela religião."	Texto	O Fenômeno Religioso	204
	Religião	Trecho "Tratado de Sociologia", 1995, p. 465	Citação		
	Religião	Trecho. Religião em Tratado de Sociologia, 1995, p. 483"	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	211
Renato Ortiz	Religião	"Na visão do sociólogo brasileiro Renato Ortiz, a religião nunca deixou de estar presente na sociedade.	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
	Modernidade	Trecho. Anotações sobre religião e globalização, 2001, p. 64	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	212
	Consciência coletiva/Consciência individual	Apresenta os conceitos de consciência coletiva e individual para Émile Durkheim.	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212
	Crença/Consciência Coletiva	Trecho. Anotações sobre religião e globalização, 2001, p. 65-66	Citação	A Religião em Tempos de Globalização	212
	Religião e Modernidade	"2. Qual é a análise de Renato Ortiz sobre a religião na realidade atual? Para o autor é correto afirmar que ela está em declínio?"	BoxAt	Revisar e sistematizar	224
Antônio Flávio Pierucci	Meios de divulgação religiosa	Recorre ao autor para explicitar o processo midiático das religiões.	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	212

FONTE: O autor.

No texto, o sincretismo religioso também recebe bastante destaque. Para dar conta dessa categoria, Pierre Sanchis (Quadro 36) é acionado para defini-la no texto, enquanto DaMatta (Quadro 36) é mobilizado, por meio de uma citação, em um box de atividade, para complementar a perspectiva de Sanchis.

QUADRO 36 – Pierre Sanchis e Roberto DaMatta em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Pierre Sanchis	Sincretismo Religioso/Cultura	"Para Pierre Sanchis o sincretismo não é próprio do campo da religião, mas da cultura, e procede de uma relação desigual entre duas culturas ou religiões. Essa desigualdade e consequência de relações históricas de dominação de classe, dominação política ou hegemonia cultural."	Texto	A Religiosidade no Brasil	222
Roberto DaMatta	Sincretismo Religioso	Trecho. O faz o Brasil, Brasil? 1986, p.115-116	BoxAt	Debate	223

FONTE: O autor.

As religiões afro-brasileiras, indígena e o movimento messiânico no Brasil aparecem, na seção A Religiosidade no Brasil, por meio das teorias de Roger Bastide, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Alba Zaluar Guimarães (Quadro 37), que apresentam um panorama das diversas manifestações do religioso no país. Para discutir juventude e religião, Regina Novaes (Quadro 37) é acionada no texto, discutindo a transformação da religiosidade da juventude no Brasil, na segunda metade do século XX.

QUADRO 37 – Roger Bastide, Maria Queiroz, Alba Guimarães e Regina Novaes em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Roger Bastide	Religiões Afro-Brasileiras	"No conjunto de manifestações religiosas brasileiras, a umbanda seria a expressão ideológica da integração do negro à sociedade nacional."	Texto	A Religiosidade no Brasil	222
Maria Isaura Pereira de Queiroz	Etnologia e Religião	Cita estudo sobre a guerra do Contestado.	Texto	A Religiosidade no Brasil	223
Alba Zaluar Guimarães	Movimentos messiânicos no Brasil	Trecho. Os movimentos messiânicos brasileiros: uma leitura. 1986, p. 145	Citação	A Religiosidade no Brasil	223
Regina Novaes	Juventude e Religião	Apresenta estudo sobre religiosidade e juventude da autora.	Texto	A Religiosidade no Brasil	221

FONTE: O autor.

Outra questão presente na obra é a do fundamentalismo religioso, principalmente, por ser um impulsionador da discussão de conflitos religiosos pelo mundo – que tem ênfase neste livro didático. O recurso utilizado é definir tal conceito, a partir das teorias de Zygmunt Bauman e Anthony Giddens (Quadro 38), mobilizado nas seções A Religião em Tempos de Globalização e Fundamentalismo Religioso. Desdobrando essa discussão, Eric Hobsbawn e Carl Clausewitz (Quadro 38) tratam de monopólio do poder e da guerra, respectivamente. A intenção das autoras do livro didático é a de construir um arcabouço teórico acerca do fundamentalismo e, a partir dele, estabelecer uma relação entre a guerra e os conflitos de ordem religiosa.

QUADRO 38 – Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Eric Hobsbawn e Carl Clausewitz em *Sociologia*

Autor	Conceito / Categoria Vinculada	Contexto de Acionamento da Teoria	Seção	Título da Seção	Pg.
Zygmunt Bauman	Religião	"nos deparamos com o declínio, a transformação ou o renascimento da religiosidade."	Texto	A Religião em Tempos de Globalização	211
	Sociedade Líquida/Fundamentalismo	Apresenta a teoria da liquidez na modernidade e sociedade. Expõe o conceito de fundamentalismo religioso.	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
Anthony Giddens	Fundamentalismo Religioso	"O descreve como um movimento de adesão incondicional a determinados valores e crenças, cujos adeptos têm um entendimento literal dos seus livros sagrados."	Texto	Fundamentalismo Religioso	214
Eric Hobsbawn	Monopólio do poder	"Relacionou o aumento da violência no mundo atual com as guerras no final do século XX, quando os Estados nacionais perderam o monopólio do poder e da violência, que fazia com que os cidadãos respeitassem a lei."	Texto	Desfazendo mitos	215
Carl Clausewitz	Guerra	"de que toda guerra se subordina aos interesses políticos."	Texto	Conflitos Religiosos no Mundo	219

FONTE: O autor.

Pode-se perceber, a partir destes dados, que o texto didático se concentra em três grandes pilares acerca da religião. O primeiro deles refere-se à conceituação e à definição do fenômeno religioso; o segundo, ao processo de globalização e à sua relação com a secularização por meio do fundamentalismo religioso, bem como a dimensão conflituosa da religião que ocasiona processos violentos de intolerância religiosa.

3.3 O QUE CONTAM AS IMAGENS?

Sociologia (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017) é composto por trinta e seis imagens. Dentre elas, há figuras, mapas, fotografias, infográficos, como podem ser observadas no Quadro 39.

QUADRO 39 – Imagens em *Sociologia*

Tipo	Autoria/Ano	Descrição	Seção	Título da Seção	Pg.
Fotografia	Daniela Souza, 2009	Ritual de oferendas para o Orixá Iemanjá, realizado durante a madrugada do primeiro dia do ano em Santos (SP)	Capa do capítulo	Sociedade e Religião	201
Ilustração	Felipe Rocha, sem ano	Dois representantes religiosos pintam o símbolo "Paz e amor"	Canto superior externo ao texto	Sem título	203
Pintura	Bildarchiv Steffens, Séc. XVI	Representação do profeta Maomé, fundador do Islamismo.	Canto superior externo ao texto	Sem título	205
Pintura	Diego Velázquez, 1632	Cristo na cruz.	Canto superior externo ao texto	Sem título	205
Fotografia / Escultura	Miguel Morais, 2013	Escultura de Julian Kumar representando o orixá Xangô.	Canto superior externo ao texto	Sem título	205
Fotografia / Escultura	Museu de Lahore, Séc. IV	Escultura paquistanesa representando Buda.	Canto superior externo ao texto	Sem título	205
Fotografia	Sanjay Kanojia, 2016	Artista indiano faz apresentação vestido como a deusa Kali durante o festival de Maha Shivaratri, em Allahabad.	Canto inferior externo ao texto	Sem título	207
Fotografia	Luis Lima Jr., 2015	Show gospel realizado em São José dos Campos (SP).	Centro direito lateral ao texto	Sem título	208
Pintura	Quentin Matsys, 1444	Homem e mulher numa mesa. Ambos deixam de olhar a bíblia e olham o dinheiro	Canto inferior externo ao texto	O banqueiro e sua esposa	209
Fotografia	Andrea Astes, 2015	O sociologia Zygmunt Bauman	Canto superior externo ao texto	Sem título	211
Fotografia	Juliana Knobel, 2014	O templo de Salomão em São Paulo	Canto inferior externo ao texto	Sem título	213
Fotografia	Ismoyo, 2011	Manifestante indonésios reivindicam a expulsão da população Ahmadiyah, grupo islâmico considerado herético.	Canto inferior externo ao texto	Sem título	214
Fotografia	Giuseppe Ciccio, 2015	Membros da comunidade islâmica em Roma durante ato contra o terrorismo.	Canto inferior externo ao texto	Sem título	215
Fotografia	B. Mathur, 2015	Míssil exibido durante desgila de comemoração do Dia da República em Nova Délhi, Índia.	Canto inferior externo ao texto	Sem título	217
Fotografia	Joseph Eid, 2015	Cemitério cristão na cidade de Aleppo, na Síria, após ataque de bomba do Estado Islâmico.	Interno ao box. Central.	Sem título	219
Fotografia	Yves Herman, 2015	Ativistas tibetanos pró-independência em frente à sede da União Européia na Bélgica.	Interno ao box. Central.	Sem título	219
Fotografia	Afolabi Sotunde, 2016	Mães de estudantes sequestradas em Chibok choram em encontro com o presidente da Nigéria, em Abuja.	Interno ao box. Central.	Sem título	219
Fotografia	Júlio Brathwaite, 2013	Campo de refugiados sul-sudaneses em Juba, no Sudão do Sul.	Interno ao box. Central.	Sem título	219

Tipo	Autoria/Ano	Descrição	Seção	Título da Seção	Pg.
Fotografia	Ammar Awad, 2015	Policiais israelenses detêm manifestante palestino durante confrontos em Jerusalém, Israel.	Interno ao box. Central.	Sem título	219
Fotografia	Muanmar, 2015	Imigrantes rohingya em barco próximo à costa sul de Mianmar.	Interno ao box. Central.	Sem título	219
Fotografia	Ammar Awad, 2015	Policiais israelenses e ativistas palestinos durante protesto em Belém, na Cisjordânia.	Interno ao boxat "pesquisa"	Sem título	220
Fotografia	Acervo FSP, 1978	Chico Xavier psicografando	Canto superior externo ao texto	Sem título	222
Fotografia	João Alvarez, 2014	Fiéis durante lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim.	Canto inferior externo ao texto	Sem título	222
Fotografia	Mário Friedlander, 2015	Índigena bororo sendo preparado para um ritual Meruri em MS.	Canto superior externo ao texto	Sem título	223
Ilustração	Filipe Rocha, sem ano	Escritor andando de skate.	Centro esquerdo lateral ao texto	Sem título	224
Fotografia / Capa do livro	Rep. Editio Contexto	Capa do livro.	Centro direito lateral ao texto	O mundo muçulmano	225
Fotografia / Capa do filme	Ivan Strasburg	Capa do filme.	Centro direito lateral ao texto	Domingo Sangrento	225
Fotografia / Capa do filme	Divulgação Embrafilmes	Capa do filme.	Centro direito lateral ao texto	O pagador de promessas	225
Fotografia / Capa do livro	Rep. Companhia das Letras	Capa do livro.	Centro esquerdo lateral ao texto	Globalização, democracia e terrorismo	228
Fotografia / Capa do livro	Rep. Editora Contexto	Capa do livro.	Centro direito lateral ao texto	Faces do fanatismo	228
Ilustração	Filipe Rocha, sem ano	O globo é um quebra-cabeça jovem com uma peça para encaixe em mãos.	Centro direito lateral ao texto	Sem título	228
Ilustração / Mapa	Banco de Imagens, sem ano	Mapa político organizado por território e respectivas religiões.	Interno ao box. Central	Religiões praticadas no mundo	206
Ilustração / Mapa	Adaptado IBGE, 2012	Atlas geográfico escolar.	Interno ao box. Central	Conflitos religiosos no mundo contemporâneo	218
Ilustração / Mapa	Adaptado CENSO, 2010	Mapa da população evangélica no Brasil.	Central. Externo ao texto	População evangélica no Brasil por estado em % (2010)	221
Ilustração / Mapa	Adaptado CENSO, 2010	Mapa da população católica no Brasil.	Central. Externo ao texto	População católica apostólica romana no Brasil por estado, em % (2010)	221
Ilustração / Mapa	Fund. Getúlio Vargas, 2015	Proporção de católicos no Brasil.	Interno ao box. Teste seus conhecimentos	Proporção de católicos na população	225
Ilustração / Mapa	Fund. Getúlio Vargas, 2015	Proporção de católicos entre os jovens no Brasil.	Interno ao box. Teste seus conhecimentos	Proporção de católicos entre os jovens (por faixa etária, em %)	225
Ilustração / Logotipo	Rep. Illeorixá, 2015	Logotipo do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa	Interno ao box. Central	Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa	202

FONTE: O autor.

Onze destas imagens referem-se aos protestos ou aos desdobramentos de conflitos religiosos. A primeira imagem é uma ilustração de Felipe Rocha (apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 203), em que dois representantes religiosos pintam o símbolo de “Paz e Amor”. A fotografia de Ismoyo (2011 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 214) retrata manifestantes indonésios reivindicando a expulsão da população Ahmadiyah – grupo indonésio considerado herético. Protesto contra o

terrorismo feito por membros da comunidade islâmica é exibida na fotografia de Giuseppe Ciccia (2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 215).

Há também imagens de protesto contra ou a favor a um determinado grupo religioso, como a exibição de míssil durante a comemoração do dia da república em Nova Délhi (MATHUR, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217); um cemitério cristão na cidade de Aleppo depois de explosão de bomba do Estado Islâmico (EID, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219); ativistas tibetanos pró independência em frente à sede da União Europeia na Bélgica (HERMAN, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219); mães de estudantes sequestradas em Chibok, chorando ao encontrar o presidente da Nigéria (SOTUNDE, 2016 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219); policias israelenses detendo um manifestante palestino durante confrontos em Jerusalém (AWAD, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219); policiais israelense e ativistas palestinos durante protesto na Cisjordânia (AWAD, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 220).

A obra didática aposta em imagens que ilustram os locais de conflitos religiosos, como o campo de refugiados sul-sudaneses no Sudão do Sul (BRATHWAITE, 2013 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219); imigrantes rohingya em barco próximo à costa Sul de Mianmar (MUANMAR, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219).

Além disso, cinco imagens ilustram divindades ou líderes religiosos. Maomé é representado na pintura do século XVI de Bildarchiv Steffens (apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 205); Jesus Cristo na cruz, na pintura de Diego Velázquez (1632 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 205); o Orixá Xangô na fotografia de Miguel Moraes (2013 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 205); Buda, em escultura do Século IV, no Museu Lahore (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 205). O líder religioso do espiritismo Chico Xavier aparece psicografando, em foto sem autoria, do Acervo FSP (1978 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222). Chama atenção também uma fotografia do Templo de Salomão (KNOBEL, 2014 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 213). Essas imagens se articulam com o texto, conforme as autoras abordam o pluralismo religioso, agindo de modo a ilustrar as diferentes religiões, as suas divindades e líderes.

Nesta abordagem de ilustração das diversas religiões, várias imagens referem-se aos rituais religiosos ou às práticas coletivas da religiosidade. A abertura do capítulo possui uma fotografia, em dois terços da página, que retrata um ritual de

oferendas para o Orixá Iemanjá (SOUZA, 2009 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 201). Um ritual para a deusa Kali (KANOJIA, 2016 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 201); fiéis lavando as escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim (ALVAREZ, 2014 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222); um indígena bororo sendo preparado para um ritual Meruri (FIREDLANDER, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 223) são exemplos de fotografias que também estão presentes ao longo do capítulo.

Ainda no campo imagético do livro didático, a fotografia de um show gospel, realizado em São José dos Campos (LIMA, 2015). Aparecendo com menor frequência por meio de imagens na obra, os rituais expressam distintos modelos de vivência da religiosidade, denotando a aposta das autoras no pluralismo de práticas religiosas. Inclusive, elas utilizam um logotipo (ilustração) do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa que reforça o pressuposto de respeito às diversas religiões.

Os mapas também estão presentes na literatura didática, como o mapa político organizado por região e respectivas religiões, atlas geográfico escolar, mapa da população evangélica do país, o mapa da população católica e da sua proporção no Brasil. A proporção de católicos jovens no país também está representada. Os mapas informam a quantidade de religiosos de determinadas religiões no país, aplicando ainda a ilustração gráfica para gerar um panorama da transformação da religiosidade ao longo da história. Outras duas imagens aparecem de forma menos conectada com a literatura didática: a fotografia de Zygmunt Bauman (ASTES, 2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 211) e a ilustração de Filipe Rocha (2015 apud ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 224), em que um escritor anda de skate.

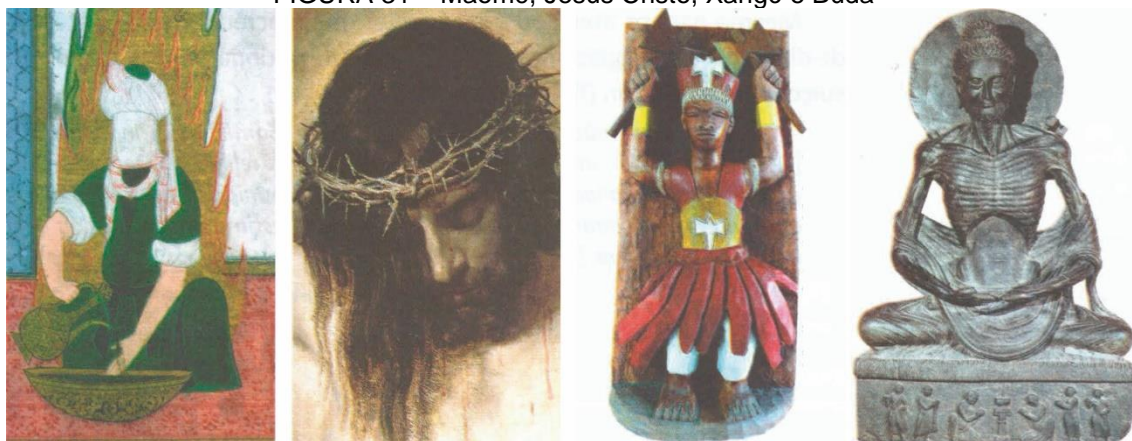
Este conjunto de imagens aponta uma tendência no livro: a preocupação em ilustrar diversas religiões, por meio de seus rituais, assim como as divindades e a defesa da liberdade religiosa. Contudo, o que desperta interesse é que, a partir dos dados de conceitos e de categorias, autores e teorias, essas questões elencadas aparecem de forma muito discreta e/ou de forma indireta. Assim, é possível assinalar que a discussão de pluralismo religioso, em *Sociologia*, constitui-se no campo imagético dessa obra didática.

3.4 A RELIGIÃO “AQUI”: A PLURALIDADE RELIGIOSA BRASILEIRA

O “Fenômeno Religioso”, segundo título do capítulo 7 de *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017), é iniciado com uma frase que indica a tônica de todo o material pedagógico: “A religião é uma das dimensões da cultura e serve ao indivíduo e à coletividade como fonte de concepções sobre o mundo” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 204). Nesse trecho, é possível observar que a discussão sobre a religião se assenta no campo da cultura, ou seja, como uma dimensão da vida relacionada às práticas, aos costumes e às formas de elaborar ideologias, como é completado na citação seguinte: “Estão em sua base (da cultura) a vontade de crer das pessoas e a construção de uma manifestação coletiva com base na crença” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 204). Como principal elemento da dimensão cultural, o livro didático constrói a sua narrativa em torno da crença, proporcionando-lhe uma base compartilhada da experiência vivida.

Crença atravessa todo o texto pedagógico, acionada exclusivamente no contexto textual, sendo o fio condutor do raciocínio proposto. Ela incorpora outras categorias e conceitos alocados no texto, nos *boxes*, nas imagens e nas atividades. “Os responsáveis pela produção do conjunto de crenças religiosas são personagens místicos, como Jesus Cristo, Maomé, Buda” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 204), ao fazer essa afirmação, o texto didático faz o chamamento de imagens de líderes religiosos.

FIGURA 31 – Maomé, Jesus Cristo, Xangô e Buda

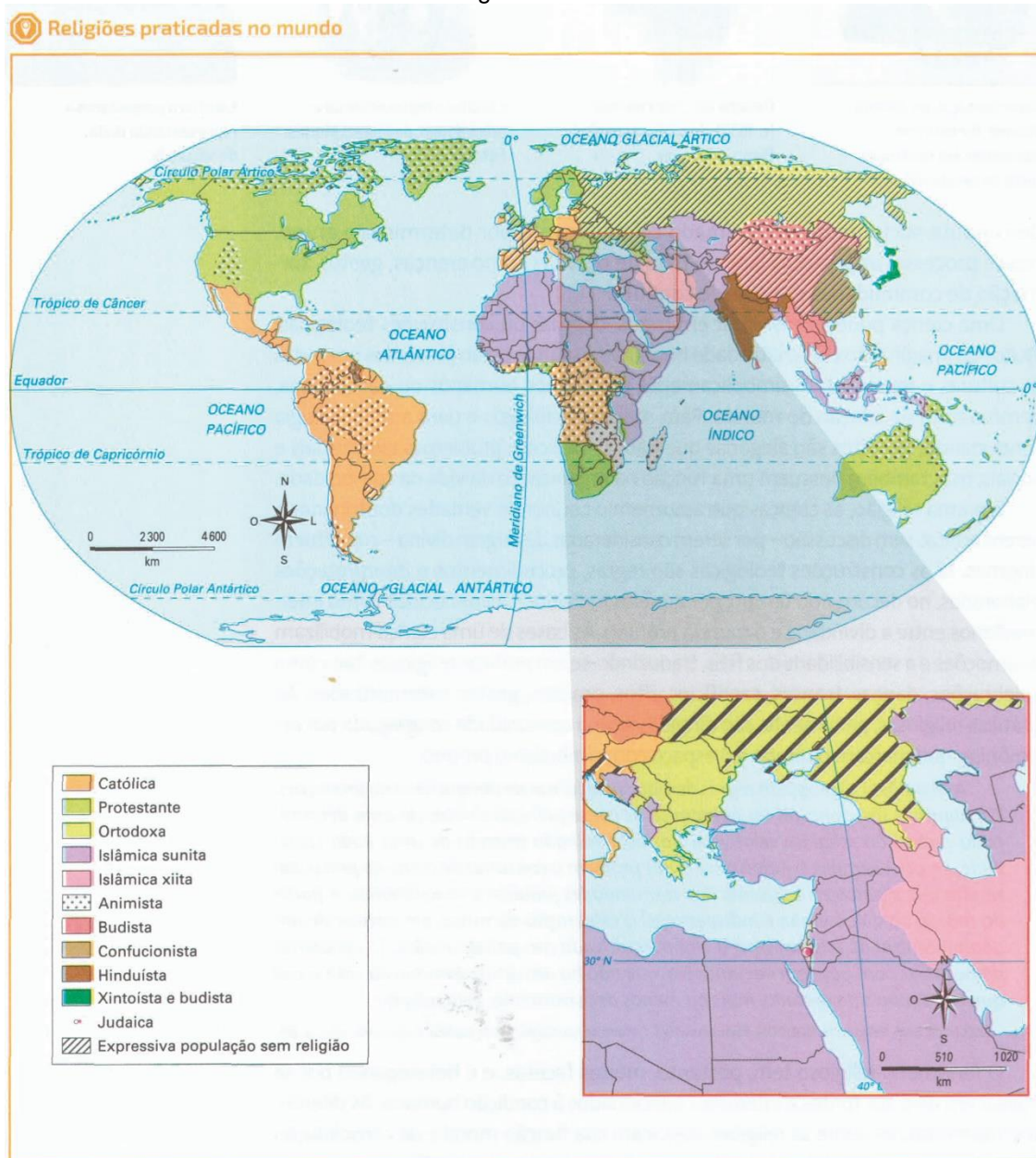


FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

As imagens de líderes religiosos utilizadas abarcam uma gama de diferentes religiões: O Islamismo, o Cristianismo, a Umbanda e o Budismo. Ao elencar figuras de diversas religiões, o livro didático assume que, embora haja uma diversificação religiosa, todas elas se encontram em um ponto comum e dispõem-se nas mesmas

bases, nesse caso, na crença. Ela resulta de um fazer-crer em indivíduos que carecem de ensinamentos e sabedorias compartilhadas. Eles, por sua vez, elaboram formas de ver o mundo, como é possível pressupor a partir da afirmação: “As bases de uma crença mobilizam as emoções e a sensibilidade dos fiéis, traduzindo-se em práticas religiosas, tais como celebrações, danças, transes, sacrifícios, ritos, orações, gestos sistematizados” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 205). Nesse trecho, é mostrado, no livro didático, um mapa que elenca as principais religiões praticadas no mundo.

FIGURA 32 – Religiões Praticadas no Mundo



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

A imagem apresenta uma vasta gama de religiões, embora considere que o Brasil e a América do Sul vivam a religiosidade católica. Com esse mapa, o livro didático constrói uma noção das religiões “aqui”, ou seja, uma dimensão local do fenômeno religioso, além de uma dimensão global, o “lá”. Essa diferenciação ganha forma perante toda a narrativa didática, principalmente, por intermédio do recurso imagético.

Ao tratar da dimensão local, entretanto, há uma contradição imagética. Mesmo ao assumir, com o uso do mapa, que o Brasil é adepto da religião católica, outras religiões do país são representadas por meio de imagens de rituais no decorrer do livro. A fotografia que abre o capítulo, inclusive, versa sobre um ritual da Umbanda, como dito anteriormente.

FIGURA 33 – Ritual para Iemanjá



Ritual de oferendas para o orixá Iemanjá, realizado durante a madrugada do primeiro dia do ano em Santos (SP), 2009.

FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

A fotografia de 2009, tirada em Santos (SP), tem como legenda: “Ritual de oferendas para o Orixá Iemanjá, realizado durante a madrugada do primeiro dia do ano [...]” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 201). Na fotografia, fiéis estão de mãos

dadas em círculo ao redor de velas e flores na areia da praia. A legenda e a imagem dão ênfase ao ritual sem a caracterização de uma religião. É sabido que o Orixá Iemanjá é uma divindade das religiões de matrizes africanas, a Umbanda e o Candomblé. Todavia a construção da narrativa imagética localiza o ritual, de forma desvinculada de uma determinada religião, no campo da cultura, localizando a experiência ritualística em um campo da vivência da religiosidade.

A indefinição da religião referente ao ritual marca o sincretismo religioso, tema muito explorado no título: “A religiosidade no Brasil”. Ao refletir sobre as distintas experiências religiosas no país, as fotografias assumem o tom do sincrético, que, nas palavras das autoras: “o sincretismo não é próprio do campo da religião, mas da cultura, e procede de uma relação desigual entre duas culturas ou religiões” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222).

Este texto aciona três imagens: uma de Chico Xavier, líder da religião Espírita no Brasil, outra de fiéis no ritual de lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim e, por fim, um ritual indígena na aldeia Meruri.

No texto didático, os dados do Censo são trazidos com a finalidade de apresentar o baixo percentual de adeptos de religiões não cristãs: “os seguidores da umbanda e do candomblé mantiveram-se em 0,3% em 2010, enquanto a população que se declara espírita passou de 1,3% em 2000, para 2% em 2010” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222). Esse trecho endossa a distribuição do mapa, que indica um Brasil majoritariamente católico.

Já com a afirmação: “Embora sejam contingentes populacionais pequenos, a presença dessas religiões é significativa nas representações sociais e nas manifestações culturais e artísticas brasileiras” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222), a vivência da religiosidade das religiões africanas e da espírita é colocada no campo da cultura, tendo, por sua vez, relevância no campo artístico e na cultura popular. A noção das religiões não cristãs-tradicionais, como uma expressão de cultura, é impressa nas fotografias que compõem a obra didática de maneira exclusiva.

FIGURA 34 – Lavagem das Escadarias na Igreja do Senhor do Bonfim



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

Na fotografia (Figura 34), há a tradicional festa de lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim, na cidade de Salvador, na Bahia. Nela, são representadas as mulheres negras, paramentadas com as vestimentas brancas das religiões de matrizes africanas, requisito para rituais nos terreiros de Umbanda e de Candomblé. Nos pescoços, elas carregam as contas e as guias, objetos sagrados relativos a essas religiões. As faixas, brancas, azuis ou amarelas indicam a filiação a um determinado orixá. Nesse sentido, é possível perceber um deslocamento da estrutura didática, da caracterização da religião, para uma expressão eminentemente cultural e popular, como resultado de um processo de incorporação no campo da cultura.

Ao mobilizar a população indígena e a sua religiosidade, o tom que marca o texto é da vasta diferenciação da experiência religiosa, bem como de uma “curiosidade” cultural.

FIGURA 35 – Ritual na Aldeia Meruri



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

A citação “As religiões dos indígenas brasileiras são tão diversas quanto os povos que habitam o território nacional, e muitas delas ainda hoje são praticadas” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222) aciona a fotografia cuja legenda trata “Índigena bororo sendo preparado para um ritual, na aldeia Meruri” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 223). É ilustrado o ritual para expressar a religiosidade de um determinado povo. Na imagem, uma mulher indígena pinta o rosto de uma criança com tinta preta. O jovem, com olhos voltados para lente do fotógrafo, aparenta concentração. Em seu pescoço, há um colar. No pescoço da mulher, um colar de flores. Ao fundo da imagem, em desfoco, chocares de penas azuis e vermelhas. A fotografia em si demonstra a realização de um ritual indígena.

Outra caracterização ritualística da religião é feita com o Espiritismo. No canto superior direito da página, abrindo a página, há uma fotografia de Chico Xavier, líder espírita, com a mão sobre os olhos, o que indica a psicografia de uma carta, sentado em uma mesa branca, ao lado de duas pessoas. Na legenda: “Francisco Cândido Xavier, foi um médium, filantropo e um dos expoentes do espiritismo” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 222). Embora, aqui, o ritual da psicografia de cartas dos espíritos, em que o plano espiritual se comunica com o plano carnal, esteja presente, o conteúdo é trazido para a figura do líder, isto é, para a referência messiânica da religião, como apresentada anteriormente, no Islamismo, na Umbanda e no Budismo.

FIGURA 36 – Chico Xavier Psicografando



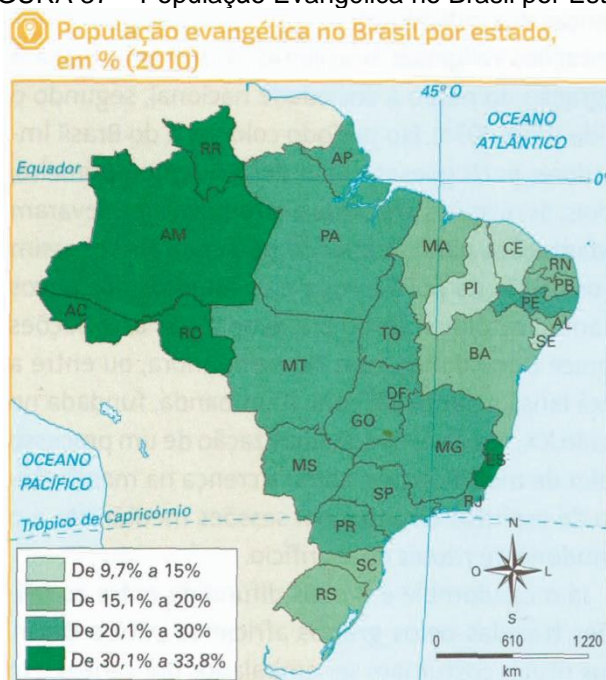
FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

Posso perceber que, ao tratar da religiosidade no Brasil, há uma diferenciação estabelecida entre as religiões cristãs tradicionais (católica e evangélica) e as religiões de outras bases filosóficas. Enquanto estas são entendidas como pequenas

comunidades culturais e tem sua representação imagética relacionada aos rituais, essas são referidas como majoritárias e representadas por meios de números, com representação visual por meio de gráficos (Figura 37 e Figura 38).

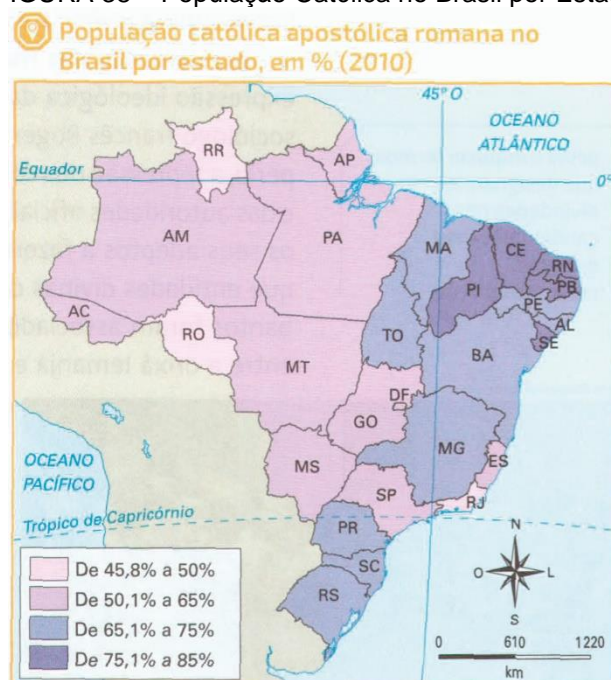
A chamada, no texto didático: “embora os católicos ainda sejam a maioria da população brasileira, a proporção com relação ao total caiu de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 221), assume que, embora o cenário de adeptos ao catolicismo tenha mudado ao longo dos anos, essa religião ainda é a de maior expressão na sociedade brasileira, se contrastada com a evangélica, por exemplo: “Já os seguidores de denominações evangélicas, que representavam 15,4% da população em 2000, chegaram a 22,2% em 2010” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 221). Na sessão A Religiosidade no Brasil, o cotejo entre as religiões mais tradicionais é estabelecido por meio da quantidade de adeptos e pela expressão quantitativa da sociedade, colocando, de maneira sutil, as transformações não no campo religioso brasileiro, mas sim do cristianismo dominante no país.

FIGURA 37 – População Evangélica no Brasil por Estado



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 38 – População Católica no Brasil por Estado



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

Neste movimento da relação de adeptos e território, o título da seção dialoga com dois mapas que demonstram a quantidade de fiéis das duas principais religiões no país, bem como a sua incidência por estado. A construção imagética, no livro didático, propõe que a crença mais experienciada no Brasil seja a cristã, haja vista a substancialidade de pessoas que professam tal religiosidade. Entre católicos e evangélicos, a quantidade de fiéis, em todos os estados do Brasil, é de 86,8%.

É possível perceber também, por intermédio dos distintos artifícios pedagógicos utilizados, uma construção da noção de religião do “aqui”, ou seja, a nacional. Embora as autoras não definam o Estado brasileiro como cristão, as religiões pautadas no cristianismo são entendidas por intermédio das grandes massas e do alto número de adeptos, sendo indicadas por dados quantitativos. Por outro lado; as religiões com menos adeptos, como a Umbanda, Candomblé, Espiritismo e religiões indígenas, são representadas e entendidas por meio dos rituais, ou seja, pela diferença.

A religião no Brasil, no livro didático *Sociologia*, sugere uma pluralidade religiosa no âmbito das distintas formas que as pessoas vivem a religiosidade, aderindo a distintos rituais religiosos, os quais já se consolidaram na cultura popular brasileira. Por outro lado, indica também uma concentração religiosa ao que tange ao número de adeptos das religiões cristãs.

3.5 ENTRE ARMAS, BALAS E TANQUES: O CONFLITO COMO CATALISADOR DA RELIGIÃO

“Conflitos entre budista e muçulmanos matam 20 em Mianmar” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217); “Explosões atribuídas aos Boko Haram deixam mortos na nigéria” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217); “Décimo monge tibetano ateia fogo ao corpo em protesto na China” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217) são enunciados de um *box* em destaque, no início da página. A seção do livro didático intitulada Conflitos Religiosos no Mundo propõe uma discussão sobre a relação da crença e da violência em seu nome.

FIGURA 39 – Conflitos Religiosos



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

Os enunciados do *box*, em negrito, versam sobre os conflitos religiosos que resultaram várias mortes. Neles, independente do conflito, o foco recai sobre a violência. Ao ser acionado, no começo da seção, de maneira tão delineada, o conteúdo do *box* produz uma noção de que, havendo alguma discordância de crenças, a violência será eminente.

O *box* aciona o texto didático, que, por sua vez, aprofunda a dimensão conflituosa da religião por intermédio dos seguintes enunciados: “Esses conflitos, entretanto, não são os únicos. Podemos citar também, as ações desencadeadas pelo Exército Republicano Irlandês, o IRA” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217); “A guerra entre palestinos e israelenses, desde a criação do Estado de Israel, em 1948” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 227); “O aspecto religioso também é invocado na disputa entre Índia e Paquistão pela posse da região da Caxemira, de maioria muçulmana, configurada com uma batalha entre hindus e muçulmanos” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217); “Em países africanos – especialmente República

Democrática do Congo, Ruanda e Burundi –, nos anos 1990, violentos embates foram apresentados como de caráter étnico-religioso” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217).

Nesse sentido, é importante perceber que a vasta lista de conflitos religiosos, elencados no livro didático, se refere a outros países, principalmente, aos orientais e aos do continente africano. Se por um lado, para as autoras, a religião no Brasil se consolida por meio do sincretismo religioso, ou seja, da junção de diversas crenças, na cultura popular, por outro, a dimensão externa, o “lá”, assenta-se nos conflitos.

A religião, pela perspectiva externa, é acionada para ilustrar o distanciamento do contexto brasileiro. Para tanto, as autoras utilizam um mapa, que ocupa quase duas páginas completas. Nele, na lateral superior direita, há um pequeno mapa que indica os pontos que serão observados: a África, Ásia e Europa. No plano maior, há um *zoom* em países cujos conflitos estavam estabelecidos, como a Nigéria, Sudão do Sul, Síria, Iraque, Tibete, Israel, Palestina e Mianmar.

FIGURA 40 – Conflitos Religiosos no Mundo Contemporâneo I

❶ Conflitos religiosos no mundo contemporâneo



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

Nigéria, Sudão e Sudão do Sul, localizados no continente africano, tem destaque na primeira parte do mapa. Na fotografia que ilustra o quadro do país, no plano central, há duas mulheres: uma delas chora intensamente, enquanto a outra, com expressão de profunda tristeza, tem as mãos sobre a cabeça, num movimento de descrença. No texto do quadro, o relato é sobre o sequestro de estudantes pelo grupo Boko Haram, que “busca impor a Charia-legislação islâmica baseada nos preceitos religiosos” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 218). No texto, o grupo é considerado como um promotor de “diversos ataques terroristas na região, como o sequestro de 257 estudantes” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 218). É possível perceber, nesse sentido, que esse livro didático entende as ações extremistas de cunho religioso como terrorismo.

Na fotografia seguinte, Sudão do Sul e Sudão, é registrado um grupo de pessoas sob um sol escaldante, carregando pertences, bacias, roupas. A imagem denota um sentido de transitoriedade, de mudança, de migração. Há nela uma certa atmosfera de condições desumanizadas. A legenda se incumbe de contextualizar a fotografia, como um campo de refugiados sul-sudaneses, no Sudão do Sul: “Fatores étnicos, políticos e econômicos contribuem para o conflito entre o norte, de maioria muçulmana, e o sul do país, de maioria cristão e recentemente proclamado independente como Sudão do Sul” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 218).

As imagens e o texto presente nas caixas do *box*, referente a estes países, tem um padrão: ambas ilustram, guardadas as suas especificidades, a dor ocasionada pela violência do conflito. A tônica das imagens está na fragilidade e na vulnerabilidade do ser humano, retratadas como consequências de atos extremistas de cunho religioso. Embora, ao referir-se ao Sudão do Sul, o texto considere elementos econômicos e sociais como parte do conflito, o marcador religioso toma centralidade na descrição.

Na segunda página do *box*, são acionados países do continente asiático, como a Síria, Iraque, Israel, Palestina, Tibete e Mianmar. Nos quadros que compõem o *box*, referente a cada país, uma imagem e um texto são chamados. Nos textos, há uma breve explicação dos conflitos com dimensão religiosa, protagonizada por esses países. Se, no caso dos países africanos, as imagens constroem as suas narrativas considerando a dor, ao tratar o Oriente Médio, a tônica é reajustada para o enfrentamento.

As legendas das fotografias referentes a Israel, Palestina e Tibete dizem “policiais israelenses detém manifestante palestino durante confrontos em Jerusalém” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219) e “ativistas tibetanos pró-independência em frente à sede da União Europeia” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219). Assim, é possível perceber que para além do foco no conflito, as autoras consideram as tensões políticas que emergem da divergência religiosa, ampliando a noção de conflito não só como violência, mas também como uma disputa ideológica e/ou política.

FIGURA 41 – Conflitos Religiosos no Mundo Contemporâneo II



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

No texto da caixa relativa ao Iraque e Síria, são trazidos diversos conflitos de ordem religiosa, por diversos grupos, mas a ênfase se localiza em “um dos principais acontecimentos recentes foi o fortalecimento do Estado Islâmico, um grupo muçulmano sunita fundamentalista que persegue os muçulmanos xiitas” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219). Na fotografia, um cemitério da Síria após um ataque aéreo feito por bomba.

Referente aos conflitos que envolvem muçulmanos, há o caso de Israel e Palestina. Na fotografia, policiais com forte armamento bélico, roupas especiais e capacetes, imobilizam um homem na rua. A legenda informa ser um manifestante palestino em confronto, em Jerusalém. O texto reafirma o desacordo: “os conflitos religiosos entre judeus e muçulmanos em Israel tem origem no retorno em massa dos

judeus à chamada “terra prometida”, promovido pelo sionismo” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219).

Quando relacionadas aos conflitos do Oriente Médio, as imagens enfatizam os armamentos e os contextos de morte. No caso dos conflitos muçulmanos, a lógica é aprofundada. O *box* Pesquisa, uma modalidade de atividade, propõe que os/as estudantes pesquisem sobre algum conflito religioso: “levantando suas causas, batalhas e desdobramentos” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 219).

Assim, é possível compreender que o conflito é entendido por meio de três pilares: Ele tem uma 1) causa, ou seja, tensões em oposição, por conseguinte, batalhas – que são afirmadas pela vasta gama de fotografias e *boxes* ao decorrer do capítulo, entendidas principalmente pela violência; os 2) desdobramentos; e os 3) impactos ocasionados pelo conflito.

FIGURA 42 – Box Atividade: Pesquisa

Pesquisa



Em equipe, pesquisem sobre algum conflito tido como religioso ocorrido nos séculos XX e XXI, levantando suas causas, batalhas e desdobramentos. Após a busca de informações (em livros, mídias impressas e na internet), o resultado da pesquisa de cada grupo deve ser apresentado para a turma. Fiquem atentos para outras motivações, de natureza econômica, social e/ou política, que colaborem para uma melhor compreensão do conflito selecionado.

- Algumas sugestões de temas de pesquisa são:
 - o conflito palestino-israelense;
 - o conflito entre indianos e paquistaneses na região da Caxemira;
 - o conflito entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte;
 - a Revolução Iraniana e suas implicações no cenário atual do país;
 - os conflitos étnico-religiosos na região da ex-Iugoslávia nos anos 1990;
 - os conflitos na Síria;
 - a ação do grupo Estado Islâmico nas primeiras décadas do século XXI.

Policiais israelenses e ativistas palestinos durante protesto em Belém, na Cisjordânia. Foto de 2016.



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

A dimensão do conflito entre muçulmanos é, mais uma vez, acionada pelo viés do enfrentamento, na imagem que compõe o *box* de atividade. Policiais israelenses fortemente armados estão próximos a um ativista palestino. Embora a recorrência da força bélica se mostre intensamente como uma característica do conflito religioso, ao

tratar do Oriente Médio, as imagens parecem permitir agência de ambos os lados (militar e religiosa), reforçando o pressuposto da disputa ideológica. Nas imagens específicas dos conflitos na África, a tônica é construída por meio da dor, da perda, do irreparável, mobilizando a noção de fechamento, encerramento.

Embora com nuances específicas, a batalha é expressa em um vasto campo imagético, que contempla manifestações, conflito entre policiais e civis, cemitérios, campos de concentração, mísseis (Figura 43, Figura 44 e Figura 45).

FIGURA 43 – Manifestantes Indonésios



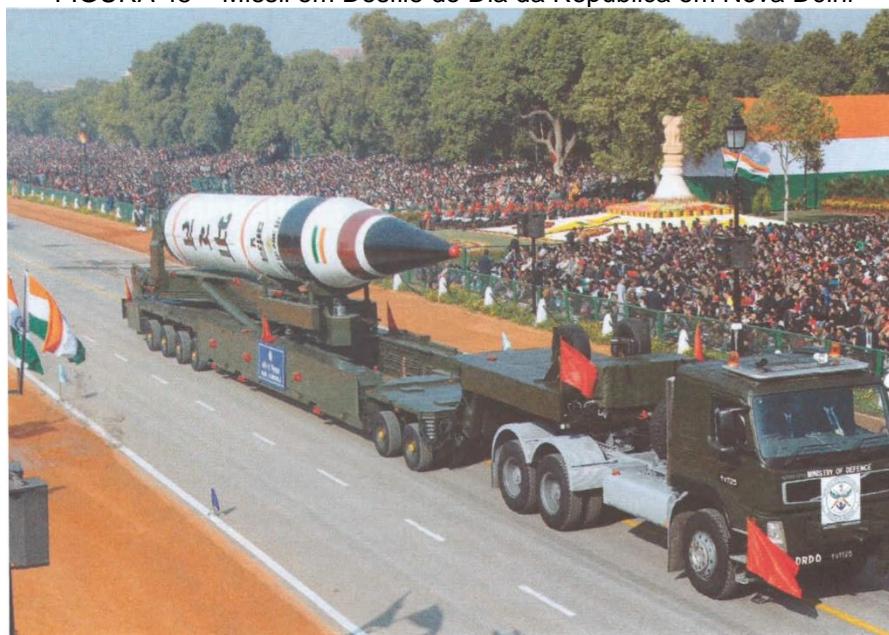
FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 44 – Islâmicas em Ato Contra o Terrorismo



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

FIGURA 45 – Míssil em Desfile do Dia da República em Nova Délhi



FONTE: Araújo; Bridi; Motim (2017).

O texto didático reconhece que os conflitos podem assumir distintas dimensões para além da religiosa, sendo uma faceta que se embute ou que proporciona o acirramento de guerras: “Será que é possível generalizar a denominação de tais conflitos como ‘guerras religiosas’? Até que ponto a religião é realmente um fator determinante nesses episódios? Será que, por trás da justificativa da religião, não existem outras razões?” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 217). Esses questionamentos são trazidos na seção Conflitos Religiosos no Mundo, o que sinaliza a existência de outros fatores em tais confrontos.

A crença, intensamente explorada na obra, torna-se a causa de conflitos. Não na sua singularidade, mas em contextos extremos, como o do Fundamentalismo Religioso, que é “um movimento de adesão incondicional a determinados valores e crenças, cujos adeptos têm um entendimento literal dos seus livros sagrados” (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017, p. 214). Nessa perspectiva, o livro didático constrói uma narrativa por meio de imagens, *boxes*, atividades, textos e mapas, para indicar que a religião, em contexto externo, tem um forte apelo popular de crença, o que acaba, por sua vez, tornando-a a causa de batalhas políticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de feitura do texto dissertativo, para mim, foi de aprendizado profundo. Primeiro, por conta do envolvimento e da lida com o trabalho de pesquisa, por conseguinte, pela apreensão do que esse envolvimento requer: repensar-se, repensar o texto, fazer adequações, respeitar os *insights*, ter uma escuta ativa com os seus pares, saber ouvir e, de extrema importância, compartilhar. Assim, escrever uma dissertação presume repensá-la constantemente.

Essa pesquisa teve por objetivo geral compreender de que maneira a religião, como um objeto de estudo das Ciências Sociais, constitui-se nos livros didáticos de Sociologia, aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2018. Especificamente, nos materiais didáticos *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, da Editora do Brasil, de autoria de Helena Bomeny e Bianca Freire-Medeiros (2017), e *Sociologia*, da Editora Scipione, de autoria de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim (2017).

A definição da construção deste objetivo geral foi construída ao longo dos primeiros meses do processo de escrita. Como mencionei na introdução, todos(as) nós, orientandos(as) da Profa. Dra. Eva Sheliga, participávamos de um grupo de pesquisa. Nele, semanalmente, apresentávamos nossas produções, conforme um calendário estabelecido, para os/as pares e orientadora. Nesse espaço, discutíamos potencialidades do trabalho apresentado, limites, caminhos possíveis e sugestões de modo geral. Essa troca, contribui intensamente para os procedimentos realizados nessa pesquisa.

Pensar o que se busca com a pesquisa exige um exercício rigoroso de refletir sobre aquilo que se quer observar. No início, o meu olhar tinha dificuldade para direcionar-se, atentar-se ao escopo do objeto. Muitas questões me norteavam: Como posso contribuir com o trabalho dos(as) meus/minhas colegas docentes? O que a religião ensina? Como está a religião no livro didático? A religião aparece em quais livros? Para entender a religião preciso me debruçar sobre todos os livros? Qual metodologia utilizar para analisar religião em livros didáticos? Quais autores são utilizados para tratar a religião nos livros didáticos?

Após muita reflexão e contribuição de pares e da orientadora, foi possível entender melhor qual era o objetivo geral da minha pesquisa: investigar de que maneira a religião, objeto de estudo da Ciências Sociais, constitui o material didático

de Sociologia. Em linhas gerais, o meu interesse era o de entender o processo de transformação do conteúdo científico, produzido pelas Ciências Sociais, em um conhecimento escolar, um conhecimento didático, direcionado para adolescentes do Ensino Médio.

Definido o objetivo geral, o próximo passo foi refletir como atingi-lo. A metodologia – um dos mais ricos aprendizados que obtive com a Eva, precisava se adequar ao objetivo, ou seja, os métodos e técnicas utilizados no trabalho precisariam contribuir para o acesso às respostas buscadas. Tinha, agora, outra pergunta: como analisar livros didáticos?

Mais uma vez, a partir de orientações individuais e em grupo, pude aos poucos formular uma organização dos meus dados. A metodologia de tabulação foi de profunda contribuição para apreender o meu objeto de estudo. Com ela, pude reunir todos os conceitos e categorias usados nos capítulos sobre religião. Percebendo, assim, a lógica subjacente dessa produção como uma recorrência de conceitos e categorias, a aproximação dela às áreas do saber das Ciências Sociais, como e onde esses conceitos eram mobilizados na estrutura do livro didático e a maneira como foram articuladas as categorias às dimensões do material: *boxes*, atividades, texto, indicações.

A mesma tabulação possibilitou a investigação de autores e teorias utilizados no capítulo. Com isso, foi possível apreender quais autores eram mais acionados, de que maneira isso ocorria, como a relação entre autor e sua teoria era estabelecida, quais elementos da obra didática mobilizavam a teoria das Ciências Sociais e como os autores e as teorias se organizavam dentro do livro didático. O mesmo tratamento foi realizado com as imagens por estarem presentes de forma intensa nos livros didáticos. A tabulação possibilitou verificar ainda a narrativa imagética produzida, a forma que as imagens foram trazidas para o conteúdo do livro, como elas foram acionadas e como elas acionam outros elementos, e principalmente, a narrativa adjacente das fotografias.

Dito isto, acredito que o objetivo geral proposto por esta pesquisa foi atingido. Nesse trabalho, pude apreender quais recortes do tema religião foram realizados e de que modo eles foram utilizados na literatura didática, de que maneira os conceitos e as categorias sociológicas, autores, teorias e imagens se articularam, na obra didática, para produzir um escopo conceitual sobre a religião. Por fim, de que modo a categoria

religião se constitui em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et al., 2017) e em *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017).

A Pluralidade ou Diversidade Religiosa – ambos os livros didáticos abordaram um ou outro deste conceito ao longo da obra. Ele está presente tanto em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* quanto em *Sociologia*. Os dois livros utilizaram a categoria Crença, que, conforme contexto de acionamento, introduziu outros conceitos e teorias, fazendo, principalmente, a apresentação de diversas religiões. Essa Pluralidade Religiosa foi trabalhada nas duas obras didáticas pela perspectiva local, ou seja, uma caracterização da diversidade religiosa brasileira, e pela global, em que contemplou outras religiões de práticas mais intensas em outros países.

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia (BOMENY et al., 2017), em seu capítulo intitulado: “O Brasil ainda é um país católico?” usou uma abordagem histórica sobre o fenômeno religioso no Brasil. O fio condutor do capítulo é o processo de institucionalização do Estado, e, por sua vez, da religião. A abordagem didática se assentou no conceito de secularização, cunhado por Weber, haja vista que, ao longo do texto didático, ele apareceu por meio de mapas, quadros, textos, atividades, informações e conteúdo, destinados a refletir o processo de mudança societária brasileira do campo religioso para o campo institucional. Nesse sentido, a Pluralidade Religiosa tem centralidade na obra. As imagens alocadas, no livro didático, expressam diferentes rituais religiosos, como religião católica, umbandista, evangélica etc., que contribuíram para a produção de um caráter ilustrativo da diversidade religiosa brasileira. A Pluralidade Religiosa brasileira foi organizada a partir das semelhanças das manifestações do religioso presente no Brasil, com ênfase no sincretismo, ocasionado pela cultura.

Já *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017), em seu capítulo “Sociedade e Religião”, abordou a religião em uma perspectiva globalizada. Entretanto, essa perspectiva se dividiu em duas camadas: a local (Brasil) e a global (outros países). Quando trazida a religiosidade brasileira, como em *Tempo Modernos, Tempos de Sociologia*, os rituais religiosos deram a tônica da aproximação entre as religiões, cujo foco permaneceu nas semelhanças entre as diversas religiosidades. Ao tratar da religião em outros Estados, a tônica se localiza nas diferenças, ou seja, nos conflitos, ocasionados por crenças religiosas, pautados, principalmente, no fundamentalismo religioso. Ao discutir a diversidade religiosa, o sustentáculo da narrativa didática se

construiu na categoria Crença, que, ao longo da obra, acionou diversas perspectivas da experiência religiosa.

A partir dos dados levantados neste estudo e das análises realizadas, foi possível perceber que a religião é, em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (BOMENY et al., 2017) e em *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2017), uma expressão social e cultural das crenças individuais das pessoas, manifestas nas diversas formas de vivência do fenômeno religioso, que se concretizam na fidelização de uma abordagem religiosa.

Considero que a trajetória intelectual que tracei nesta pesquisa contribui com a reflexão e a expansão de possibilidades de atuação pedagógica junto ao material didático de Sociologia. Ao preocupar-me com a compressão das partes componentes do livro que formam o todo, pude refletir sobre os diferentes caminhos praticáveis para a ação educativa. Evidenciei, ao longo do trabalho, que a tratativa sociológica de um tema, na aula de Sociologia, pode ter diversos pontos de partida, como as imagens, os conceitos, os autores e as teorias, além de que, por meio da ação pedagógica, múltiplos itinerários se revelam possíveis.

Espero que o meu trabalho possa contribuir de modo significativo com a apropriação do material didático de Sociologia, pelos(as) colegas docentes da disciplina, entendendo, inclusive, a apropriação do livro didático como um objeto passível de análise, investigação, pesquisa e prática, isto é, um instrumento vivo, que se define em seu manuseio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. Ensino Médio. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2017. 488 p.

BOMENY, Helena et al. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2017. 496 p.

BARBOSA, Wallace de Melo Gonçalves. **Criminalidade e Sociologia**: debatendo o crime no ensino médio por meio das aulas de Sociologia. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Programa de Mestrado Profissional de Ciências Sociais para o Ensino Médio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação 02/2012**. Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro didático para Educação de Jovens e Adultos PNLD EJA 2014. Brasília: Ministério da Educação, FNDE, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2018 – Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, FNDE, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa de avaliação e seleção de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2012 – Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, FNDE, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros Didáticos: PNLD 2018. Sociologia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. [Vol. 3].

BRASIL. **Lei nº 11.684**. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2 jun. 2008.

CAMPOS, Fernando Roberto. **A sociologia da educação nos cursos de formação de professores entre os anos 30 e 50: um estudo da disciplina a partir dos manuais didáticos**. 2002. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARMO, Erinaldo Ferreira; NASCIMENTO, Silas Cassio Gomes. O índio e o negro nos livros didáticos de Sociologia adotados no PNLD. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S.l.], v. 7, n. 14, p. 226-285, fev. 2015.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. **Adoção do livro didático de Sociologia na educação básica**: estudo com docentes da rede pública da Primeira Gerência Regional de Ensino da Paraíba. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Programa de Mestrado Profissional de Ciências Sociais para o Ensino Médio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2015.

CIGALES, Marcelo Pinheiro. Raymond Murray e a Sociologia Católica no Brasil: notas sobre um manual da década de 1940. **Café Com Sociologia**, São Paulo, p. 27-58, maio 2015.

DESTERRO, Fabio Braga do. **Sobre livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENGERRÓF, Ana Martina Baron. **A Sociologia no Ensino Médio**: a produção de sentidos para a disciplina através dos livros didáticos. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ERAS, Lúgia Wilhelms. A escrita sociológica e as temáticas dos livros coletâneas: debates contínuos e descontínuos. **Em Debate**, Santa Catarina, n. 14, p. 1-12, ago. 2016.

FOLHAPRESS. **Apresentação**. 2020. Disponível em: <https://folhapress.folha.com.br/paginas/afolhapress/apresentacao/index.shtml>. Acesso em: 1 mar. 2020.

FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTA, Rodrigues. Valéria. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 2009.

GAEDTKE, Kênia Mara. O conceito de classe: os livros didáticos de sociologia e a proposta de e.p. thompson. **Em Tese**, Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 65-80, dez. 2015.

GIUMBELLI, Emerson. A religião nos limites da simples educação: notas sobre livros didáticos e orientações curriculares de ensino religioso. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 53, p. 39-78, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista Sociologia**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOUVÊA, Angélica Gomes da Silva. **Arranjos familiares e educação**: uma análise das representações dos livros de sociologia do Programa Nacional do Livro Didático de 2015. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

HANDFAS, Anita. Os livros didáticos de Sociologia. **Revista Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 1-14, fev. 2013.

HANDFAS, Anita. As pesquisas sobre o ensino de sociologia na educação básica. In: SILVA, Ileizi Fiorelli; GONÇALVES, Danyelli. **A sociologia na educação básica**. São Paulo: Annablume, 2017.

LIMA, João Luiz de. **Livros didáticos de OSPB: análise sociológica dos conteúdos programáticos**. 2014. 176f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2014.

LIMA, Jorge Alexandro Barbosa de. **Sala de aula em movimento**: análise e proposta de material didático acerca do tema dos movimentos sociais no Ensino Médio. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2015.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia Hoje**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2017. 504 p.

MAÇAIRA, Julia Polessa. **O ensino de Sociologia e Ciências Sociais no Brasil e na França**: recontextualização pedagógica nos livros didáticos. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. 2000. 157f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MEUCCI, Simone. Sobre a rotinização da Sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. **Mediações**: Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 12, n. 1, p. 31-75, jul. 2007.

MEUCCI, Simone. Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 209-232, jun. 2014.

MORAES, Amaury Cesar. O que temos de aprender para ensinar Ciências Sociais? **Cronos**, Natal, v. 8, p. 395-402, 2008.

MORAES, Amaury Cesar. Desafios para a implementação do ensino de sociologia na escola média brasileira. **Cadernos do NUPPs**, São Paulo, ano 2, n. 1, set. 2010.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 35, n. 2, p.179-189, 16 out. 2013.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. **Sociologia para jovens do Século XXI**. 4. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016. 511 p.

PARANÁ. Gerência de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**: Sociologia. Curitiba, Secretaria de Estado da Educação (SEED), Curitiba, 2008.

PERUCCHI, Luciane. **Saberes Sociológicos nas escolas de nível médio sob a ditadura militar**: os livros didáticos de OSPB. 2009. Dissertação (Mestrado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

QUEIROZ, Jorge Jose Lins de. **O ensino de Sociologia hoje: práticas docentes e o livro didático**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Programa de Mestrado Profissional de Ciências Sociais para o Ensino Médio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2016.

SARANDY, Flávio Marcos. **A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. **Sociologia e Antropologia**, [s./l.], v. 4, n. 2, p. 391-431, 2014.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em Movimento**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2016. 512 p.

SILVA, Anicélia Ferreira da; CAVALCANTE, Thayene Gomes. Desafios da adoção de livro didático de sociologia e formação continuada de professores. **Revista em Debate**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 1-22, fev. 2012.

SILVA, Gabriela Montez Holanda da. **Formando o Cidadão e Construindo o Brasil: a socialização política nos manuais de Educação Moral e Cívica e de Sociologia**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Samira do Prado. **As interseccionalidades entre gênero, raça/etnia, classe e geração nos livros didáticos de sociologia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

VARGAS, Giovana Gabriela da Silva. **Pátio da igreja: religião e laicidade no contexto de uma escola pública**. 2019. 121 f. Trabalho Conclusão de Curso

(Graduação) – Curso de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.